

COMPRAR
14 ABR 1940

SERÕES



N.º 6

Dezembro
de 1905

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{DA} — Editores

132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Summario

MAGAZINE

PAG.

SILVA PORTO (Algumas breves notas.) (14 <i>illustrações</i>) por MANUEL PENTEADO	465
O-TSUKIMI (7 <i>illustrações</i>) por WENCESLAU DE MORAES	477
UM DIA DE UMA ELEGANTE LISBOETA DO SECULO XVIII (7 <i>illustrações de</i> ROQUE GAMEIRO e 2 <i>vinhetas</i>) por JULIO DANTAS.....	482
TOADA PARA AS MÃES ACALENTAREM OS FILHOS (4 <i>illustrações de</i> MORAES) poesia por AUGUSTO GIL	491
A POESIA DA PHOTOGRAPHIA (3 <i>photographias de</i> AFFONSO LOPES-VIEIRA)	494
D. FREI CAETANO BRANDÃO (No primeiro centenario de um benemerito) (13 <i>illustrações</i>) por VICTOR RIBEIRO.....	496
BOCAGE E A INQUISIÇÃO (4 <i>illustrações</i>)	510
OS PRESEPIOS DE BARRO (20 <i>illustrações</i>) por JOÃO BARREIRA.....	514
SE A MOCIDADE SOUBESSE... — IV (2 <i>illustrações</i>) por AGNES E EGERTON CASTLE.....	526
UM GRANDE AMIGO DAS CRIANÇAS (A proposito de ANDERSEN) (5 <i>illustrações</i>) por RIGMOR BENDIX	535
SONHO DESFEITO (12 <i>illustrações</i>) por RI-PANÇO	538
UNIVERSIDADE DE COIMBRA — 6. ^a parte (7 <i>illustrações</i>) por MANUEL DA SILVA GAYO	541
AZENHA DE VERÃO NO LEITO DO MONDEGO (<i>Photographia de</i> MESQUITA DE FIGUEIREDO)	545
OS SERÕES DOS BÉBÉS — O HOSPEDE DA NOITE DE NATAL (3 <i>illustrações e vinheta</i>) por EVA ROGERS.....	546
QUEBRA-CABEÇAS (3 <i>illustrações e 1 vinheta</i>).....	553
ACTUALIDADES (15 <i>illustrações e 1 vinheta</i>).....	555
UM CÃO IMITADOR (2 <i>illustrações</i>).....	563
A INVASÃO DE LISBOA (2 <i>photographias</i>)	564
O CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES Alcacer do Sal — Cabo de S. Pedro, na baixa-mar	513
Peniche — Manhã de sol	537

OS SERÕES DAS SENHORAS (53 *illustrações*)

A VARIEDADE DA MODA	93	INCONVENIENTES DOS TACÕES ALTOS	99
PELLES MODERNAS	93	PASSAROS QUE COZEM	99
CREANÇAS EM AUTÓMOVEIS	94	PELOS ALTOS	100
SAIAS PARA MENINAS NOVAS	95	CANDIDATAS AO THRONO DE HESPANHA....	101
TOILETTES DE VELLUDO	95	LAVORES FEMININOS	102
CHAPEUS MODERNOS	96	OS ARTISTAS DA MODA	106
OS NOSSOS FIGURINOS	96	CONSULTORIO DE LUIZA	113
CHAPEUS	97	NOTAS DA DONA DE CASA	114
A NOSSA FOLHA DE MOLDES	98		

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

NANANDO

Musica de ALEXANDRE REY COLLAÇO, texto de BRANCA DE CONTA COLLAÇO, *illustrações de* MORAES

4 paginas

Correspondencia dos « Serões ».

CONGRATULAÇÕES E PROMESSAS

Ao terminar com o anno de 1905 o primeiro volume da 2.^a serie dos *Serões*, cumpre-nos, com os cumprimentos de boas festas, renovar os nossos agradecimentos muito effusivos pelo mais que benevolo, antes caloroso, acolhimento concedido pelo publico de Portugal e Brazil á nossa revista. Repetimos o que já por mais de uma vez aqui exarámos: esse acolhimento excedeu toda a nossa expectativa, forçando-nos jubilosamente a reimprimir os primeiros numeros e a augmentar successivamente a tiragem dos seguintes.

Este prospero inicio augmenta as nossas responsabilidades, de sobra o conhecemos. Não nos sae do espirito a ancia de melhorar progressivamente os *Serões*, não só na parte material, como na litteraria e artistica. Graves contratempos temos tido a vencer, inherentes mais ou menos a uma empreza d'esta ordem n'um paiz em que os meios de publicação são infelizmente ainda deficientes. Envidamos todos os esforços para vencer, e confiamos em que elles sejam coroados de excellento resultado. Contamos com o auxilio de todas as pessoas que nos dois continentes falam a lingua portugueza e que nos possam dar informações, por qualquer forma graphica, sobre cousas da nossa terra ou do Brazil, que é um prolongamento espiritual da patria. Com esse effectivo auxilio, poderemos tornar os *Serões* uma publicação essencialmente portugueza, largamente instructiva e documentada, e excepcionalmente interessante para todos os individuos, seja qual fôr a sua profissão ou a sua classe social, que por todo o mundo estão ligados a nós por laços de patriotica solidariedade.

Eis a nossa aspiração, eis a esperança que

nos alenta em todos os sacrificios e no meio dos mais temerosos estorvos.

EXPEDIENTE

A parte — *Magazine* — dos *Serões* termina com este numero o seu 1.^o volume (2.^a serie.) Junto distribuimos as paginas de ante-rosto, rosto e indice d'esse volume. Para elle se estão manufacturando elegantes capas de encadernação, que forneceremos aos nossos assignantes pelo preço de 400 réis.

A parte — *Serões das Senhoras* — deve completar o volume no fim do 1.^o anno, isto é, em junho de 1906, assim como a parte — *Musica dos Serões*. Para guardar os numeros respectivos se estão elaborando egualmente umas elegantes pastas que poderão servir mais tarde para encadernação.

As tres collecções constituirão um interessante repositório que, em vista dos primores da encadernação, pode figurar dignamente nas mais elegantes bibliothecas, fornecendo em todo e qualquer tempo uma leitura amena e instructiva.

QUEBRA-CABEÇAS

Para os problemas apresentados no nosso n.^o 4, e os quaes numeramos respectivamente 1 (*As sommas desconhecidas*), 2 (*Medição do leite*), 3 (*Quanto tempo leva?*), recebemos decifrações dos seguintes amaveis correspondentes:

Antonio Alves de Mattos (3), Tito (1, 2 e 3), X Psilonn (1, 2 e 3), Bohemio-Arazede (3), Lanzudo da Lourinhã (1, 2 e 3), A. Tavares (1, 2 e 3), Visconde das Barbas (1, 2 e 3), Jovita Grandal (1), José Martins Barbosa (1 e 3), Dois caturros (1, 2 e 3), X. Y. Z. (1, 2 e 3), Matulino (1, 2 e 3).

O 1.º problema tem innumerables soluções, e varias por isso foram as respostas dos decifradores. Apresentamos apenas uma d'ellas, para amostra:

2	1	3	5	4
4	2	1	3	5
5	4	2	1	3
3	5	4	2	1
1	3	5	4	2

A medição do leite pode fazer-se da forma seguinte:

Tira-se da vasilha 3 decilitros para o copo que fica cheio. Deitam-se na medida de meio litro esses 3 decilitros. Torna-se a encher o copo, e, com parte do que elle contem, acaba de se encher a medida. Ficou pois no copo 1 decilitro. Despeja-se em seguida a medida na vasilha do leiteiro. Deita-se na medida o decilitro do copo. Enche-se este de novo, e juntam-se esses 3 decilitros ao que está agora na vasilha. Temos assim os 4 decilitros pedidos.

Quanto ao ultimo problema, a solução é simples. O homem começou com 55\$000 réis, e gastou 50 annos a accumular o capital.

Vamos agora ao já celebre problema

Onde irá parar?

e apresentemos a solução proposta pelo sr. Justiniano Esteves:

«Seja p um ponto da derrota desconhecida do navio que suppomos partir de O no equador e origem das longitudes (fig. 1).

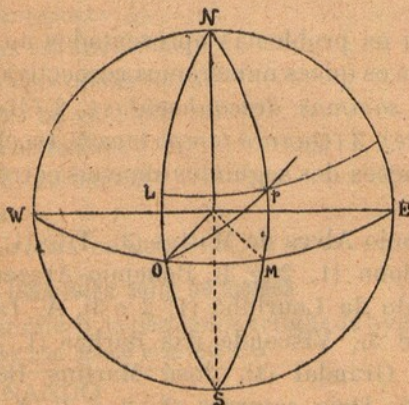


Fig. 1

Consideremos um arco infinitamente pequeno da derrota a partir de p , \overline{pD} que deverá pertencer ao circulo maximo que passa em p e é inclinado de 45° sobre \overline{pN} . Sejam

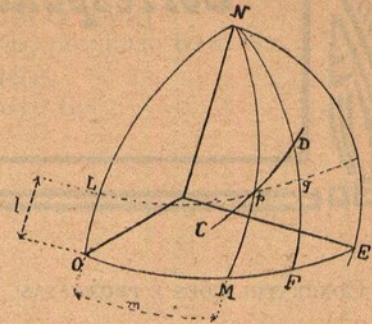


Fig. 2

agora dm e dl os acrescimos de longitude e de latitude relativos ao percurso pD ; será $dm = \overline{MF} = \widehat{N}$ e $dl = \overline{Dg}$. (fig. 2)

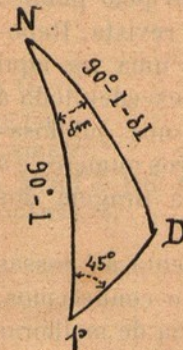


Fig. 3

Posto isto está formado um triangulo espherico NpD , (fig. 3) que passaremos a resolver afim de terminar a relação entre dm e dl que pela integração nos dará a equação da derrota procurada.

D'esse triangulo podemos, estabelecendo a equação que liga quatro elementos contiguos, chegar á equação:

$$\text{sen } l \cdot \cos dm = -\text{sen } dm \cdot \cos l \cdot \text{tg } (l + dl)$$

N'esta equação podemos pôr $\cos dm = 1$ e $\text{sen } dm = dm$ por ser dm infinitamente pequeno, ficando (feito o desenvolvimento):

$$dm = \cos l \frac{\text{tg } l \text{ tg } dl}{1 - \text{tg } l \text{ tg } dl} - \text{sen } l$$

ou:

$$dm = \left[\frac{\text{Tg } l + \text{tg } dl}{1 - \text{tg } l \text{ tg } dl} = \text{tg } l \right] \cos l$$

e ainda:

$$dm = \frac{\text{tg } dl}{\cos l (1 - \text{tg } l \text{ tg } dl)}$$

onde podemos desprezar o producto $\text{tg } l \text{ tg } dl$ ao pé de 1 por ser dl infinitamente pequeno, ficando:

$$dm = \frac{\operatorname{tg} dl}{\cos l}$$

equação em que se póde substituir $\operatorname{tg} dl$ por dl como já fizemos com o $\operatorname{sen} dm$ por dm :

$$dm = \frac{dl}{\cos l}$$

Para integrar ponhamos:

$$\operatorname{sen} l = t$$

ou:

$$\cos l = (1 - t^2)^{\frac{1}{2}}, \text{ e } dl = \frac{dt}{(1 - t^2)^{\frac{1}{2}}}$$

donde:

$$dm = \frac{dt}{(1 - t^2)} = \frac{\frac{1}{2} dt}{1 + t} + \frac{\frac{1}{2} dt}{1 - t}$$

Integrando agora entre os limites 0 e m e t_0 e t correspondentes a 0 e l , vem:

$$m = \frac{1}{2} \left[\int_{t_0}^t \frac{dt}{1+t} + \int_{t_0}^t \frac{dt}{1-t} \right] = \frac{1}{2} \log_n \frac{1+t}{1-t}$$

indicando o signal $\left|_{t_0}^t$ a necessidade da substituição dos limites.

Emfim substituindo t por l , resulta-nos a equação desejada da derrota do navio:

$$m = \frac{1}{2} \log_n \frac{1 + \operatorname{sen} l}{1 - \operatorname{sen} l}$$

Da discussão d'esta equação, que se pode

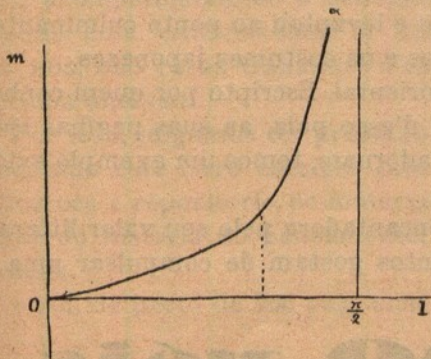


Fig. 4

representar por uma curva $m = \varphi(l)$, fig. 4, se conclue que entre os limites 0 e $\frac{\pi}{2}$ de l , m cresce continuamente até ao infinito, ou inversamente: «Crescendo m até ao infinito, l cresce até $\frac{\pi}{2}$.»

Isto quer dizer que o navio descreve uma especie de espiral em torno do polo aproximando-se continuamente d'elle sem nunca o attingir, dando um numero infinito de voltas em torno da esphera.

Alcobaça, 10/11/05.»

Temos mais a proposito d'este problema uma curiosa correspondencia. O espaço não nos permite por agora publical-a, como seria desejo nosso. Para o numero seguinte, afim de proseguir n'uma discussão scientifica que tem verdadeiro interesse para os technicos, daremos logar ás soluções e demonstrações recebidas dos srs. Réclus... manqué, Minimus e A. Tavares... se podermos.

OS SERÕES DAS SENHORAS

De uma assignante recebemos uma ensaobadela, perante a qual nos curvamos respeitosaente, permittindo-nos comtudo as observações seguintes:

Não é facil, é mesmo quasi impossivel, que as descripções acompanhem sempre as gravuras na mesma pagina, sobretudo querendo manter a divisão do texto em secções. Para o demonstrar, teriamos de entrar n'uma longa explanação technica que V. Ex.^a não estará de certo resolvida a aturar. Mas não ha gravuras de figurinos, labores femininos, etc., que publiquemos sem a respectiva descripção. No caso com que V. Ex.^a exemplifica o seu aggravo, verá que a descripção relativa ás gravuras de pag. 64 e 65 se encontra a pag. 63.

Não acha V. Ex.^a bonito que intercalemos maximas pelo meio dos figurinos. Com franqueza, não somos da mesma opinião. É a maneira de chamarmos a attenção para esses grãosinhos de sabedoria. Quanto á sua inclusão nas *Notas de dona de casa*, somos do seu parecer. Foi um lapso... ligeirinho... de que nos penitenciamos. E a respeito de *menus*, procuraremos satisfazer de futuro os justos desejos de V. Ex.^a

Almanach HACHETTE

Encyclopedia popular da vida pratica para 1906

Entre os almanachs cuja reputação é universal, destaca-se o **Almanach Hachette**. É o que se póde chamar uma verdadeira encyclopedia, onde todos podem estudar. Os assumptos ali tratados póde dizer-se que abrangem toda a vasta serie de conhecimentos humanos. Assim, o d'este anno, além do calendario e da agenda, encerra estudos desenvolvidos sobre o universo, historia universal, geographia, litteratura, bellas artes, foyer, sciencias vulgarisadas, direito usual, agricultura, sports, viagens, a vida pratica, e uma desenvolvida secção *Males e accidentes, os nossos males e os nossos remedios, pequeno guia de medicina pratica*. Todos estes artigos são profusamente illustrados, o que augmenta ainda mais o interesse que sempre desperta o **Almanach Hachette**.

1 volume brochado, 564 paginas, 10 mappas ou planos e 1:200 figuras, 300 RÉIS.

A mesma edição, cartonada, 400 RÉIS.

Encadernada em marroquim, com os cantos dourados, 600 RÉIS.

O CULTO DO CHÁ

Por Wenceslau de Moraes

Illustrações de Yorhiaki

O ultimo conflicto entre a Russia e o Japão veiu chamar a attenção publica para este extraordinario paiz, que, em poucos annos, se ergueu e levantou ao ponto culminante que hoje occupa. Por isso, é conveniente estudar os habitos e os costumes japonezes.

O Culto do Chá é um livro d'um raro sabor oriental. Escripto por quem conhece o Japão, e que ali tem vivido, estudando os costumes d'esse paiz, as suas paginas lêem-se com um encanto irresistivel. E nas illustrações, que o adornam, temos um exemplo evidente da arte japoneza.

E' uma obra de luxo, mimosa quanto possivel, encantadora pelo seu valor litterario e pelo seu valor artistico, e que devem lêr todos quantos gostam de compulsar uma obra d'arte.

Preço 500 réis

CONTOS PARA AS CRIANÇAS

POR

Maria Pinto Figueirinhas

Em todos os paizes, a litteratura infantil tem merecido particulares desvelos; e, para tornar a leitura amena e agradável, tem-se recorrido aos contos, cheios de poesia, ás lendas alegres e divertidas. No nosso paiz, tambem o assumpto não tem sido descurado; e existem já bons livros portuguezes, destinados á infancia.

Um d'elles, e dos que maior acceitação tem tido, é os **Contos para creanças**, de D. Maria Pinto Figueirinhas. São contos primorosos, bem delineados, feitos com mestria, e reveladores do talento da auctora, a qual, sabendo bem o publico para quem escrevia, revestiu a sua obra das mil infantilidades que tanto agradam e emocionam as creanças.

Tem dois meritos esta obra: — distrae os pequeninos espiritos, dá-lhes a noção do bello, falla-lhes ao coração, em liguagem encantadora, e, ao mesmo tempo, educa e moralisa, ministrando bons e salutaes exemplos, tão necessarios á infancia.

1 vol., de perto de 300 paginas, illustrado e encarnado

800 RÉIS

IMPRESSÕES DE THEATRO

(Cartas a um provinciano e notas sobre o joelho)

Por *Joaquim Madureira*

(BRAZ BURITY)

É este um dos mais soberbos livros de critica que entre nós se tem publicado, com relação a assumptos theatraes. Nos paizes em que o theatro é a grande escola dos costumes, acompanhando-se o seu progresso e a sua evolução, livros d'estes são sempre acolhidos com enthusiasmo. A critica analysa-os, aprecia-os, identifica-se com elles. Entre nós, são raros trabalhos d'esta ordem, reveladores de muito estudo e d'uma conscienciosa analyse.

Por isso, julgamos ter prestado um grande serviço á litteratura portugueza, lançando no mercado este livro escripto com o calor d'uma convicção sentida, como contribuição de alicerces e repositório de materiaes para a historia dos movimentos dramaticos—ramo e factor da historia do pensamento, dos costumes e da civilisação atravez dos tempos e das raças.

1 vol. de perto de 500 pag. com 180 caricaturas

1\$000 RÉIS

Pirolito que bate que bate, danças de roda e cantigas portuguezas

Harmonias de A. Rey Colaço

Ilustrações de Jorge Colaço

Prologo de Branca de G. Colaço

Tem um certo encanto as canções populares. N'ellas se evidencia a alma boa e simples do povo, e a sua poesia, por vezes encantadora na propria simplicidade. Por consequencia, reunir n'um album, todo accentuadamente artistico, todas essas canções dispersas, fazendo-as acompanhar da musica tradicional, foi um serviço importantissimo.

O album abre com dois soberbos retratos de Alexandre Rey Colaço e Jorge Colaço, é consagrado á ex.^{ma} sr.^a Duqueza de Palmella, e encerra 16 canções populares, todas acompanhadas de grande numero de illustrações, a côres, a que Jorge Colaço soube comunicar scintillas de espirito e de *verve*.

1 volume profusamente illustrado

1\$500 RÉIS

Antonio Correia d'Oliveira

PARABOLAS

Este livro, quando viu a luz da publicidade, causou uma certa sensação no nosso mercado litterario, e tanto que a critica portugueza e brasileira se referiu a elle, com palavras de justo e merecido elogio.

PARABOLAS é um livro de versos, feito de rithmicas branduras, de amaviosas sentimentalidades. Livro para mulheres e para creanças, os seres que mais se parecem pela ingenuidade candida que de suas almas transparece, elle evidencia o cunho de independencia do auctor, a sua sinceridade, o seu sincerismo emocionista. Toda a alma portugueza canta cheia de vida n'este livro. Os versos são admiraveis, cheios de sinceridade, de candura. Todos estes predicados tornam o livro **PARABOLAS** o mais delicado e gracioso brinde que, n'este tempo de festas, se pode offertar a uma mulher ou a uma creança.

1 volume magnificamente impresso, a côres, encadernado

700 RÉIS

Ferreira & Oliveira L.^{da} — Livros-Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Fornecedores de S. M. El-Rei e Depositarios das publicações do Estado

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

Teixeira Botelho — O Homem Primitivo, 1 vol. enc.....	300
Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc.....	300
Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada br. 200, enc.....	300
Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc.....	1\$000
Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon, Cintra, and Cascaes, 1 vol.....	300
Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
» — Vida Sexual (pathologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc.....	700
Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc.....	800
Maximiliano d Azevedo — Em casa do filho, 1 vol.....	200
Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego, 1 vol.	300
Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc.....	700
» — Ara, 1 vol. br.....	600
» — Auto de Junho, poema	100
Theophilo Braga — Tricentenario da Publicação do Don Quichote, 1 vol. br.....	200
Antonio de Soveral — Libambos, 1 vol. br.....	500
A. Cruz de Rocha Peixoto — Os conflictos Internacionaes ao principiar o seculo xx, 1 vol. br.....	800
Maria P. Figueirinhas — Contos para as creanças, 1 vol. enc.....	800
Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br.....	600
Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br.....	500
Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua portugueza, 3 vol. br. 2\$100, enc.	2\$700
Conde de Sabugosa — O Paço de Cintra, edição de luxo, 1 vol.....	1\$500
José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc.	650
Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol. br.....	400
Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br.....	200
Luiz Guimarães — Pedras Preciosas, edição de luxo, 1 vol.....	1\$000
Queiroz Ribeiro — Caminho do Céu, 1 vol. enc.....	800
Conego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br.....	600
Gonçalves de Sousa — A seccagem da fructa, 1 vol. br.....	300
Alexandre Malheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol.....	1\$200
Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br.....	500
Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amator de cavallos, 1 vol. br....	600
Visconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br.	2\$000
José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br.....	400
J. Mattos Braamcamp — O Tiro de Caça, 1 vol. br.....	400
Augusto Fuschini — A architectura religiosa na idade media, 1 vol. br.....	1\$500
Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$200
Anselmo Vieira — A Questão fiscal e as finanças portuguezas, 1 vol. br.....	2\$000

NO PRÉLO:

- João Chagas** — Bom Humor, 1 vol.
Emilio Garcia — Os que furam, 1 vol. (comedia).
Alexandre de Sousa Figueiredo — Manual de Arboricultura, 1 vol. (2.^a edição).
Pedro Dória Nazareth — Primeiros soccorros a doentes, 1 vol. illustrado.
D. João de Castro — Jornadas do Minho, 1 vol.
Jonathan Swift — Viagens de Gulliver, 1 vol. illustrado.

OBRAS PRIMAS

Bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

DOM QUICHOTE DE LA MANCHA

por MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

Fundando esta Bibliotheca, foi nossa intenção publicar as obras que immortalisaram os nomes de Shakespeare, Molière, Goethe, Shiller, La Fontaine, Dickens, Thackeray, Gorky, Wells, Rod, Prévost, Maupassant, Hervieu, Pereda, Galdós, Ibáñez, etc., creando em redor d'esses nomes uma reputação universal.

Desnecessario nos parece enumerar a utilidade educativa e o recreio honesto que da leitura de taes escriptores podem advir, tanto mais que teremos todo o escrupulo na escolha, para que os livros da nossa Bibliotheca possam entrar em todos os lares e andar em todas as mãos. A parte litteraria merecer nos-ha o maior desvello, sendo os trabalhos de traducção confiados a escriptores de reconhecido merito.

Com taes intuitos, não podiamos escolher obra melhor para inaugurar a nossa Bibliotheca do que o **Dom Quichote de la Mancha**, critica mordaz e incisiva aos antigos tempos da cavallaria, que tornou o nome de Cervantes conhecido em todo o mundo, e lhe deu a immortalidade ao lado dos maiores escriptores de todos os tempos.

O **Dom Quichote** está hoje editado em todas as linguas. Todos os povos cultos o conhecem. E as edições succedem-se umas ás outras, divulgando a obra magistral de Cervantes. Depois da *Biblia*, nenhuma obra ainda se diffundiu tanto por todas as camadas sociaes. Na sua leitura, o espirito retempera-se nos, a alma eleva-se-nos na agudeza da critica e o encanto d'aquellas paginas falla-nos ao coração.

A obra de Cervantes não deve deixar de figurar em todas as estantes. Uma lacuna d'essa ordem representa um crime de lesa bom-gosto. Por isso, fizemos uma edição primorosa, impressa em bom papel, composta em typo novo, e que, no emtanto, á belleza artistica da execução, allia o seu custo economico.

A obra está já toda publicada, constando de **3 volumes**, que em brochura importam em

600 RÉIS

e n'uma elegante encadernação em percalina com ferros especiaes

900 RÉIS

Pedidos a **FERREIRA & OLIVEIRA L.^{da}** — Livreiros-Editores

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

NO PRÉLO

VIAGENS DE GULLIVER

por JONATHAN SWIFT



Silva Porto — AMOR NA ALDEIA



Á PORTA DA VENDA

Quadro de Silva Porto, pertencente a Sua Magestade a Rainha

Silva Porto

(Algumas breves notas)

Um delicado impressionista, descrevendo-nos n'uma phrase terna a figura pequenina e discreta de Silva Porto, dizia d'elle: — «Dá o ar d'um Christo que tivesse pedido feriado na ceia dos apóstolos...» Timido e simples, solitario e doce, franzino e triste, olhos habitualmente adormecidos n'uma morte-luz de saudade, a pelle n'um tom macillento e terroso, as feições grossas e plebêas d'um sensual, modesto no trajar, humilde nas fallas, retrahido nos gestos, Silva Porto passava nas ruas como uma sombra, sem attrahir um olhar, muito cosido com as

paredes, muito «João Ninguém» no aspecto, surprehendido talvez de não lhe tomarem contas e talvez mesmo prompto a pedir desculpas de ser o mestre da paizagem com aquella cara...

Era um homem de vida interior, acanhado e cauteloso diante de estranhos, dilatando-se apenas na solidão ou na convivencia d'algum raro intimo. Então, um outro Silva Porto surgia d'aquella creatura embiocada para o mundo, um Silva Porto bom burguez, familiar, infantil, por vezes brincalhão, com inoffensivas malicias nos olhos e uma graça ingenua nos ditos, amigo de rir, feliz de viver. Este Silva Porto que poucos conheceram realmente e o *outro* que

descia á vida, receioso, contrafeito, atarantado, explicam, me parece, a feição a um tempo perfeita e pueril, honesta e banal, limitada e sincera, de toda a sua obra.

O seu apego ao solitarismo levou-o ao amor pela paisagem. Diante das arvores pacificas e innocentes, das aguas preguiçosas e sentimentaes, das atmosferas diaphanas e leves, estava inteiramente á vontade. Pintando figura, necessitava para illudir aquella sua *cobardia* invencivel, d'um modelo plebêo e inferior que não o intimidasse ou d'alguem que



CABEÇA DE CAMPONEZA
Pertencente a S. M. El-Rei

o agradável convívio lhe fosse habil e lentamente insinuando na sua ambiencia de artista.

Os seus instinctos de exemplar burguez, — tomo a palavra na boa accepção — fazem-no escravo d'uma moral atavica, instinctiva, obrigando-o a cumprir quasi como um officio a sua arte magistral.

Saía cedo, invariavelmente, e trabalhava o dia inteiro, na aula, no *atelier*, nas licções particulares, chegando a casa para jantar, extenuado como um operario á volta da officina. A maior caracteristica nos seus qua-



A SALMEJA
Pertencente a S. M. El-Rei

dros é a probidade de technica: as suas paizagens são verdadeiras, d'uma verdade toda material; dão a região, a hora, o sitio.

Não lhe peçam o lado vasto e mysterioso da natureza, alguma indefinivel surpresa ou qualquer idéa transfi-

ferioridade de caracter, uma immoralidade relativa, embora muitas vezes ella sáia feliz e revele talento.

Com certo conde artista, muito affeicoado a Silva Porto, passou-se uma interessante scena que indica até que ponto ia a probidade do nosso paizagis-



Silva Porto

gurando-se em sonho immaterial. Não, Silva Porto pinta o que vê e só o que vê. Trabalha, lucta, esforça-se por conseguir o que tem diante dos olhos, sem deixar a minima coisa ao acaso do pincel. Procura dar o aspecto completo da sua visão e foge systematicamente á improvisação que elle julga uma in-

ta. Gostava o conde de pintar e, não raro, aproveitando uma excursão do mestre, partia para o campo a trabalhar ao lado de Silva Porto. D'uma vez, escolheram ambos o mesmo trecho de paizagem e cada um com sua taboinha tratou de fazer a respectiva mancha. No primeiro plano havia uma arvore



RAPARIGA DOBANDO

Pertencente ao sr. Ferreira das Neves

tôca e imperfeita que crescera sem cuidados nem amparo, á mercê do tempo. O conde, apesar d'artista, era um eminente botânico, professor d'uma escola superior, e começou logo tratando a sua arvore como um especialista e profundo conhecedor da anatomia plastica do modelo.

A pouco e pouco, levado pela sua paixão, ia corrigindo a pobre arvore inculta, detalhava-lhe os ramos, completava-lhe a architectura dos troncos, prendia-lhe symetricamente tufos de folhagem, descia a minucias de recorte da folha, era meticuloso na implantação dos peciolos. Quando Silva Porto deitou os olhos ao estudo do conde, não conheceu a arvore. E

levantando-se, muito grave e muito triste, disse:

— Está muito bonita, mas não é o que lá está!

E para o resto do dia ficou furioso contra aquelle *attentado*, emquanto o conde ria a bom rir...

Os quadros de Silva Porto vivem prodigiosamente por essa probidade e por essa solidez de factura que tem já de chamar-se *individualidade*. Conhecem-se de longe, sem precisar ver quem os assignou, e nada entretanto os domina como garridice ou effeito proposital. A tinta é sempre suave, macia, harmoniosa e bella, e o *truc* é tão admiravelmente disfarçado na justeza e habilidade dos processos que o quadro parece não existir como obra d'arte mas como inexplicavel reduçção da propria natureza. Silva Porto pinta bem e essa indispensavel qualidade n'um mestre de pintura é adquirida aos poucos, n'uma tenacidade espantosa em individuo portuguez, como consequencia da sua honestidade burgueza se repercutir na sua vida artistica. E' preciso pintar bem «para não enganar o publico»...

Vemol-o, por exemplo, mudar mui-



AZENHA NO MINHO

Pertencente ao sr. A. Torres Pereira



BARCA DE PASSAGEM (SERRELEIS-MINHO)
Pertencente ao sr. conde do Ameal

tas tintas da sua paleta ao reconhecer que certos brancos, alguns amarelos, determinados vermelhos, *cresciam* ou negrejavam com o tempo, prejudicando o quadro. Vemol-o tambem estudando todas as suas paizagens ao ar livre, enchendo-se de apontamentos do *natural*, e queixando-se sempre ao pintar o quadro definitivo no *atelier* de que lhe faltam documentos. O seu desejo seria

rebanho?... D'essa primeira arvore, hirta e chata, de côres carregadas e falsas, de folhagem banal e miudinha, pacientemente feita a granulos de tinta, dando-nos a impressão de certas pacotilhas allemãs que imitam grosseiramente hediondas chinezices de exportação, até aos habeis e perfeitos trabalhos do fim da sua vida, que constante e pertinaz progresso, que continua e lenta ascensão,



CONDUZINDO O REBANHO

Pertencente ao sr. conde do Ameal

levar a grande tela para o campo e ali executar, fielmente, á vista do modelo.

Procurando ser exacto, perseguindo a verdade, chegou a apoderar-se da fôrma. A sua technica, mórmente nos ultimos annos, é incomparavel, quasi incomprehensivel; tem segurança, facilidade, largueza. Quem nos diria, olhando a primeira arvore que Silva Porto pintou, estar ali o futuro compositor da magnifica tela *Conduzindo o*

que espantosa e esforçada lucha para ver, para tentar, para conseguir, para triumphar!

O seu ideal é sempre o mesmo: ser probo, pintar o que lá está .. E d'este modo attinge um outro: ser pessoal, inconfundivel, ser Silva Porto.

Estamos habituados a chamar artistas a creaturas que não passam dos dominios d'uma technica habilidosa que adquirem, á força de insistir no tempo



A VOLTA DO MERCADO
Pertencente à família Anjos



O MCINHO DO GREGORIO

Pertencente ao sr. H. Pinho da Cunha

e na paciência, um processo correcto de factura sem originalidade nem individualidade. São typos frios, astuciosos, preparando a pincelada com a receita dos outros, soffrendo successivos abalos na *maneira* conforme as influencias proximas, executando como um qualquer ao cabo do mesmo esforço de *copia*. São incontestavelmente trabalhadores, com grandes qualidades assimilativas, mas que chegam ao limite do molde sem nunca o ultrapassar. Para physionomia de grande artista falta-lhes a idéa, falta-lhes o character na obra, falta-lhes a sinceridade na execução. Não conseguem interpretar; o vôo que alguma vez ensaiam não se libra, é rasteiro, roçando o que vêem sem jámais se levantar ao que sentem... porque nada sentem. A propria technica vão buscal-a a paletas extranhas, sem nunca tentarem uma tinta de sua lavra: pintam como se usa; a moda limitrophe, sem poder crear. E' a historia de quasi todos os nossos

pintores que vão estudar lá fóra. Abdicam da sua nacionalidade e do seu sentimento, mascaram-se de *pasticheur*, e raras vezes procuram libertar-se da influencia estrangeira.

Silva Porto nao foi assim. Andando cinco annos em estudos pela França, Belgica, Hollanda, Inglaterra, Hespanha e Italia, ficou sempre genuinamente portuguez. Não se desenraizou da sua terra; ao contrario, parece que a ausencia da patria, roendo-o de saudades, avigorou o amor que lhe tinha, e a inadaptação a um meio extranho, artificial, hostile e complicado de mais para o seu fatalismo de plebêo e para a sua credulidade infantil, fez pungir essas tristes e nostalgicas idéas que depressa o trouxeram para Portugal, na ancia de outra luz e melhor ceu.

Uma vez na patria, fazendo arte, nunca se esqueceu de prover ás necessidades caseiras e ao equilibrio material da sua vida. Dá lições particulares, rege uma cadeira na Academia e ainda os

motivos que escolhe de preferencia para pintar são os que seduzem promptamente o comprador. O Minho com a sua paizagem maneirinha e doce, temperada de suavidades de luz e melodiosa na orquestração das côres, fornece-lhe uma serie facil de ensaios, apontamentos e pequeninas telas, sempre disputada pelos amadores.

Os arredores de Lisboa, poeirentos e baços, os campos ribatejanos, certos trechos pittorescos da provincia, encontram em Silva Porto não só o pintor inequalavel de fidelidade mas tambem o representante sincero d'uma clientela.

A sua arte tem um lado pratico, é quasi sempre um modo de vida. Vemol-o, por exemplo, fixar o preço dos seus quadros pelo tamanho da tela e não pela qualidade de pintura. A maravilhosa *Cabeça de camponeza*, realisada com um amor e uma delicadeza d'inspirado, é vendida por sessenta mil réis como qualquer mancha de natureza rustica e banal. E quem estranhasse o

facto, encontrava o pintor, timido e envergonhado, desculpando-se:

— Então havia de pedir mais dinheiro por um bocadinho tão pequeno de pintura?!

Este feitio medroso de negociante prendeu-lhe as azas para a concepção d'uma larga obra em que as suas extraordinarias aptidões de paizagista e animalista se immortalissem por alguma coisa mais do que a *virtuosidade*. Ao seu lado faltou aquelle anjo que, no dizer ingenuo de Corot, descia do ceu para lhe pintar as melhores telas...

Nas reproducções que acompanham estas ligeiras notas encontrará o leitor, que por infelicidade nunca lograsse ver os quadros de Silva Porto, a expressão da realidade attingida pelo paizagista ao cabo d'um esforço paciente e pertinaz de longos annos. Algumas parecem instantaneas copias fotograficas, tão flagrante é a acção do quadro, tão nitida a movimentação da



CEIFEIRAS

Pertencente ao sr. conde do Ameal



CASA MINHOTA

Pertencente á Sociedade Nacional de Bellas Artes

scena. Na *Barca de passagem*, o rio, as arvores, os montes, o carro de bois, a barqueira são d'um naturalismo perfeito... e impassível. Nas *Ceifeiras*, uma das suas melhores telas, o quadro dá espantosamente essa seara dos suburbios de Lisboa, d'um amarello convascente, e nas figuras ha um vislumbre de evocação poetica que raramente se encontra no artista, tão raramente que só nol-a recordam mais dois quadrositos seus: um com o estudo d'uma manhã de neblina no Tejo e outro em que ha uns cavallos bebendo.

No quadro *Conduzindo o rebanho*, d'uma factura admiravel, inegalavel, unica, o *virtuose* parece querer mostrar-nos todos os seus recursos na clara e nitida execução d'um trecho altamente complicado. N'essa extraordina-

ria tela de quasi dois metros, juntam-se todas as maiores difficuldades d'uma paizagem. A luz é a do meio dia em agosto, o ceu abafa n'um calor de trovoadas, o terreno é o d'uma azinhaga dos arredores de Lisboa; piteiras, silvas, uma oliveira carcomida e velha, tudo poeirento e sequioso, n'uma atmospheria de febre; pela vereda pedregosa uns carneiros, um pastor, um burro e uma lavadeira, levantando uma poeirada asphixiante...

Não ha palavras que expliquem sufficientemente o effeito d'este quadro; é preciso tel-o visto para se comprehender até que ponto ia a consciencia do pintor escravizando se á exactidão da scena. Diante d'esta paizagem, onde o artista se preocupou apenas em nos revelar que *sabe pintar*, é que se sente

bem a falta que lhe fez um pouco de ideal, de commoção, de sonho, a divinizar-lhe aquellas inexcediveis faculdades de technica.

Seria um nunca acabar descrever mesmo summariamente as trescentas ou quatrocentas telas que deixou. São rapidas manchas, pequenos estudos, trechos d'arvoredo, notas animalistas, casas alpendradas, engenhos d'agua, marinhas, regadas, costumes e trajos minhotos, scenas de campinos, mulheres fiando, riachos verdosos, recantos rusticos... De vez em quando, uma mulher de Santa Martha, de Avintes, de Miadella ou da Maia, apparece com seu lenço á chineza e jaleco de riscas, saia entrançada de côres como um arco-iris, com suas resplandecentes arrecadas nas orelhas e grilhão de muitas

voltas ao pescoço, as meias de neve, a chinellinha ponteguda no bico do pé... Outras vezes, é uma saloiasita nubil e fresca, de roupinhas pobres e lavadas, humilde e casta, um lenço vermelho descaído para os hombros, um sorriso meio acanhado na bocca inexpressiva, — uma saloiasita como a d'essa *Cabeça de camponeza*, tão cheia de character e de graça, que um amigo meu, enfeitado pela suave e encantadora mode-

tuguez, e assim succede, é vergonha dizel-o, que no Museu Nacional das Janellas Verdes ha apenas uma pequena tela de Silva Porto, que, por maior infelicidade, não pertence á sua ultima feição de technico pujante e incomparavel.

Coisas characteristics da nossa terra...

O seu ultimo quadro, por concluir, parece-me que pertencia ao Gremio



MACIEIRAS EM FLOR

Pertencente á Sociedade Nacional de Bellas Artes, ultimo trabalho de Silva Porto (por concluir)

lação da pequenina tela, intitulou a *Jocunda portugueza*...

Pena é que toda essa obra valiosa e vastissima esteja em mãos de particulares, sujeita aos acasos da fortuna e a problematicos destinos no futuro. Os poderes publicos, sempre distrahidos com as rotinices da machina politica, esqueceram-se de adquirir, em época propria, os indispensaveis documentos para a historia do maior paizagista por-

Artistico e deve estar hoje na Sociedade Nacional de Bellas Artes. É uma linda mancha de côr, com uma atmospheria fluida e luminosa, onde se recortam os ramos floridos de duas macieiras. O terreno, em tres gradações de verde, n'uma pastada larga, alonga-se a perder de vista. Ha certos pontos em que as tintas apparecem ainda sobrepostas tal como o pincel, á pressa, as colheu na paleta, sem tempo de fun-

dil-as completamente. É um valioso e interessante documento para quem pretender algum dia estudar o processo de pintar de Silva Porto.

As *Macieiras em flor* appareceram

na exposição do Gremio, um anno depois da morte do paizagista. Todos os dias, em frente do quadro, os visitantes deixavam o tapete coberto de flores. (*)

MANUEL PENTEADO.



CAMPINOS

Pertencente a S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia

(*) Antonio Carvalho da Silva Porto nasceu no Porto a 11 de novembro de 1850. De 1865 a 1873, seguiu allí com distincção os cursos de architectura civil, escultura e pintura, na Escola de Bellas-Artes. No ultimo teve por mestre João Corrêa. Em 1873, tendo feito concurso, partiu para o estrangeiro, como pensionista do Estado, a completar a sua educação. Dirigiu-se primeiro a Paris, onde esteve até 1877 e onde foi discipulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Groseillez. N'esse anno, foi para Roma concluir os seus estudos. De Italia voltou a França, realisando em seguida, á sua custa, uma viagem pelos museus da Belgica, Hollanda, Inglaterra e Hespanha. No seu regresso a Portugal em 1879, foi logo nomeado interinamente, para um dos logares de professor de pintura na Escola de Bellas-Artes de Lisboa, — logar que a morte de Annuniação (em 3 de abril d'aquelle anno) deixara vago. Em 1883, passou á effectividade. Silva Porto concorreu ás exposições do *Salon*, em Paris, nos annos de 1876, 1878 e 1879, merecendo as suas obras a attenção da critica. Enviou tambem alguns quadros á exposição universal que se realisou n'aquella cidade em 1878. E quando, em 1881, a Hespanha celebrou o bi-centenario de Calderon, expoz diversos trabalhos em Madrid. Em Portugal, apresentou-se pela primeira vez em 1880, n'uma exposição organisa da pela *Sociedade Promotora das Bellas-Artes*. Depois, tomou parte nas oito exposições realisadas, de 1881 a 1888, pelo *Grupo do «Leão»*, de que era o mestre, o chefe, — e em 1891, 1892 e 1893, nas exposições promovidas pelo *Gremio Artístico*, de que foi presidente e um dos fundadores. Figuraram ainda trabalhos seus na decima-terceira e na decima-quarta exposição da *Sociedade Promotora*, e no Porto repetidas vezes. A' exposição industrial que em 1888 se realisou em Lisboa, enviou dois dos seus melhores quadros: — *A Salmeja* e *Avolta do mercado*. O jury conferiu-lhe a medalha de ouro. Silva Porto foi um dos artistas que tomaram parte nos trabalhos da solemnisção do tri-centenario de Camões. E' seu o desenho do carro da guerra. Morreu em Lisboa no 1.º de junho de 1893. Formou-se logo uma commissão de artistas, alumnos e professores da Academia de Bellas-Artes, para promover algumas homenagens a Silva Porto. Essa commissão organisou uma interessante exposição de quasi toda a obra do artista em junho de 1894. Dois annos depois, effectuava a transladação dos restos mortaes de Silva Porto para um modesto tumulo, erigido por subscrição publica no cemiterio oriental. Projecta tambem erguer um pequeno monumento ao grande paizagista em um dos jardins publicos de Lisboa.

Ó-Tsukimi

POR

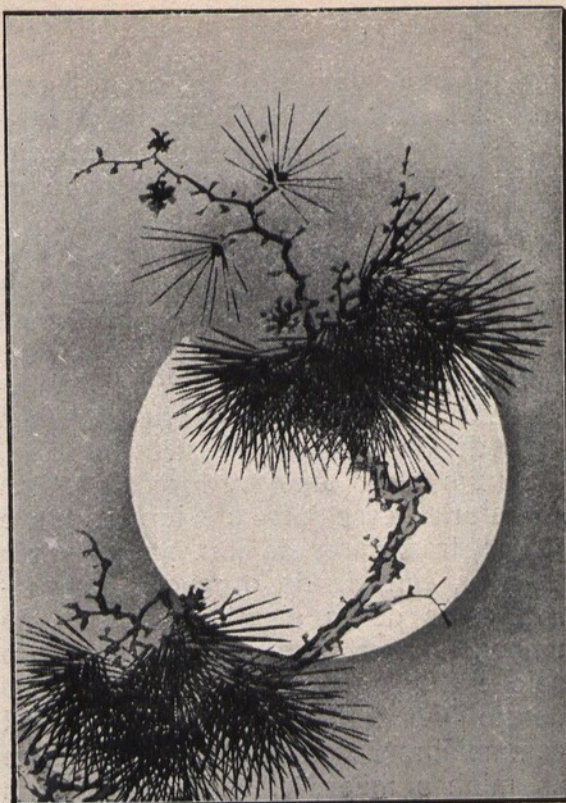
Wenceslau de Moraes



o 15.º dia do 8.º mez lunar, que coincidiu este anno com o dia 13 de setembro do calendario gregoriano, é a festa da lua, n'este Imperio. As varandas das casas, col-

locam-se previamente jarras com plantas e flores symbolicas; e a gente aguarda com anseio a apparição do astro da noite, então em plena grandeza, saudando-o reverente, com as mãos postas, elevadas ao céu.

No entretanto, ha sitios preferidos, pela belleza especial do seu scenario, para se ir prestar culto á lua, ao que



A LUA CHEIA



ORNAMENTAÇÕES EM HONRA DA LUA

se chama Ó-Tsukimi; preferindo-se naturalmente os horisontes vastos, atravessados pela amenidade das aguas — oceano ou rio, — e onde abundam os pinheiros e outras arvores, entrando nos preceitos da esthetica classica o observar-se o resplandecente disco atravez da renda da folhagem.

Ora, eu, que sou tão japonéz quanto me permite a circumstancia de não ser japonéz, resolvi tambem ir este anno, como qualquer japonéz de fino gosto, assistir ao Ó-Tsukimi, em um local afamado para o effeito; e assim me encaminhei para a aldeia de Ishiyama, na provincia de Omi, distante algumas leguas de Kyoto. Omi, como é notorio, é uma das mais pittorescas regiões de todo este Nippon, mercê do seu delicioso lago Biwa; e o contemplar a lua do alto do templo de Ishiyama constitue precisa-

mente uma das oito bellezas legendarias da provincia. Ishiyama é tambem notavel pelo brilho e grandeza dos seus pyrilampos, que pullulam sobre os charcos nas noites quentes de junho, e que as raparigas veem de longe colher, em festa, como um bando de fadas que viessem roubar estrellas do céu. O meu afan de peregrino inspirára-se talvez principalmente no facto de estar annunciada a paz com a Russia: ia alumiar o solo do Japão o astro rejuvenescido, após um longo anno de incessante lida planetaria; esse jorro de luz, serena e meiga, trazia ares de uma benção vinda do alto, convidando o povo á tranquillidade, ás doces alegrias pacificas, ao amor da terra, ao labor carinhoso do solo e das industrias; e crescera-me o desejo de participar n'essa adoravel commemoração pagã, elevando tambem as minhas mãos, elevando tambem a minha prece, á lua, o astro dos poetas, o astro dos nipponicos, que todos são poetas!...

A aldeia de Ishiyama é deveras deliciosa, contendo em si a essencia inteira de uma d'essas paizagensinhas paradisiacas, que nos commovem no esmalte das porcellanas, ou no brilho dos charões, ou na trama dos brocados. Do lago Biwa, entra por aqui um braço, estreitando em rio, limpido e calmo, por onde barquinhos sulcam. A famosa e lendaria ponte de Seta, em duas covas, une uma margem a outra margem, ambas povoadas de casinhas rusticas, de poisos de viajeros. No primeiro plano, os arrozaes viçosos descem até vir beijar as aguas. Nos planos distantes, succedem-se e recortam-se as curvas acavalladas dos montes verde-escuros vestidos de matas de pinheiros, dos montes azues, dos montes roseos, diferentemente impressionados pelos tons da luz e pelos vapores da terra. A tudo se sobrepõe um céu de anil, que nuvens de formas apocalypticas mosqueam.

A grande affluencia de hospedes na *chaya* onde me achava e a consequente



A PONTE DE SETA, LAGO BIWA



TEMPLO DE ISHIYAMA DERA, LAGO BIWA



TOMANDO CHÁ E CONTEMPLANDO A LUA

demora em servirem-me o modesto jantarsinho que pedira, privaram-me do prazer concebido de ir assistir, no templo de Ishiyama, á aparição do astro. Traziam-me justamente o ultimo acepipe, por signal um pouco de peixe cru adubado com vinagre, quando uma estranha gritaria irrompeu de todos os quartos que se seguiam áquelle que occupava, trazendo-me a noção de algum grande acontecimento commovente. Um incendio no edificio? uma invasão de

russos?... Nada d'isto: era a lua que surdia de traz de uma collina, e se elevava, e se elevava no azul, na magnificencia cariciosa do seu disco de ouro pallido, em apoteoses fulgorantes de crepusculo. Todos os hospedes acudiam á varanda da *chaya*, em sobresalto, em extasis, embasbacados para o phenomeno, como se fôra a primeira vez que o desfructassem; soltavam-se exclamações varias, observações de jubilo; a phrase *Ó-Tsuki-Sama* (Sua Excellencia

a Lua) chegava frequentemente aos meus ouvidos; mãos alvas de *musumés* erguiam-se amorosamente ao céu, em gestos de piedade...

Abandonei o jantar e corri ao templo de Ishiyama, *Ishiyama dera* (o templo da montanha de pedras), que dá o nome á aldeia, e assim chamado pelas pedras extravagantes, núas, requemadas, que surgem do solo onde assenta o sagrado edificio, dedicado a Kwanon, a deusa do perdão. A chusma dos peregrinos percorria solememente os trilhos que serpeam em torno das varias construcções do templo e após se embrenham pelos pinheirões arriba; e ia agglomerar-se, respeitosa, n'uma vasta clareira. D'alli, tomando chá, que uma velha servia a troco de alguns cobres, a chusma contemplava o inteiro panorama da paisagem, então lindamente illuminada, como uma paisagem de sonho, pela luz que Sua Excellencia a Lua

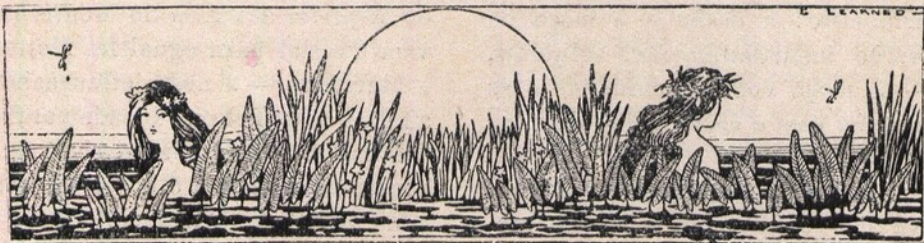
Kobe, setembro de 1905.



OS PYRILAMPOS NA GAIOLA

do alto lhe jorrava...

A faixa prateada do rio estendia-se ao longo do horizonte, entre montanhas. Além, distante e indefinido, desenhava-se o arco da ponte de Seta, de legendaria memoria, medindo 791 pés de comprimento. Fôra de sobre aquella ponte que, ha mil annos, o guerreiro Tawara Tôda Hidesato prostrou com uma frecha, em cuja ponta cuspira por despreso, a monstruosa centopeia, de uma legua de tamanho, que se aprazia em torturar o dragão-peus, que habitava o lago Biwa. Em premio de tal façanha, fez o dragão varios presentes a Hidesato, não sendo o de menor valia um sacco cheio de arroz, do qual Hidesato, sua familia, seus amigos, seus criados, seus vassallos, tiravam em cada dia seu sustento, sem que jámais o sacco se esvaziasse. Maravilhoso sacco! Maravilhosos tempos! Maravilhoso Imperio!...





Um dia de uma elegante lisboeta do século XVIII

TENHO a honra de lhes apresentar uma das mais célebres elegantes lisboetas do século XVIII, — a menina Luiza de Sousa Villanova, 19 annos, orphã de mãe, e filha do desembargador do Paço D. Diogo Esteves de Villanova, que por volta de 1753 servia na Chancellaria da Côrte e casa da Supplicação de Lisbôa.

Tenho a honra de a apresentar, porque é o typo perfeito da «frança» do meado do século, da «frança» D. José, cheia de joias, coberta de polvilhos, mosqueada de signaes, rica, futil, caprichosa, beata, — e tão linda quanto lh'o permite o seu penteado monstruoso, a sua *maquillage* excessiva, as vinte môscas de tafetá que lhe pontuam a face, a luneta de punho d'ouro e d'um vidro só, levada constantemente á orbita esquerda...

Não a estão vendo, bem sei, — porque são apenas 8 horas da manhã e a nossa elegante a esta hora ainda se conserva recolhida: mas vêm a tapeçaria de Arrás que dá para os seus aposentos, — aquella velha tapeçaria d'um verde-pallido, vagamente tecida d'ouro, aqui e ali, e onde duas grandes personagens desbotadas gesticulam, meio dissimuladas nas dobras do estofo...

É por detraz d'aquella tapeçaria que ella está, — talvez dormindo. Esperemos que a nossa «frança» acorde e sacuda a campainha de prata da cabeceira, pequenina como um guizo, leve como um brinquedo: a *dueña* e a moça de camara correrão immediatamente, sollicitas, apressadas, — a moça com as chinellas e as roupinhas, a *dueña* com o espelho de mão para a menina se vêr...

Mas emquanto a campainha não toca e ellas não chegam, vou dizer-lhes o que era, por volta do meado do século XVIII, o typo tão característico da «frança».

A «frança» é a elegante de 1750, chamada assim pelo vicio de imitação das modas francezas. Tem como predecessora a «preciosa ridicula» do século XVII e como sucessora a «sécia» de 1790. Está entre a *Carta de Guia de Casados* e os serenins de Queluz. Não tem privilegios em nenhuma camada social: a «francezia» invade tudo, infiltra tudo, — desde a nobreza *vieille-roche* até á ultima burguezia, desde o tecto d'ouro da *Sala dos Veados* até aos telhadinhos equivocos do Mocambo e do Bairro Alto. Está em toda a parte, vê-se em toda a parte, nas procissões, nas novenas, na *Comédia*, no Paço, com a sua espantosa saia de bambolins, os seus penteados complicadissimos feitos de véspera, o seu monstruoso diamante da testa á laia d'unicornio, a sua voz de falsete, os seus passinhos dançados, a sua face pintada e mosqueada de signaes. É uma *charge*, é uma caricatura. Mas a sua «francezia» não vae mais longe: limita-se ás modas. A «frança» e o seu modelo parecem-se apenas por fóra. Emquanto a elegante franceza do século XVIII creava um typo, dava leis, fazia opinião, decidia da vida litteraria do seu tempo; emquanto nos salões da marquezia de Lambert, de Madame Du Deffand, de Madame d'Aiguillon, de Madame de Tencin, as mulheres *«grippées de philosophie»*, elegiam academicos, nomeavam magistrados, discutiam Cicero, Séneca, Plinio, Horacio, contribuiam para a publicação do *Espirito das Leis* de Montesquieu e tratavam d'egual para egual La Motte, Fontenelle e Marivaux, — a nossa «françasinha» lisboeta, ainda a mais nobre, educada por frades, creada debaixo das saias das *dueñas*, dengosa, futil, beata, sensual, era o que pode imaginar-se de mais deliciosamente inculto e de mais encantadoramente ignorante. A sua «francezia» era toda exterior: não passava das joias, dos le-



«A MENINA AINDA DORME...»

ques, dos penteados, das medidas. Lá por dentro não havia nada de mais portuguez. Muito devota, muito inculta, muito sensual, rodeavam-n'a frades, sempre frades, eternamente frades. Uma procição, um *Lausperenne*, um papagaio, um lundum, uma bôba mulata, — e ahi estava uma «frança». A sua mais alta expressão de intellectualidade consistia em dar «motes» n'um outeiro, em tocar péssimamente Haydn n'um cravo e em ensinar inconveniencias ao papagaio. Em resumo, a elegante lisboeta do século XVIII, era... era...

Prompto: a campainha. A nossa «frança» que acordou.

Ahi vem já a creada com as «roupinhas do levantar», as chinellas de velludo que mal caberiam n'uns pés de creança, o pequenino espelho de mão de prata lavrada, — e atraz, muito grave, muito composta, muito bem toucada, a dona velha com umas fructas de conserva dentro d'um prato da India: é o *petit-dejeuner*. A guarda-porta de Arrás afasta-se um pouco para ellas passarem, e nós vemos ainda, rapidamente, n'uma vaga névoa doirada, as roupas desfeitas d'um leito e um lindo braço côr de rosa pendendo na indolencia do despertar... Mas descancem: não vemos mais nada. A tapeçaria tem o bom senso de cahir de novo, pesada,

mysteriosa, — e diante dos nossos olhos ficam apenas, oscillando, as duas grandes personagens desbotadas que gesticulam, tecidas d'oiro, no fundo pallido d'um bosque...

Deixemos a «frança» fazer a sua *toilette*, — e sejamos discretos. Já o dizia o precioso abbade de Choiseuil a certa marquezia pouco escrupulosa: — «*Quando uma mulher bonita sae da cama, todo o homem de espirito deve fechar os olhos*».

Fechemos pois os olhos, como o abbade de Choiseuil. Aquella tapeçaria é sagrada para nós, — e para o celebre e pittoresco Muffiéri, cabelleireiro das meninas da moda, que acaba de entrar na antecamara e de pousar sobre um tremó doirado uma multidão inverosimil de frasquinhos, de ferros, de borlas de polvilhos, de tigelinhas de côr, de papellinhos de pós de França, — de coisas insignificantes, minusculas, complicadas, pertencentes á nobre arte de riçar, de frisar, de encannudar, de polvilhar, de fazer d'uma linda cabeça uma deliciosissima monstruosidade.

Observemos o senhor Muffiéri: vale a pena, porque o senhor Muffiéri é célebre.

Imaginem um velho saltitante, com uma casaca de sêda preta muito justa, uns bofes de renda monstruosos, umas pernas magrissimas alongadas ainda pela moda franceza dos «rolos», a cara pintada de carmin, os dedos cheios de pedras falsas, dançando em vez de andar, cantando em vez de falar, ridiculo, precioso, meudinho, insinuante, — e ahi teem a figura tão pittoresca do cabelleireiro da senhora marquezia de Marialva, da senhora condessa de Tarouca, da senhora condessa de Soure (filha), de todas as «franças» nobres do tempo, emfim, — e da menina D. Luiza de Sousa Villanova. Sabe escandalos de toda a gente, pôdres de todas as familias, faz recadinhos d'amor, toca deliciosamente modinhas ao cravo, ensina os *caniches* das fidalgas a fazer habilidades, — e coisa curiosa, coisa impagavel, não perde a linha, é sempre correcto, sempre palaciano, sempre distincto. Tem só um defeito: em toda a parte onde veja um espelho, Muffiéri põe-se logo defronte, a fazer caretas, a ensaiar posições. Apanhou um tremó, pousou os frasquinhos, — e lá está elle a morder os beiços, a procurar attitudes, a mão na cinta, o tricorne debaixo do braço, velho como um fructo secco, galante como um *petit-abbé*.

N'isto surge-lhe no espelho a figura da sua deliciosa cliente, volta-se: é a nossa «frança»

sinha» que vem entrando, muito dengosa, muito lenta, amparada á moça de camara, com um grande penteador de sêda branca, umas chinellinhas meudas de velludo berne, os dedos cheios de joias, sorrindo e apertando voluptuosamente nos dentes um alperce cristalisado. Levam bem cinco minutos a fazer medidas um ao outro. Depois a *signorina* senta-se n'um tamborete doirado, diante do tremó, e enquanto come confeitos d'uma maneira vertiginosa, Muffiéri procede solemnemente á edificação d'um inverosimil penteado «á hungara», riçando, empoando, accumulando joias, laços, rosi-cléres, ondeando, encannudando, encaracolando, creando em volta de si uma atmosphéra asphyxiante de perfumes e de pós de França.

Por fim termina-se o penteado. A nossa «frança» parece uma figurinha de Watteau ou de Boucher. O cabelleireiro recolhe os frascos, os ferros, os polvilhos, a menina ergue-se, levam outra vez cinco minutos a fazer medidas, e Muffiéri sae, cortejando n'um italiano cerrado, saltitando, dançando, andando de costas.

Procede-se então á *toilette* para a missa.

D'ahi a pouco, a «françasinha» sae da sua guarda roupa, vestida estupendamente, com uma saia de bambolins na ultima moda, um grande manto de velludo côr d'ouro velho, que era a côr que mais se usava então, muitas joias, muitos laços, muitos signaes de tafetá. A *dueña* entrega-lhe a borla de arminhos que ella ha de levar consigo para se empoar constantemente, e a bocetasinha d'oiro das «moscas» para substituir alguma que porventura caia. Pelo seu lado, a moça de camara toma religiosamente nas mãos um pequeno coxim de damasco vermelho para a menina ajoelhar na Igreja, — e a menina n'uma poltrona, a *dueña* e a moça em tamboretas, aguardam as tres, sentadas e immoveis, que em baixo na cocheira apparelhem o côche d'arruar. Batem as dez, fóra, em todos os sinos da cidade, — e dentro em todos os relogios da sala, que tilintam minuets. Por fim surge um creado empoado, de librê: Sua Excellencia pode descer, está prompto o côche e o senhor Desembargador espéra.

Então, a menina desce, sempre amparada á moça, em pequeninos ais de cansaço que no tempo eram d'uma distincção suprema.

No pateo, o pae aguarda-a, de *cadogan*, luneta de punho d'oiro e ares desembargatorios, dá-lhe a mão a beijar, — e entram os dois na berlinda, uma rica berlinda doirada, muito nobre, muito solemne, muito oscillante, com per-

sevão de mosaico e pinturas de Pedro Quillard, um francez mandado vir por D. João V, que pintava deliciosamente á maneira de Watteau. Ao subir o estribo, a nossa «françasinha» mostra o pé,—um pé adoravel, pequenino, calçado de veludo vermelho, um pé que faria honra a Luiz XV e ao sapateiro Choisy,—um pé tão singularmente lindo, que um frade que vae passando curva-se todo em *Gloria Patri* para o vêr melhor, e um «faceira» fidalgo deixa cahir a luva para ter um pretexto para se abaixar um pouco... O creado ergue o estribo, curva-se, sóbe ás taboas, o cocheiro fustiga os frisões, e a berlinda parte, doirada e cambaleante, pelo Bairro Alto, até S. Roque, entre frades e galdranas, casquilhos e baetas. O tejadilho affora quasi a

alpendrada dos resaltos, e d'uma janella de rótula, ao passar o côche, uma voz esganiçada de michéla trauteia o «minuete do casquilho»:

*«Ai que senhora
Como é formosa,
Peito de rola,
Faces de rosa.*

*Entra na Egreja
Toma agua benta,
Só de creadas
Traz bem sessenta.*

*Vê o seu seio,
Guarda o seu léque,
Olha em seu peito
O rosiclér...»*

Quando a berlinda pára á porta da Egreja, uma nuvem de mendigos rodeia-a, coberta de chagas e de farrapos. O desembargador, que sae primeiro do côche, tem de os afastar, com a ponta do bastão,—não vá a cana-

lha anarrotar os bambolins da menina ou furtar-lhe alguma joia do cabello. Depois, na Egreja, são as «franças» amigas e conhecidas que envolvem a



recemchegada, em passinhos dançados, chiando em falsete, muito empoadas, rindo muito, cortejando-a, beijando-a, rodeando-a, trocando epithetos ridiculos que são «a prata quebrada dos encontros»:

— «A minha Delicia! A minha Exquisita! A minha Ternura!»

Entretanto, junto á pia d'agua-benta, os casquilhos e os «faceiras», de casacas de sêda, braços d'arame, chapéu de tres ventos no sôvaco esquerdo, pintados, esticados, cheios de «moscas», de rendas, de joias, aguardam que as «franças» se aproximem, descalcem as luvas de pala e desçam a mãosinha côr de rosa á pia de marmore. E' n'esse momento que os segredos se dizem, que os *rendez-vous* se marcam, que as mãos se apertam ás escondidas, ainda humidas d'agua benta, e que as cartas se trocam ás vezes com um tal descaramento, que era opinião do cardeal da Motta «*que sobre cada concha das Igrejas se devia mandar pôr um Cupidinho de pedra...*»

Reparem na nossa elegante, a graciosidade com que ella descalça a luva para tomar a agua benta, e o gestosinho calculado e lento com que deixa cahir uma flôr aos pés de certo rapaz de rendigote côr de rosa, muito loiro, que ajoelha immediatamente para a apanhar...

Esse rapaz, que eu lhes apresento agora, é filho segundo do Principal Marco Antonio de Azevedo, antigo ministro dos Extrangeiros de D. João V, — um velho astuto e habil, com um bello perfil de medalha romana e um constante tic nervoso na face, convidado n'esse dia para jantar com D. Diogo de Villanova. Os dois namorados olham-se na mais dôce das contemplações, ella finge compôr pela miléssima vez o signal do canto da bôcca, elle morde o lenço de hollanda finissima, léva-o aos olhos, ao peito, ao punho do espadim, n'uma eloquencia muda, — e consideram-se decerto no momento mais feliz da sua vida, quando o padre entra para a missa, com uma riquissima casula de brocado d'ouro, as mãos postas, os olhos baixos, a estola pendente. A *dueña* acerca-se da sua menina, põe sobre o soalho o pequenino coxim de damasco vermelho, e a «françasinha» ajoelha, sem perder de vista o rapaz loiro da casaca côr de rosa, que continúa a namoral-a com o lenço, dengosamente, ostensivamente...

A missa pareceu-lhes curtissima a ambos.

D'ahi a pouco D. Luiza Villanova está de novo dentro da sua berlinda, que ségue, Bairro Alto acima, cambaleante, doirada, solémne. A

dueña, no banco da frente, faz considerações sobre a pouca vergonha com que os casquilhos namoram na missa, irrita-se toda, aflauta a voz, fala nas penas do inferno; a menina afflicta, toca-lhe com o pé, faz-lhe signal para que se cale, e o velho desembargador do Paço, brincando com os grilhões d'oiro do relógio, olha de revés a filha e sorri á socapa, como quem diz: — «*Ainda tu cuidas que eu não sei, tontinha!*»



O PAE AGUARDA-A, DE «CADOGAN», LUNETTA DE PUNHO D'OIRO E ARES DESEMBARGATORIOS...

Ao almoço a nossa «frança» come pouco; apenas uma empada de rôla, um covillete de amendoa e um gole de chá. Quando vão a levantar-se da mesa, a *dueña* annuncia a prima D. Maria de Lencastre que vem buscar a menina para irem ambas ao convento de Sant'Anna vêr a tia abbadessa. O velho desembargador não gosta muito d'essas visitas a mosteiros, e ainda gosta menos da Prelada, — digna sucessora da outra que em 1730 fugira com um frade capucho, — mas resigna-se por delicadeza para com a prima Lencastre, que já a esse tempo entra pela sala, muito alegre, rindo muito,



ENTRAM OS DOIS N'UMA RICA BERLINDA DOIRADA, PINTADA Á MANEIRA I E WATTEAU...

toucada de amarello á moda allemã, com uma saia de bambolins que parecem alforjes, uma enorme cruz de diamantes ao pescoço, um rosielér nos cabellos, um cãosinho ao collo. É a alegria, que entra por ali dentro. A prima Lencastre não é bonita; *c'est la beauté du diable*. Põe tudo em polvorosa, obriga o cão a fazer habilidades em cima d'um tamborete, empôa-se, compõe a charpa, préga o manto, fala muito, fala sempre, n'um falsete impossivel, — e finalmente lá vão ambas com as duas *dueñas*, n'uma berlinda doirada, a caminho do convento de Sant'Anna.

Dizia um bispo do seculo XVIII de certo convento de agostinhas: «*C'est une maison de femmes qui inquiètent l'évêque, leurs familles et les*

vêr surgir a sua freira, de ter logar, de ter vez, namorando Soror Técla, cortejando Madre Pérola, mordendo o lenço, acenando com flôres, atirando beijos. A mania freiratica invadia tudo, arruinava os filhos-familias, endoidecia os velhos, — dava raptos, scenas de sangue, aventuras de capa-e-espada. Durante o seculo XVIII a freira foi um delirio, uma loucura, qualquer coisa de vertiginoso e de inexplicavel. Os «faceiras» não trocavam um quarto d'hora de grade pela maior riqueza do mundo: era curioso vel-os peregrinar de rotula em rotula, de ralo em ralo, correndo os ferros a todos os «conventos conversativos», de manhã á noite, muito riçados, muito cheios de carmim, muito cheirosos a «agua de Cordova», estafados, escorridos d'al-



«SOBRE A CONCHA D'AGUA BENTA DAS EGREJAS DEVIAM MANDAR PÔR UM CUPIDINHO DE PEDRA...»

lieux où elles sont». Que diria o santo prelado se visse a grade do convento de Sant'Anna, ás duas horas da tarde, por volta do anno de 1753? Imaginem uma onda de «faceiras», de «casquilhos», de «bandarras», com todos os vicios da «turina» do tempo, casacas de todas as côres, tricornes de todos os tamanhos, sorrisos de todos os feitios, dançando cortezias em trocadilhos de pernas, fazendo boquinhas, dizendo tolices, falando tiple, os espadins doirados entre as côxas, as luvas de manópla muito espetadas, — tudo isto misturado com vinte ou trinta frades, quarenta ou cincoenta beatas de capotes e rengos brancos, varios fidalgos velhos e devassos, de bastões e casacas de seda preta, — e aqui teem o aspecto d'aquella immensa sociedade de «freiraticos», todos elles á espera de

gibeiras, sem repousar, sem comer. Depois, o amor d'uma freira era o mais caro de todos os amores do tempo: choviam os pedidos, as exigencias, — agora chapéus de plumas e espadins para as Comedias, logo pela Quaresma capellas para os Anjos, depois espaldas para os penitentes, capas para as Irmandades, mais tarde dinheiro, joias, o fato, a cabelleira, o relógio, a bolsa, a vida, — e sahia um «freiratico» das grades d'um convento mais depennado do que um frango pelo Natal e mais arrependido do que uma alma do Purgatorio. Mas o arrependimento era curto, — e ahi estavam elles outra vez na mira d'aquelles «passaros d'encerro», farejando o ralo, cheirando a grade, mordendo o lenço, atirando beijos, — ainda que se vendesse a quinta, que se empenhasse a sége, que



O PAPAGAIO FALOU E O CÃOSINHO FEZ HABILIDADES SOBRE UM TAMBORETE...

se destruísse a commenda, que se acabasse a farçola, que se perdesse o mundo.

Foi essa multidão de «freiraticos» que as nossas duas «franças» tiveram de atravessar, á entrada e á sahida, na visita á tia Abbadessa, onde se tinha falado das modas do Paço, das joias dos genovezes, tocado cravo, dançado, comido dôce d'ovos, intrigado, escandalizado, discutido, — n'uma palavra, tratado de tudo menos de religião. A visita demorára bem tres horas. Ao subir para o côche, a prima Lencastre, muito mais ladina, não poudo conter-se que não dissésse ao ouvido da outra, muito corada, muito afogueada: — «Afinal, prima, dizem que a tia Abadessa... tambem tem um frade capucho!»

Ás quatro horas da tarde estão ambas de volta: já o Principal Marco d'Azevedo passeia no jardim com o Desembargador, gravemente, lentamente, ambos de rabichos brancos, de casacas de seda, discutindo os ultimos acontecimentos politicos, o tratado com a Hespanha, o estado de coisas na Austria.

D'ahi a pouco jantam. Grandes cabritos assados sobre enormes bandejas de prata, — que dariam para o jantar d'uma commuidade. Dôces de convento, abundantes, brutaes, — bolos podres, toucinho do Céu; moletes, sevados, argolinhas. No fim, toda a botellaria abaixo. Como já não ha luz do dia, accendem cincoenta vélas de cêra: parece um serão do Paço. As duas «franças» tagarelam em falsete, riem de

tudo, brincam com o cão, mandam vir o papagaio, dizem tolices, puerilidades. De vez em quando, Luiza Villanova recorda-se do lindo rapaz de casaca côr de rosa que namorára na missa, que namorava sempre que sahia, e cujo pae ali estava diante d'ella, dizendo mal de Alexandre de Gusmão, com o seu rude perfil de Cesar antigo, constantemente em contracções, em *tics* nervosos. Se elle viesse tambem, ao menos logo, ao serão! E d'ahi, quem sabe? Talvez que aquelles dois velhos tão cheios de gravidade tivessem pensado já em os casar... E a nossa «frança», muito gulosa, comendo um palito *de la Reina*, fazia em segredo confidencias curiosissimas á prima, — como o encontrára, como lhe falára a primeira vez, como começára a gostar d'elle...

Entretanto, o velho Marco d'Azevedo continuava a falar de politica com o desembargador, a queixar-se ásperamente de El-Rei D. José, que o exonerára de ministro para o substituir por um tal Sebastião de Carvalho, a fazer affirmações sobre o futuro, que lhe apparecia cheio de difficuldades pelo lado de Hespanha... E quanto mais se enchia de razão mais os *tics* redobravam, d'uma forma afflictiva e tão lamentosamente risivel, que a *dueña* não poudo conter-se, começou a rir como uma perdida, engasgou-se, teve um desmaio e foi cahir nos braços do antigo ministro do senhor D. João V. A gargalhada communicou-se ás «franças», que tombaram suffocadas de riso sobre

um sophá, — enquanto Marco Antonio d'Azevedo, com a *dueña* desmaiada sobre o braço esquerdo, agitava desastrosamente um léque de rendas e pedia, muito afflicto, que trouxessem um frasco d'Agua da Rainha da Hungria. . .

Muitas desculpas, muitas medidas, — e a dona velha é transportada para a sua camara. Se-

cou-se o minuete. Alexandre Antonio de Lima, o poeta, glosou varios motes dados por D. Violante de Portugal. O celebre musico David Peres, que ainda hoje se vê pintado em Queluz no tecto da sala das Talhas, tocou deliciosamente Bach n'um bello cravo hollandez. Por fim, quando Luiza Villanova já estava para

um canto, triste e sem esperança, viu de repente surgir ao fundo uma casaca côr de rosa, muito galante, uns bofes de renda picada de prata, uma luneta ávida que a procurava: era Elle, — o Elle com E grande que faz suspirar todas as Ellas, que as deixa tristes com uma palavra e doidas com um sorriso. Entretanto, ao canto da sala, junto d'uma enorme faiança chineza, o antigo ministro de D. João V perguntava ao velho Desembargador, vendo aproximar-se os namorados n'uma medida, como duas figurinhas empoadas de Greuze:

— «Então, quando casamos os pequenos?»

Pela meia noite, o pateo estava cheio de cadeirinhas, de seges, de berlindas. As visitas foram sahindo pouco a pouco, foram-se apagando as luzes, fechando as janellas, rodando os côches, — e a nossa «françasinha», d'ahi a meia hora, seguida da *dueña* e da moça de camara,

entrava placidamente, virginalmente, na sua alcova cerrada. A tapeçaria d'Arrás, onde as duas personagens tecidas d'ouro gesticulavam, no fundo verde-pallido d'um bosque, cahiu de novo, pesada e silenciosa, sobre o «deitar da frança».

E nós, resignadamente, como o precioso abade de Choiseuil, — fechamos os olhos. . .

JULIO DANTAS.

(Illustrações de Roque Gameiro)



DANÇARAM O MINUETE, GRAVEMENTE, SOLEMNEMENTE. . .

gundo opinião do Desembargador tinham sido flatos. Segundo opinião do antigo ministro tinha sido uma fatalidade: a *dueña*, ao calir-lhe nos braços, enchera-lhe a casaca de polvilhos e de pinturas.

Começaram a entrar visitas para o serão. Accenderam-se mais cincoenta vélas de cêra, tocaram-se ao cravo modinhas e lunduns, dan-



TOADA PARA AS MAES



ACALIENTAREM OS FILHOS.

*Oh Desgraça! vae-te embora,
Que esta linda criancinha
Andou no meu ventre e agora
Trago-a nos braços. É minha!...*

*Do berço, segue-me os passos.
Onde eu vou, seus olhos vão...
E quando a apêrto nos braços
— Abraço o meu coração.*

*Quando o seu chôro receio,
Embaló-a, faço que acceite
A alegria do meu seio
Na brancura do meu leite...*

*E quando assim não descança,
Que tristezas me consomem!
— Mas antes chore em creança
Que depois quando fôr homem...*

Se ao dal-a ao mundo soffri
 Tormentos, ancias mortaes,
 Desgraça, vae-te d'aqui,
 O que pretendes tu mais ?!

Bate as azas, mas ao voares
 Não me apagues esta estrella.
 Se alguém d'aqui precisares,
 — Aqui me tens, em vez d'ella!

Tocam às ave-marias.
 Foi-se o sol. Não vem a lua.
 Luzinha que me allumias,
 Que sorte será a tua ?...

Riquezas tenhas tão grandes,
 E tal bondade tambem, →
 Que ao redor d'onde tu andes
 Não fique pobre ninguém.

Que a todos chegue a ventura:
 Toda a bocca tenha pão,
 Toda a nudez, cobertura,
 Toda a dôr, consolação...

Mas se o oiro é mau caminho,
 — Antes tu venhas a ser
 O pobre mais pobrezinho
 De quantos pobres houver.

Iremos por esses montes
 Altos e azues, como os ceus...
 Que onde ha fructos e onde ha fontes,
 — Está a meza de Deus!

E quando a neve cahir,
 E as seivas adormecerem,
 Iremos então pedir...
 (Acceitar o que nos derem!)

Andaremos à mercê
 Dos genios bons e dos falsos
 Leguas e leguas a pé,
 Rotinhos, magros, descalços...

E onde houver urzes e tojos.
 Pedras que rasgam a pelle,
 Porei o corpo de rójos
 — Passarás por cima d'elle!

Dorme, dorme, meu menino,
 Foi-se o sol. Nasceu a lua.
 Qual será o teu destino?
 Que sorte será a tua ?...



*Se um crime tens de fazer,
Antes fique vago um throno,
Antes um palacio a arder,
— Do que uma enxada sem dono...*

*Se porém no teu destino
Ha tão cruentos signaes,
Dorme, dorme, meu menino,
— Não tornes a acordar mais!*

*Mas os meus nervos não mentem,
São um indicio seguro.
Que os nervos das mães presentem
Muitas vezes o futuro.*

*E esse olhar, essa bondade
Não me enganam, filho... Não!
— A pomba da f'licidade
Virá poisar na tua mão...*

AUGUSTO GIL.



A poesia da photographia

Um dos mais inspirados poetas da geração nova, o sr. Affonso Lopes-Vieira, honrou os *Serões* com a dádiva de tres magnificos *clichés* da sua lavra, que por nosso turno offerecemos jubilosamente aos leitores.

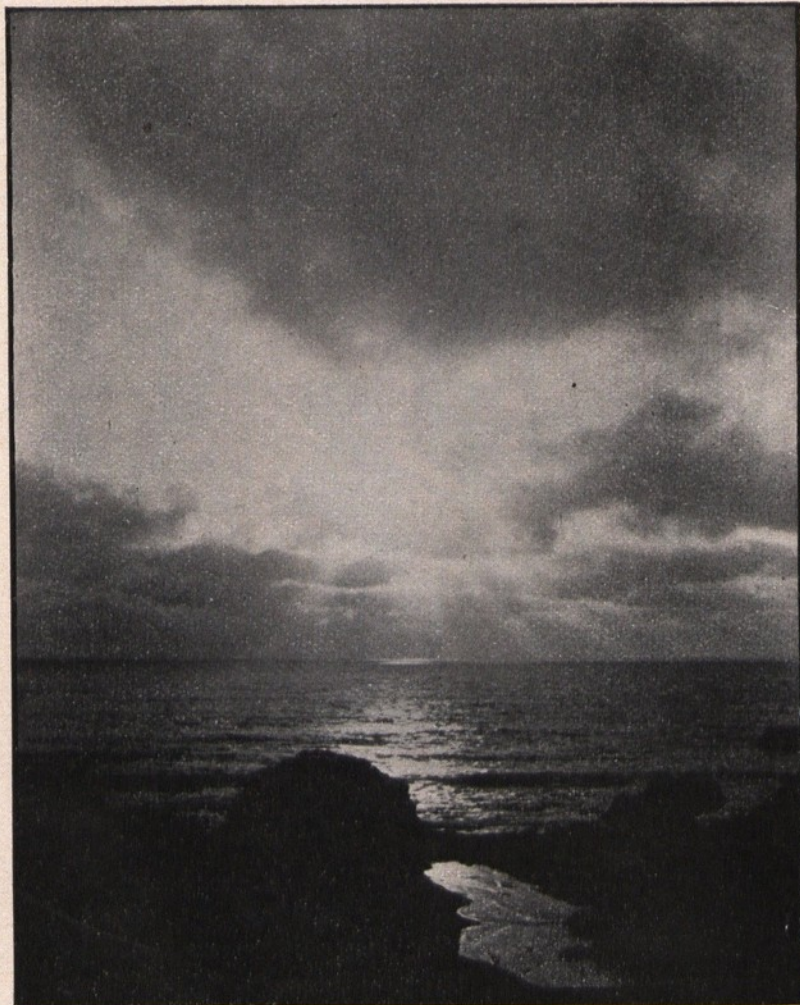
Por elles se vê que a photographia não é uma fórmula puramente mechanica de reproducção da natureza. Póde ser alguma cousa mais, desde que o sentimento artistico se reuna á pericia professional e dirija o photographo na escolha dos seus assumptos e do ponto de vista particular, moldado para certos effeitos de luz, de contorno, de composição, de esthetica.

Os *clichés* de Lopes-Vieira denunciam uma alma de poeta contemplativo e melancholico, que, por assim dizer, transmite á machina o segredo das suas commoções intimas. A objectiva é um como duplicado do olhar do poeta, o obturador é manejado pelos dedos nervosos de um grande artista, que sabe fechar os olhos a tempo para que no seu espirito persista a imagem suggestiva dos mais delicados sentimentos.

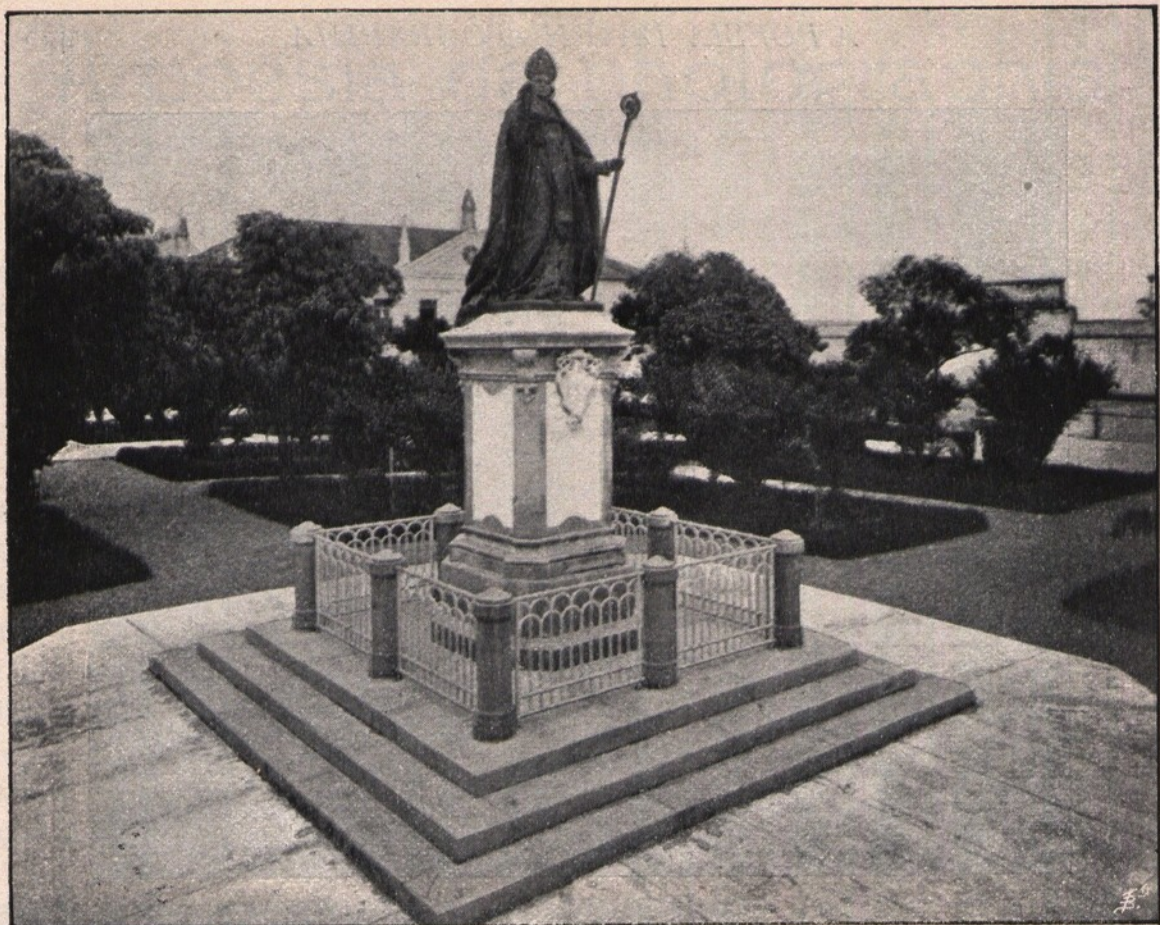
O juvenil poeta, que já tem enriquecido as letras patrias com deliciosos livros, soube assim communicar aos extanhos, por outra fórmula artistica, toda a melindrosa sensibilidade que vibra nos seus versos.

Estes bellos *clichés* representam sem duvida uma lição e um estimulo aos nossos photographos, frequentemente habituidos a reduzirem-se ao frio automatismo das suas machinas, sem comprehenderem o muito com que póde collaborar nos seus trabalhos a emoção pessoal.

Ao eminente poeta vivamente agradecemos, por nós e pelos nossos leitores, o brilhante subsidio que lhe aprouve conceder aos *Serões*, abalanchando-nos a pedir-lhe encarecidamente que, sob as variadas fórmulas por que póde expandir o seu talento, nol-o renove a miudo.







MONUMENTO DE D. FREI CAETANO BRANDÃO, NA CIDADE DO PARÁ

D. Frei Caetano Brandão

No primeiro centenario de um benemerito

(15 de dezembro — 1805-1905)



São as grandes figuras da Bondade humana, os apóstolos do Bem, da Caridade, da abnegação, a fonte única de onde deriva o exemplo sublime do mais acrisolado espirito civilizador da Humanidade. Debalde se erigem na historia os nomes e memorias dos conquistadores, dos guerreiros, dos monarchas, dos politicos, que tudo revolvem, semeando odios, desventuras, luctas fratricidas.

Mais alto, mais perduravel nome firmam pelos seus actos os que apóstolizam a Paz, o trabalho, a fraternidade, o amparo fraternal ás creanças e aos invalidos, os que prégam com a palavra e com o exemplo a organização pacifica, laboriosa das sociedades, promovendo o ensino, a educação moral e civica, a affectividade de homem para homem, como de irmão para irmão, pondo em pratica a lei do Christo, adequada aos tempos, aos logares diversos da Terra!

Exemplos sublimes do Bem! Tal era a de-

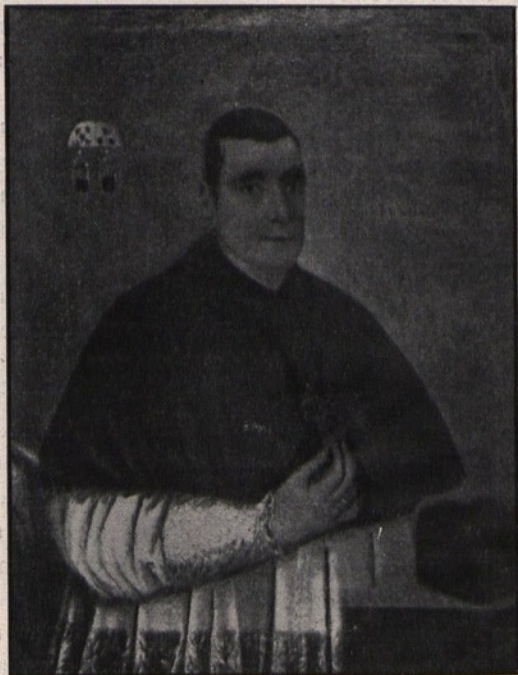
nominação que D Antonio da Costa, o benemerito apostolo da instrucção em Portugal, tencionava dar a uma galeria de esboços, que pensava dar a publico, das figuras mais salientes da bondade intelligentemente exercida no nosso paiz, onde a alma popular é geralmente caridosa e boa.

Quantos d'estes santos exemplos se podem apontar, desde os que a igreja canonizou, e se veneram nos altares, como as santas Mafalda e Izabel, como S. João de Deus, até tantos outros nomes, uns de fama apregoada através dos seculos, outros obscuros e simples, ainda após a morte amortalhados no silencio austero a que a sua propria modestia os condemnou, e do qual a posteridade não soube ainda erguel-os no pedestal condigno da sua elevada acção humanitaria!

Temos apontado na historia singela de Beneficencia Portugueza, muitos d'estes nomes ignorados e esquecidos, aos quaes se não levantaram pelas ruas e praças dos povoados do velho Portugal estatuas ou monumentos, como lá fóra amiudadas vezes se faz. Alguns, porém, se estatuas de marmore ou de bronze lhes não attestam a eterna gloria de benefeitores da humanidade, teem comtudo, é certo, as suas obras extensamente descriptas e commentadas em livros, verdadeiros monumentos, que lhes ergueram escriptores dedicados. A Rainha Santa, o veneravel D. fr. Bartholomeu dos Martyres e outros, teem soberbos monumentos erigidos ás suas virtudes, nas memorias que escreveram os seus chronicistas fr. Luiz de Sousa, o dr. Ribeiro Garcia de Vasconcellos, e D. Antonio da Costa. Teve o tambem o venerando bispo D. fr. Caetano Brandão no livro das suas *Memorias*, escriptas pelo seu amigo e admirador Dr. Antonio Caetano do Amaral, e no drama memoravel de Silva Gayo.

Não careceria de outro monumento o piedoso arcebispo de Braga; porém, já no l'ará lhe erigiram uma estatua na praça publica, e pretende-se agora levantar-lhe outra, na cidade de Braga, que tanto lhe deve.

E' justo, é necessario, pois, que para acompanhar esta louvavel iniciativa, procuremos numa pequena noticia commemorar, vulgarizar, tornar conhecida do publico contemporaneo, menos lido em chronicas antigas e desconhecedor já dos effeitos e scenas theatraes do drama de Silva Gayo, a grande obra benefica e santa do veneravel arcebispo de Braga e bispo do Pará, o sacerdote exemplar que se chamou D. fr. Caetano Brandão.



D. FREI CAETANO BRANDÃO

Copia de um quadro existente na capella do hospital de S. Marcos

N'esta quadra hodierna de egoismos ferozes, que levam de vencida os esforços em favor da civilização, tentados por grandes pensadores e philosophos, é grato ao espirito affeito a historiar a commovedora serie de obras de beneficencia e de protecção a todas as dôres e desditas humanas, rememorar aquelles exemplos modelares, aquelles bondosos instituidores que acompanhavam devotamente os seus institutos pios; aquelles Provedores que a tudo acudiam sollicitos com os thesouros inexgotaveis da sua infinita unção humanitaria e boa! Almas grandes, que de braços abertos recebiam e amparavam os infelizes, que nem precisavam supplicar-lhes protecção e soccorro! Corações generosos que folgavam de privar-se de confortos para mais largamente soccorrer as desventuras alheias!

Ponham alli os olhos aquelles a quem incumbem deveres profissionaes, na distribuição dos soccorros com que, segundo a moderna comprehensão dos phenomenos sociaes, o corpo collectivo tem por indeclinavel encargo acudir ás miserias geradas no seio das agglomerações humanas. Não será necessaria hoje a virtude evangelica, nem o fervor beatifico,

que encaminhava aquelles religiosos espiritos na senda do Bem. Bastará uma nitida orientação do espirito esclarecido pelas doutrinas positivistas da sociologia, na sua applicação practica, sensata, guiada pelas excellencias de caracter, pelo amor e respeito da Familia, base essencialissima das sociedades humanas; não mais se fará a esmola e o beneficio — por *amor de Deus*, na esperança de futuros premios; sim como dever de homens para com os homens, de irmãos para com irmãos, todos igualmente membros da enorme familia humana, sem preconceitos de raça, de religião ou de seita.

Hoje cumpre-se apenas o dever social da collectividade de amparar e sustentar na queda, no descalabro, o seu irmão que enferma de molestia ou de desventura, e de fortalecel-o para novamente, quando possivel seja, entrar na grande lucta universal, no trabalho util, na labutação eterna, que constitue a vida das nacionalidades, e forma as civilizações, a arte, a industria, o commercio, o *Progresso*, emfim!

*

Notavel influencia exerceram na cultura e civilização do povo portuguez, alguns prelados cujos nomes se conservam na veneração de todos. Bastará lembrar os actos benemeritos de D. fr. Bartholomeu dos Martyres, de D. Diogo de Sousa, de D. fr. Caetano Brandão, ao norte do paiz, de D. fr. Manuel de Cenaculo, em Beja, e de D. Francisco Gomes de Avellar, no Algarve.

Referir-nos-hemos agora tão sómente a D. fr. Caetano Brandão. Nasceu em Loureiro, a sete legoas do Porto, em 11 de setembro de 1740, e inclinando-se desde verdes annos á humildade e brandura, professou em 1759 na Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia, no Collegio de S. Pedro de Coimbra, e frequentou a Universidade, tomando grau de bacharel como theologo. Chamado a Lisboa alli ensinou philosophia, mostrando indicios claros de grande talento, e das suas virtudes e caridades.

Estas qualidades o recommendaram á rainha D. Maria I, que em 1782 o nomeou bispo do Pará. Fr. João de São Joseph Queiroz, nas suas *Memorias*, pinta-nos o estado desgraçado de ignorancia e miseria em que jaziam os povos semi-selvagens d'aquelle bispado, quando o santo bispo alli desembarcou.

A vida exemplar, modesta, estudiosa e tra-

balladora do novo prelado fôram o primeiro estímulo á reforma da diocese. A noticia das suas visitas pastoraes pelo sertão e logarejos do Pará ficou registada nas suas cartas memoraveis. Chamou-lhe as atenções o Seminario, a cujas aulas assiduamente assistia, educando devotadamente os pupillos, creados sob o seu *bafo protector*. Rejubilava-se de o frequentar, de o ouvir, de lhes apreciar dia a dia os adeantamentos e aproveitamentos, ancioso de n'elles achar prestimosos auxiliares para conseguir a reforma do clero da diocese.

Cuidava nas escolas com desvelo; queria a instrucção dos seus diocesanos; igual interesse lhe mereciam os enfermos a quem visitava a miudo, quer em casa, quer no hospital, levando-lhes soccorros e confortos. Ao passo que pensava em preparar no Seminario os missionarios da civilização, anciava por acudir aos males e desventuras dos pobres, e dizia:

«Olhei para esta cidade e vi o diluvio de miseria e pobreza em que fluctuava uma grande parte dos seus habitantes, morrendo muitos d'elles ao desamparo, por não haver um asylo publico de necessidade; enterneci-me e temi justamente que Deus houvesse de me tomar conta, como a pae commum, de não ter ao menos feito alguma tentativa para diminuir a somma de tantos males.»

Por isso tentou fundar um hospital e uma Confraria de Caridade que o sustentasse, e começou a excitar o zelo dos poderosos, por meio de cartas pastoraes e sermões, de que restam preciosos autographos no archivo da Misericordia Paraense e na bibliotheca publica d'aquella cidade. São documentos realmente notaveis de eloquencia, de sinceridade e de dedicação, em que transluzem as mais puras e sãs idéas de fraternidade e de caridade.

Colheu logo copiosos resultados, do que se confessa jubiloso. Fundou a confraria, e deu começo ás obras do hospital, vendo-as crescer dia a dia, com impaciencia febril, demonstrada nas suas cartas, nas quaes, alludindo á sua criação idolatrada, dizia, por exemplo:

«Deus tem semeado no fundo do coração humano um principio inalteravel de ternura que entra na sua composição e forma, para o dizer assim, a parte mais clara e mimosa do homem, etc.»



BRAGA — PARTE DO EDIFÍCIO ANTIGO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS, ONDE HOJE SE ACHA INSTALLADA A PHARMACIA DOS ORFÃOS

Elle proprio sahia em *procissão de collecta*, com a irmandade, munidos de cestinhos em que recolhiam as esmolas, batendo de porta em porta

O hospital abriu em 1787, e o caritativo bispo, n'uma das alludidas cartas descreve ufano as magnificas accommodações que obtivera para os seus queridos doentes. Foi este hospital da Caridade que em fins do seculo xix o Pará reconstruiu, transformando-o em um grande hospital modelo, que em 1900 se inaugurou com 176 doentes. Por essa occasião o Provedor da Misericordia Paraense teve a louvavel idéa de assignalar a memoria do egregio bispo por uma estatua, na praça em frente de majestoso hospital, praça que ficou denominada de D. Frei Caetano Brandão.

Assim se fez, com o concurso intelligente do Conselho Municipal, e em 3 de maio de

1900, quando se celebrava o 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, lançava-se a primeira pedra do monumento, cujo projecto e execução foram confiados aos italianos Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi, concluindo-o este, por morte do primeiro.

A estatua, representada na nossa gravura, foi inaugurada em 15 de agosto do mesmo anno. Na frente, sob o brasão das armas do bispo, lê se :

Á MEMORIA
DE
DOM FREI CAETANO BRANDÃO
O MUNICIPIO DE BELEM
1900

Na face posterior:

RESOLUÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL
NUMERO 54
DE 24 DE MARÇO DE 1899

Na face da direita :

NASCEU
EM 11 DE SETEMBRO DE 1740
NOMEADO
BISPO DO PARÁ EM 1782
ARCEBISPO DE BRAGA EM 1789
† 15 DE DEZEMBRO
DE 1805

Na face da esquerda :

INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL
DA
SANTA CASA
DA MISERICORDIA
EM 25 DE JULHO
DE 1787

O bispo apparece-nos alli, em vestes de pontifical, empunhando o baculo e erguendo a mão em gesto de abençoar. E' um bello e perfeitissimo monumento, no estylo italiano de 1700, do tempo de Bernini.

Assim ia discorrendo a vida do virtuoso bispo, enfermeiro cuidadoso no seu hospital querido, que visitava a miudo, até que, subitamente, a fama de suas excepcionaes qualidades, repercutida na côrte, fez com que o intelligente ministro Martinho de Mello e Castro o nomeasse em 1789 para o elevado cargo de arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas. Abandona o bispo a diocese do Pará, onde os povos choram sentidamente o seu bemfeitor. E, assumindo o exercicio do novo cargo, D. frei Caetano Brandão procura imitar o exemplo memoravel do bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avellar, a quem pede com instancia o aconselhe na espinhosa e ardua missão de que o encarregaram. N'uma carta sua lê-se o seguinte:

«V. Ex.^a cobre-me de pejo, pondo-me a par do bispo do Algarve ; he meu mestre e exemplar ; cá vou rastejando em seu seguimento ; porém de longe, por não ter as forças que elle tem, e achar caminhos mais agros e intrincados.»

Chegado a Braga vendeu logo todos os adornos e baixellas da mitra, como o fizera D. Francisco Gomes de Avellar, vendeu coches e cavallos para applicar o producto em institutos de caridade e de ensino.

Reformou o clero e os mosteiros, luctando com a malevolencia e a calumnia, e desprezando a campanha vil que em torno d'elle se levantava, proseguiu ovante nos seus abençoados intuitos.



PARTE DO ANTIGO EDIFÍCIO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS, DO LADO DO CAMPO DA VINHA
(HOJE CAMPO D. LUZ, EM BRAGA)



SACRISTIA DA CAPELLA DO HOSPITAL DE S. MARCOS, EM BRAGA, ONDE SE ACHA O RETRATO DO REVERENDO ARCEBISPO



AUTOGRAPHO COM A ASSIGNATURA DE D. FREI CAETANO BRANDÃO

Fundou logo numa das casas da mitra o seminário dos orfãos, sua obra dilecta, procurando obter-lhe benefícios e rendas, e desde logo medita construir um edificio, tão vasto que nelle se alberguem 200 creanças pobres, orfãos e expostos da cidade.

Abriu em 1790 com 16 orfãos, meninos de 8 a 12 annos, tirados da ultima miseria e do mais completo desamparo. O seu plano foi estabelecer-lhes aulas, misteres, officinas e fabricas. Creou aulas de desenho, teares, sirgarias. Queria educar prática e professionalmente os seus queridos orfãos, destinando uns a seguir estudos e a doutorarem-se na Universidade, outros a exercer com proficiencia a lavoura e a agricultura, outros ainda para artifices e fabricantes.

No piedoso intuito de proporcionar faceis soccorros clinicos ás povoações ruraes do arcebispado, chamou a Braga um medico distincto para reger uma aula de cirurgia, na qual cursavam doze alumnos do seminario e de fóra.

Construido novo edificio, conseguiu o venerando arcebispo reunir em 1798, nos dois seminarios, sob as suas vistas paternaes, 230 orfãos, sendo 80 meninas e 150 rapazes. Para

as meninas, das quaes procurava fazer bôas mães e exemplares donas de casa, chamou mestras, que lhes ensinassem a coser e a fiar. Não se poupava a esforços para educar e civilizar o povo da sua diocese; estabelecêra premios a quem soubesse ler, dizendo :

«Insensivelmente me sinto arrebatado a promover a bôa educação de meninos e meninas pobres, e creio que não deixa de ser exercicio proprio de um bispo »

Para augmentar a receita dos institutos de beneficencia e de ensino, D. frei Caetano Brandão, com um espirito claro e uma extraordinaria isenção de fanatismos ou de obsecação religiosa, lembrava ao governo a creação de loterias, a exemplo das de Lisboa e Porto, e a extincção de Confrarias e irmandades, santuarios e sisas, que antes só aproveitavam ás exterioridades de culto, para que seus rendimentos tivessem mais proveitosa applicação no empenho de educar e ensinar as gerações futuras. Dizia o santo arcebispo :

«Porque emfim he grande loucura esperar

que venha a ser melhor a geração futura se lhe não fornecermos outros recursos que não teve a nossa.»

Notavel exemplo este de venerando sacerdote que em fins do seculo XVIII manifestava idéas liberaes e ciilizadoras, como não as revelam tantos membros do alto clero, em principios do seculo XX.

Iam muito longe as suas beneficencias, que absorviam o melhor dos 35 contos, que áquelle

Não tinha barreiras nem limites a sua caridade; não lhe bastando já os pobres da diocese extendia a protecção e amparo até aos emigrados francezes que pela Galliza e pelo Minho se debatiam com os horrores tragicos da fome.

Imponente triumpho teve a sua incomparavel bondade nesses jantares em que 130 meninos, a quem elle déra vestidos e premios, o aclamavam num delirio de reconhecimento, com vivas e palmas, que deviam echoar com a mais



ACTUAL EDIFICIO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS — FACHADA PRINCIPAL

tempo formavam a renda da mitra. Dividia esta avultada verba, afóra as despesas indispensaveis do seu sustento, pelos seminarios dos orfãos e orfãs; pela casa dos velhos e velhas onde albergava 56 de ambos os sexos; em premios aos que soubessem lêr e ás artes e officios, como já direi; em vestidos e jantares a 139 rapazes e raparigas que frequentavam as aulas e officios; em ordenados aos respectivos mestres; em esmolas a velhos invalidos e a mais de cem familias envergonhadas que recorriam ao seu obulo; em remedios aos pobres, auxilios ao hospital, jantar aos presos, etc.

profunda alegria no seu coração bondosissimo.

Mas D. frei Caetano Brandão, ás excellencias de character eminentemente caritativo, alliava a rija tempera de um espirito esclarecido, manifestando a orientação nitida, definida e pratica, de um plano civilizador. Não se limitava a soccorrer os desvalidos, a acudir aos pobres, aos enfermos, ás creanças. Promovia o progresso material e moral da sua diocese; tinha por alvo conseguir o fomento da agricultura, das industrias caseiras, das artes mechanicas, do commercio, emfim.

Neste civilizador intuito, D. frei Caetano

Brandão promoveu em Braga, em 1792, um verdadeiro certamen de artes e industrias, estabelecendo premios, aos quaes convocava o povo da diocese em editaes publicamente affixados. Deu a idéa inicial das exposições universaes, que só mais de meio seculo depois, em 1862, começaram a produzir na Europa culta os seus opimos resultados.

Foi D. frei Caetano Brandão quem as instituiu e iniciou em 1792 na cidade de Braga, com o concurso das corporações dos mestères

arithmeticas, escripturação mercantil por partidas dobradas e conhecimento de negocios; depois premios a aprendizes do fabrico de seda, de sombreiros, tecelões, armeiros, livreiros encadernadores, e enxambradores carpinteiros, e outros a raparigas que se distinguissem como fiandeiras, tecedeiras, bordadeiras em ouro e prata, costureiras e sirgueiras.

Realizou-se a distribuição dos premios em 1793, sendo premiadas 10 mulheres por tra-



ACTUAL EDIFÍCIO DO COLLEGIO DOS ORFÃOS — FACHADA POSTERIOR

regularmente organizadas pelo virtuoso e exímio prelado. Assim o reconhecia e affirmava em 1862 a comissão da secção agricola portugueza na Exposição Universal de Londres.

Estabelecia o sabio arcebispo nos seus editaes 24 premios, sendo: dois de 50.000 réis a 2 lavradores que plantassem mais de 50 pés de oliveira, preferindo-se os mais pobres, com mais filhas, ou de maior idade; dois de 50.000 réis a 2 lavradores que semeassem mais de dez alqueires de linhaça; outro de 50.000 réis ao caixeiro de mercadores de lã ou seda, de capella, de mercearia ou de generos de fóra do reino, que tendo 12 a 15 annos soubesse

balhos de tecelagem, de talagem, de bordados de côr e a branco, de costura, de meia, de fiar em roca e em roda, e de sirgaria, importando o total d'estes premios de 50.000 réis e de 25.000 réis em 375.000 réis. Homens foram premiados 14, dentre os que exerciam o commercio e os officios de encadernador, espingardeiro ou armeiro, teares de toalhas e guardanapos, cutileiros, sombreiros, enxambradores, lavradores e fabricantes de seda, sendo a importancia total destes premios 425.000 réis.

O arcebispo, conscio do proveito e utilidade da sua admiravel tentativa, que a inveja não



BRAGA — CAPELLA DA SENHORA DA PIEDADE OU MISERICORDIA VELHA, ONDE JAZ SEPUL'TADO D. FEEI CAETANO BRANDÃO



GRUPO DE INTERNOS DO COLLEGIO DOS ORFÃOS, COM O SEU ACTUAL DIRECTOR, REV. JOSÉ MARIA COELHO, QUE O MESMO COLLEGIO EDUCOU E ORDENOU

logrou empecer, dizia satisfeito vendo os resultados magníficos por elle previstos:

«Estão desenganados os burguezes; e pelo que vejo começa o meu designio a produzir effeito que é com o mesmo meio diminuir a miseria publica e combater a ociosidade. Deus nosso senhor por sua misericordia abençoe este, e os mais desejos que tem posto no meu coração, que me parece são uteis a uma e outra republica.»

E ainda como demonstração de elevado criterio, o arcebispo, em 1801, traçou por sua propria mão o plano da educação dos orfãos, trabalho notavel debaixo de todos os pontos de vista, e felizmente publicado em 1861 pela commissão administrativa do seminario.

Era esta a instituição sua predilecta. E' de suppôr quanto seria attribulada a situação do seu espirito, quando em 1797 epidemias tei-

mosas assolaram o seminario e a cidade, sendo por fim attingido o proprio prelado.

Então os orfãos, n'uma manifestação de piedosa supplica, com seus curiosos uniformes — beca verde e estolas encarnadas — saíram em procissão pelas ruas, implorando em preces religiosas o restabelecimento do seu querido protector.

Finalmente, em 15 de dezembro de 1805, pelas duas horas da tarde, fallecia pobre, no meio das bençãos e lagrimas de todos os diocesanos, o venerando arcebispo, modelo exemplar de bondade criteriosamente exercida, sob um ideal superior de civilização.

Sepultaram o bom arcebispo na capella-mór da Sé, de onde em 1890 o transferiram para a capella do claustro, chamada de Jesus ou de Nossa Senhora da Piedade, mais vulgarmente da *Misericordia Velha*, por n'ella ter sido instituida a Confraria da Misericordia de Braga, que se conservou alli até 1558.

Não podiam ter os restos do benemerito



TUMULO DE D. FREI CAETANO BRANDÃO, EXISTENTE NA CAPELLA DA SENHORA DA PIEDADE

prelado mais adequada jazida. N'esta capella que o celebre arcebispo D. Diogo de Sousa erigiu em 1513 no claustro da Sé para sua sepultura, de seus irmãos e pessoas capitulares da igreja que n'ella quizessem ter eterna morada, e onde do lado da epistola, em arco aberto na parede, se acha o tumulo do illustre Primaz, repousam hoje, em lugar correspondente, do lado opposto, os restos de outro igualmente illustre prelado bracarense. Alli estão em tumulos fronteiros os dois arcebispos mais notaveis da archidiocese, os quaes nos seculos xvi e xviii encheram o bispado de melhoramentos materiaes e moraes. Ao primeiro, devem-se o ampliamento e progresso da cidade, novas ruas, fontes, templos, hospitaes; — ao segundo, o ensino, dos orfãos, a protecção ao trabalho, á agricultura, á industria, ás artes, o incentivo intelligente e paternal á Civilisação e ao Progresso.

Na sepultura de D. fr. Caetano Brandão, pozeram o epitaphio seguinte :

AQUI JAZ

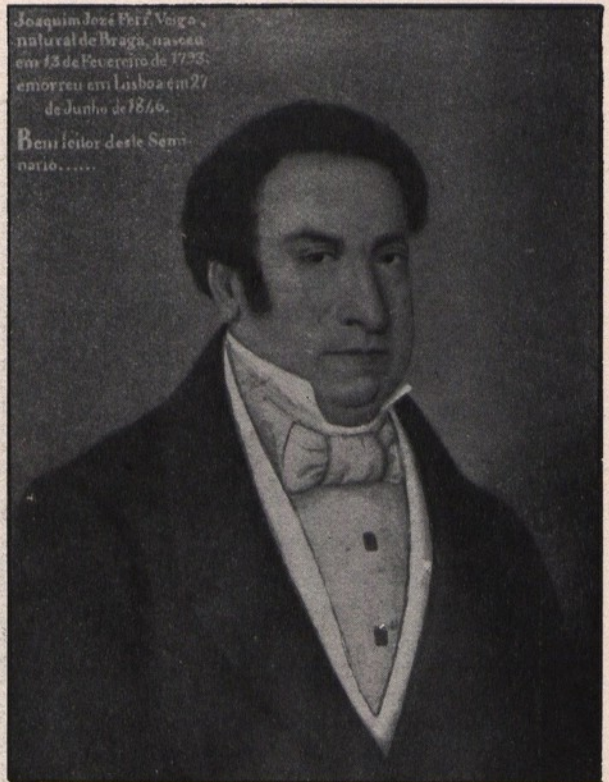
D. FR. CAETANO BRANDÃO, FILHO LEGITIMO DE THOMÉ PACHECO DA CUNHA, SARGENTO-MÓR DE ORDENANÇAS E DE D. MARIA JOSEFA DA CRUZ. FOI RELIGIOSO DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO, DEPOIS BISPO LO PARÁ NO BRASIL, E ULTIMAMENTE BISPO E SENHOR DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPAÑHAS.

PRELADO EXEMPLAR E MUITO DISTINCTO PELA SUA SABEDORIA E VIRTUDES, TORNOU-SE NOTAVEL PELA FUNDAÇÃO DE IMPORTANTES ESTABELECIMENTOS DE BENEVICENCIA E CARIDADE NESTE ARCEBISPADO.

NASCEU EM 11 DE SETEMBRO DE 1740 NO LUGAR E FREGUEZIA DE LOUREIRO, BISPADO DO PORTO, E FALLECEU EM 15 DE DEZEMBRO DE 1805 NESTA CIDADE DE BRAGA, SENDO SEPULTADO NA CAPELLA-MÓR DESTA SÉ PRIMACIAL, E TRANSFERIDO PARA ESTE TUMULO EM 15 DE DEZEMBRO DE 1890 (1).

A veneração popular que começou a manifestar-se por occasião das pomposas exequias do arcebispo, continuou até hoje, bem sincera e espontanea, demonstrando-se na romaria

(1) *Inscrições e letreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruracs*, por Albano Bellino, Porto, 1895, pag. 40.



JOAQUIM JOSÉ FERREIRA VEIGA

Bemfeitor do seminário dos Orfãos. fallecido em Lisboa em 1846

(Retrato existente no actual collegio)

piedosa e incessante que accorre ao tumulo daquelle, que não tendo sido canonizado pela igreja, o foi e será sempre, incontestavelmente, pela religiosa memoria que nelle se conserva na gratidão do povo.

Comtudo o seu instituto querido, o seminário dos meninos orfãos, morto o instituidor, decahira profundamente. Resurgiu muito depois por um impulso do generoso philantropo Joaquim José Ferreira Veiga, fallecido em Lisboa em 1846, que se lembrou de o contemplar com um importante legado, que só em 1856, após complicados pleitos, foi por sentença applicado ao seminário dos meninos orfãos, com destino a desenvolver alli a instrucção industrial e agricola, fundando-se uma granja e officinas diversas.

Tomou então o instituto o novo nome que ainda hoje conserva, de— *Collegio dos Orfãos de S. Caetano*, reformado em 1861, e que ainda presentemente constitue o mais perduravel monumento erguido á memoria do seu bondoso e intelligente instituidor.

Do Collegio dos Orfãos partiu agora, como justo era que partisse, a louvavel iniciativa

da celebração centenaria, e o pensamento de erigir em uma praça publica a estatua daquelle que foi modelo exemplar de prelados, mostrando como em posições eminentes da magistratura ecclesiastica ou civil se deve praticar o cumprimento dos mais indeclinaveis deveres de protecção e amparo a todos os seus tutelados, tendo em vista, como ideal superior, o incentivo ao trabalho util, o ensino das gerações futuras, a applicação das aptidões e da actividade dos válidos nas artes, industrias e commercio, de modo a promover o progresso material e moral do Povo, o advento da civilização. Merecem estes o nosso respeito, a nossa admiração, o verdadeiro culto de todos os que amam e prezam as glorias da Patria Portugueza!

Assim como a Villa da Praia soube levantar uma estatua, como preito de eterno reconhecimento, ao benemerito e honrado funciona-

rio civil, que não só a reedificou, como tambem promoveu com todas as suas forças a sua reorganização moral, a instrucção publica, a beneficencia sensata, justa, sollicita, em todo o districto que lhe fôra confiado, a esse modelo de governadores civis, que não empregava as suas horas na galopinagem eleitoral, mas sim no bom e paternal governo dos seus administrados, a esse homem justo, emfim, que se chamou José Silvestre Ribeiro, assim tambem a cidade de Braga, que já conferiu a uma das suas ruas o nome do venerando arcebispo, deve envidar todos os esforços para que numa das suas praças se erga na majestade do bronze ou do marmore, a figura altamente sympathica de um dos mais puros e santos exemplos de bondade, de patriotismo, e de civilizadores intuitos, que temos encontrado nas bellissimas paginas da historia da beneficencia em Portugal.

15 de dezembro de 1905.

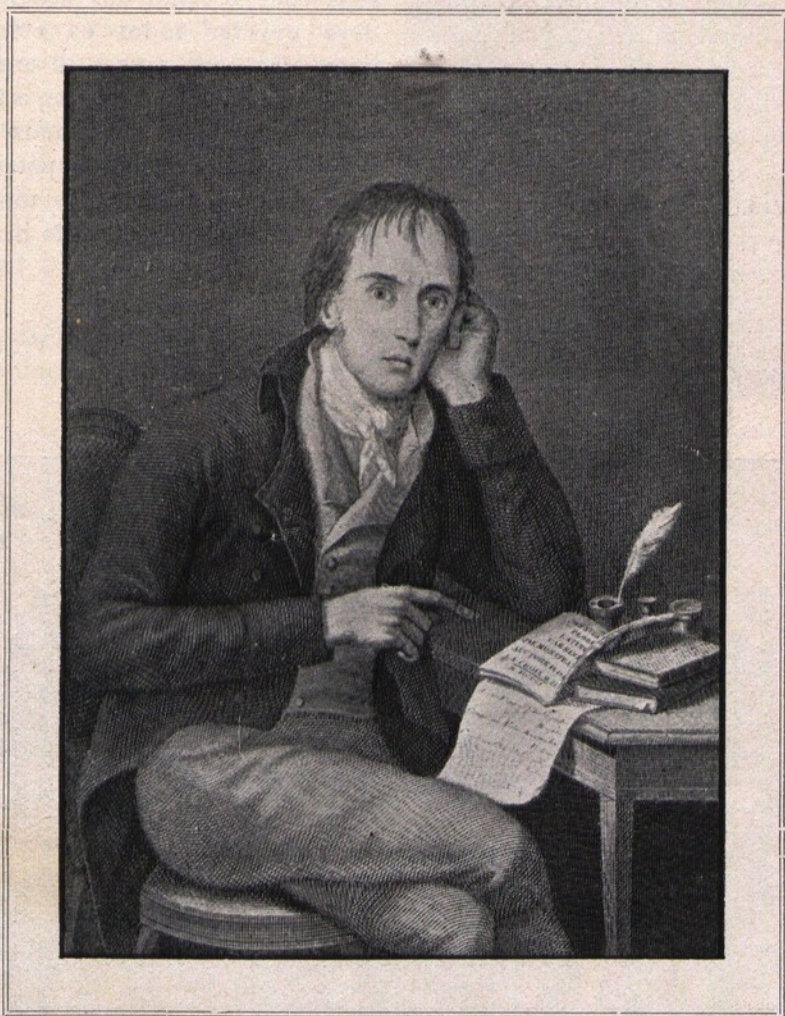
VICTOR RIBEIRO.



COLLEGIAS DO ACTUAL COLLEGIO DOS ORFÃOS, COM O SEU FARDAMENTO
(A MUSICA DOS MESMOS NAS DUAS ULTIMAS FILAS)

Bocage e a Inquisição

O centenário da morte de Bocage, realizado solennemente na sua terra natal, Setubal, e em outros pontos do reino, dá actualidade ao documento que consta do seguinte artigo e que não é geralmente conhecido. Por elle verão os leitores dos Serões não só algumas circumstancias que se referem á prisão do grande poeta pelo Santo Officio, mas tambem ás condições em que se faziam as denuncias e se exercia a espionagem dos suspeitos por esse odioso tribunal. E' esta a ligeira, mas interessante contribuição, com que n'este momento os Serões concorrem á justa homenagem prestada a um dos maiores genios litterarios da nossa patria.



MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Reprodução de um desenho de Henrique José da Silva, gravura de Francisco Bartolozzi

COMO Damião de Goes, Antonio Vieira e Antonio José da Silva, como o Cavalheiro d'Oliveira, Filinto Elysio e José Anastacio da Cunha, Bocage foi perseguido pelo Santo Officio.

Felizmente o ominoso tribunal não

tinha nem sombras do seu antigo poderio, desde que o Marquez de Pombal lhe tirara quasi toda a força, convertendo-o em dependencia das justiças reaes pelo regimento do Cardeal da Cunha. Se assim não fôra, é de crêr que Elmano Sadino tivesse soffrido tão hor-



CASA DE SETUBAL, ONDE NASCEU BOCAGE

rendo supplicio como o que padeceu em 1739, no Campo da Lã, o desditoso *Judeu das Operas*, que entrou para os carceres inquisitoriaes innocente de toda a culpa.

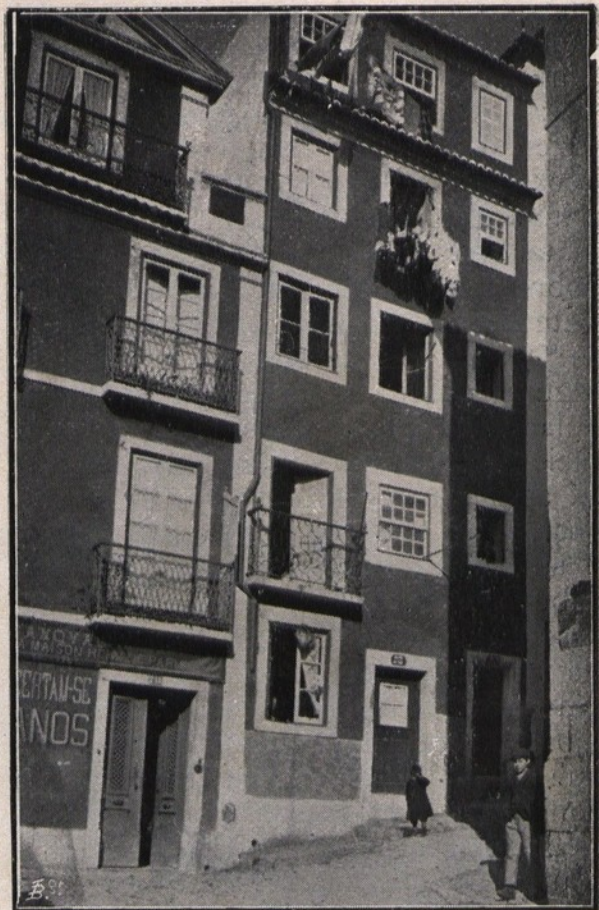
Eis a denuncia dada contra Bocage na inquisição de Lisboa.

Na Torre do Tombo estão guardados os archivos das quatro inquisições, que havia em Portugal.

«Denuncia. — Eu, Marja Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo, morador na rua da Era, freguezia de Santa Catharina da cidade de Lisboa, attendendo ao preceito e obrigação que impõe o Tribunal do Santo Officio aos que souberem alguma das coisas contheadas nos interrogatorios do edital do D.^o S. Tribunal; declara que ouviu dizer a Manoel Maria de Bocage, que elle e José Maria de Oliveira e um fulano do qual não sei o nome, mas sei que é filho de Mathias

José de Castro, o qual ouço dizer que é christão novo, que todos os tres referidos, Bocage, Oliveira, e Castro do qual não sei nome proprio, são pedreiros livres; e ainda que o dito sujeito o disse debaixo de segredo, ella o denuncia ao Santo-Tribunal obedecendo aos seus preceitos. — Maria Theodora Severiana Lobo.

«P. S. — Declaro que sou filha do administrador do correio do reino, e que os sobreditos moram, Manoel Maria n'um becco que está na rua Formosa, José Maria dentro do correio do qual é escripturario, não sei bem a freguezia, mas parece-me que é das Mercês, e o dito capitão Castro na travessa da Condessa do Rio e tambem não sei dizer de certo de que freguezia, mas parece-me que é de Santa Catharina; tambem declaro que o dito Manoel Maria não sei que tenha occupação, e creio que vive

CASA DE LISBOA (TRAVESSA DE ANDRÉ VALENTE)
ONDE FALLECEU O POETA

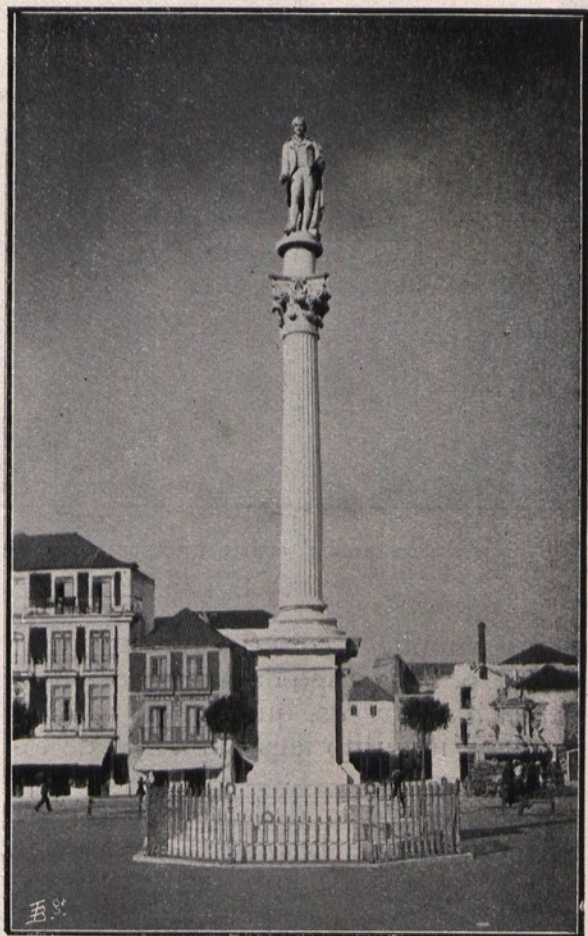
«das suas obras em verso, e não sei se tambem em prosa.»

Um aviso assignado pelos inquisidores Manoel Estanislau Fragoso, Francisco Xavier de Oliveira de Mattos e Antonio Velho da Costa, de 23 de novembro de 1802, manda ao padre José dos Reis Marques «que na primeira occasião em que a denunciante se lhe fôr confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre objectos da denuncia que deu ao Santo Officio, segurando-a que pôde livremente expressar e declarar tudo o que souber a respeito dos particulares da tal denuncia, sem o menor receio de que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da Santa Religião e da mais pura Christandade, antes que este é o meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia, e logo no confissionario ou em tal logar com toda a cautella, disfarce e segredo, que muito lhe encarregamos da Nossa Ordem e Auctoridade, se informará da dita Maria Theodora das circumstancias seguintes: Quanto tempo ha que ella ouviu dizer o que tem declarado, por que occasião e motivo entraram os tres sujeitos, mencionados na d.^a denuncia, a tratar na presença d'ella declarando sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo e á profissão dos m.^{mos} sujeitos; se estes lhe persuadiam alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se diziam socios ou se disputavam entre si, approvando-as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas, e sustentando ser ella licita e boa; se sabe que elles se ajuntem e formem assembléas para tratarem dos negocios de tal sociedade, onde as façam, se são em dias certos e quaes sejam estes; se mostraram algumas insignias ou coisas que sejam idoneas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade e mostrar as prerogativas d'ella, e ultimamente a advertirá que pode e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos.»

A relação do padre José dos Reis

Marques é de 28 de abril de 1803 e do theor seguinte:

«Em observancia d'esta ordem do Santo Tribunal declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia á sua denuncia e para dar parte ao Santo Tribunal do que fosse preciso a este respeito; e sem que eu lhe dêsse parte do que sa-



MONUMENTO DE BOCAGE EM SEFUBAL

bia de antes da sua denuncia, declarou em tudo verdade como n'ella se contém, demais disse que não estava certa do tempo em que o tal Bocage lh'o tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802, em casa de uns vizinhos da sua escada d'elle denunciante e onde elle, e o tal José Maria algumas vezes iam de visita, e disse mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavam o d.^o Bocage e o d.^o José Maria,

o tal J.ª Maria desenhara em cima de uma banca um triangulo e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua e algumas estrellas e duas mãos dadas, e que dissera se havia ceu n'este mundo era aquelle, e chamando o tal Bocage para ver, elle se excusara que não gostava de desenhos, mas, instando o d.º José Maria, veiu com effeito ver, disse que d'aquelle que gostava e apagou-o logo porque não viesse alguém que entendesse, o que fez suspeitar á d.ª denunciante se um sujeito da dita casa, escrivão do crime da Côrte e Casa, chamado Joaquim Manoel, seria tambem da mesma sociedade, visto que não esconderam isto d'elle, e que se tratavam por manos, que segundo lhe tinham

dito, era costume nos da sociedade, e que não estava certa no dia em que isto succedera, mas que fôra depois do meado d'este março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as coisas, não lhe declarou o logar nem o tempo das suas assembléas, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios tanto n'este reino como em outro e que se communicavam e tinham muitas vantagens, que se ajudavam uns aos outros e que tinham varios signaes com que se entendiam, mas que elle os não sabia, e que nunca o persuadiram a coisa alguma pertencente á dita sociedade, e que além d'isto que tem declarado nunca observou coisa que conhecesse ser oposta á religião.»



Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa



ALCACER DO SAL — CABO DE S. PEDRO, NA BAIXA-MAR

Photographia do sr. Thiago Silva



FRAGMENTO D'UM PRESEPIO DE ANTONIO FERREIRA

Existente na igreja da Madre de Deus

Os presepios de barro



O BARRO é o elemento ductil de que o homem lançou mão para modelar os primeiros simulacros da sua adoração religiosa. Symbolo da criação inicial, amassado pelos dedos ancestraes na superficie ainda molle da Terra solidificada, é a materia que se offerece com facil submissão para encarnar a representação animica das antigas forças da natureza e as primeiras fórmulas ainda frustes das divindades. Ou figure os deuses terrificos e mysteriosos do Oriente ou as luminosas criações da vida hellenica, a arte do barro tem sempre um lado popular e simples, espontâneo e livre, onde as almas bafejam a sua candura e modelam a sua bonhomia, — candura e bonhomia que parece irradiarem da convivencia irmã do oleiro humilde com essa materia tambem humilde de que elle faz brotar a

fórma. Os materiaes considerados nobres, o marmore, o bronze, transmittem á estatuarria alguma coisa da sua nobreza e da sua riqueza, fallam de regiões altivoladas, envolvem-se em prégas de inspiração, e a belleza que n'elles se consubstanciou parece dizer, como o Poeta: «*et jamais je ne pleure et jamais je ne ris.*»

O barro, esse canta e sorri, é ironico e meigo, confidente e familiar, quasi nunca severo. É o elemento proprio da adoração popular, da alegria espontanea, da satyra sem amargor. Tão intima familiaridade, tão estreita convivencia, fizeram com que se creasse, ao lado de Phidias, o pobre coroplasta das figurinhas de Tanagra, ao lado do escultor dos deuses magestosos, o santeiro da religião dos simples. As lendas que se gestaram e evolucionaram no seio do povo, tradul-as elle á sua imagem, e com os ingenhos arranjos da sua phantasia. As festas

do seu calendario, o martyriologio dos seus santos, a vida sempre tão illuminada de episodios ternos dos seus padroeiros, e, mais que todas, pelo nimbo de saudade e de alegria caseira, a celebração do Natal, deviam dar á sua invenção formal os assumptos preferidos que a musa popular já poetisara, e os autos já haviam tornado vivos com suas lóas e chacotas.

E quem se lembrou, afinal, de modelar a primeira representação plastica da estrebaria desabrigada onde nasceu Jesus, e em volta de cujo berço se entoaram os primeiros canticos, por zagaes ainda de carne e osso, que acorriam dos arredores com suas gaitas e pandeiros? Foi precisamente o *poverello* de Assis, esse suave S. Francisco, cuja humildade se igualou á da rasteirinha herva, e que quiz fazer da representação do estabulo de Belem, um luminoso quadro vivo da ado-

ração para os simples. Pelo menos, assim o contam as suas chronicas, segundo refere um velho livro provençal:

«Sabemos pelas chronicas da sua Ordem que este homem seraphico fez um oratorio no dia de Natal, onde representou o mais natural possivel o Nascimento de Nosso Senhor, depois de ter obtido licença da Santa Sé, com receio de que, se o não fizesse, fosse condemnada aquella novidade. Escolheu uma pobre e comprida estrebaria, tão comprida e tão injuriada pelo tempo que estava desmantelada, e sem telhado a mais de meio. Os arranjos que a sua devoção lhe deparou foram uma engenhosa mistura de papel, palha e musgo. O sitio era alumiado por muitas vélas e lampadas, e as figuras de madeira que representavam o Menino Jesus, a Virgem Maria sua Mãe, e o bemaventurado S. Joseph, estavam postos ao pé de um jumento e de um boi, que elle mandou vir com palha e



PRESEPIO DA EGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS (ESTRELLA)

Esculptura de Antonio Ferreira



FIGURA DE PRESEPIO
Da collecção
do sr.
Alfredo Guimarães

tes ás familias, o nucleo dos presepios figurados, que em breve se espalharam por toda a Europa christã. A *feira dos santinhos* é ainda hoje, e desde esse tempo remoto, o local onde vão aprovisionar-se da imaginaria popular os que annualmente armam os presepios em quasi todo o sul da França.

Em Portugal, é o seculo XVIII a melhor e mais rica epocha dos presepios de barro, e n'elles se estudam, como em resumo illustrativo, as predilecções do tempo e a sua arte, os seus costumes e os seus trajos, o seu mysticismo precioso e as suas modas. Paginas de folk-lore decorativo, nellas interpretaram os barristas o perfumado convencionalismo

feno para sustento dos mesmos animaes. Como esta estrebaria fosse visitada por grande numero de religiosos que alli iam fazer suas orações diante das imagens de madeira, espalhou-se pelos arredores a fama da nova devoçam, e chamou os camponezes das cercanias que foram os primeiros a adorar o verbo incarnado, fazendo a sua homenagem com violas e bandolins...»

A congregação do Oratorio transmitiu aos conventos de Marselha, e es-

de uma religião pomposa e de punhos de renda, que sensualisou a simpleza do primitivo Evangelho com o fausto das suas Sés e as grandes maneiras da sua Côrte.

A pompa desce á criação da officina, faz vibrar os dedos do ceramista, imprimindo-lhes geito precioso, donaire na attitude, requinte no sorriso ou no extasi.

As figuras plebeias requebram-se em graciosos ademanes de sala, os camponezes parece terem emigrado de uma pastoral de Watteau, com ares de quem se polvilhou para representar n'um theatrinho régio, e pelos torrões da paysagem feita de musgo e éstalactites *rocaille*, os travestis da nobiliarchia deslizam em ceremoniosa precisão heraldica: — fidalguinhas de alvos collêtes minhôtos que os seios repellem na linha dos atacadores modelando graciosos bustos, saia de sete rodas franzida na cinta deixando ver a meia branca e a chinellinha microscopica; typos de raça mal disfarçados em mendigos, com botifarras de almocreve, chapéu braguez ensombrando-lhes faces de ephebos italianizados tratadas com delicadeza de es-



FIGURA DE PRESEPIO
Da collecção
do sr.
Alfredo Guimarães



GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil



PRESEPIO DA SÉ DE LISBOA

Escultura de Machado de Castro

culptura até ao reticulado das veias azuladas; zagaes de uma especie de Trianon catholico, sobraçando a gaita de folles como se descessem de uma tapeçaria dos Gobelins; e anjos que surgem das aureolas resplandecentes, com gestos estatuaes, pannejamentos aereos e floconosos, os corpos modelados na sexualidade indecisa dos androgynos de Praxiteles.

Em todos os typos se repete, ma's ou menos accusada, a mesma estylisação do gesto, da marcha, das roupagens agitadas e academicas, tanto que os personagens, quer caminhando, quer adorando, parece declamarem phrases conceituosas, ou esperarem a deixa de uma scena de fino sentimentalismo. Os braços tomam contornos de voluta como se as coisas do ceu participassem das etiquetas de sala, os dedos são flexuosos e longos como os dos violinistas, e, quando ha martyres, estes vergam a cabeça ao alfange do moiro ou á tenaz em braza do china com a convicta elegancia de uma reverencia de minuete.

Em Lisboa abundavam e abundam ainda, posto que já bastante dispersos, os presepios dos nossos barris!as do seculo XVIII, e não ha figura que por ahi surja á avidez tumultuaria dos colleccionadores que não passe logo para o atulhado patrimonio artistico de Machado de Castro. Certo que os melhores que por ahi se veem são da sabia factura do illustre author da estatua de D. José, mas quantos ignorados oleiros esperam ainda a justiça de uma restituición, sem fallar em Barros Laborão e Antonio Ferreira, sem fallar mesmo nas officinas provinciaes, Aveiro, Porto, Caldas, cuja imaginaria reclama paciente estudo ethnographico. N'um artigo de magazine, mal vae erudição e rebusca, pois me parece não dever passar de texto succinto e sóbrio para sublinhar illustrações.

Um presepio é, em geral, e quando na sua mais rica expressão, presepio de oratorio fidalgo ou de altar de basilica, uma apotheose



FIGURA DE PRESEPIÓ

Da igreja da Madre de Deus



FIGURA DE PRESEPIO

Da igreja da Madre de Deus

convergente, que obedece a uma estudada composição alegórica, com planos, escala, fundo; e como certos quadros flamengos que desdobram no mesmo painel toda uma chronologia de scenas successivas, apenas separada por ligeiros accidentes de terreno, assim nos presepios scenas varias dos primeiros annos de Christo se espalham pelos monticulos musgosos do panorama, misturadas aos episodios pittorescos da vida urbana e da vida rural dos nossos dias: os reis magos e os recoveiros das nossas estradas que os cortejam como a morgados que vão de jornada; a degolação dos innocentes, ou a fuga para o Egypto, junto da matança do porco; soldados de tricorne e capote branco, cacacolando ao lado de legionarios romanos, de couraça e elmo.

Era curioso estudar, uma a uma, as figuras dos presepios, combinadas, tanto quanto possivel, com as suas origens provaveis, e a investigação da casa ou

egreja a que primitivamente foram destinadas.

Lá se encontrariam, talvez, typos historicos, personagens da epocha, devotos que quizeram entrar na peregrinação piedosa desses autos figurativos, tanto em certas caras se vê a preocupação do retrato, ao lado das faces de modelação, não só convencional como amaneirada.

Constituiam d'est'arte a mesma devota consagração que nos quadros votivos cabe ás figuras dos donatarios, os quaes costumavam ser apresentados á Virgem pelos santos seus padroeiros.

Assim, no valioso presepio que existe n'uma casa da rua de S. Mamede (1), abre a brilhante romagem



FIGURA DE PRESEPIO

Da igreja da Madre de Deus

(1) Na casa do sr. dr. Pulido Garcia, onde existe um dos mais bellos presepios de Lisboa, cujas figuras passavam, na tradição da familia, por ser de Machado de Castro.

Segundo curiosos documentos que me foram amavelmente



PRESEPIO PERTENCENTE AO SR. DR. PULIDO GARCIA

Figuras de Machado de Castro e Joaquim José de Barros

no primeiro plano á esquerda, um grupo encantador de quatro figuras, que me dizem serem os Marquezes de Bellas, os quaes pas-

confiados, amabilidade que aqui penhoradamente agradeço, sabe-se que parte das figuras foram compradas ao pintor Pedro Alexandrino, cujo recibo existe, e que outras foram compradas a Luiz José Jecocq,

savam pelo mais lindo casal da epocha. A Marqueza tem uma physionomia deliciosamente ingenua, á Greuze, emoldurada com

do Campo Grande, sendo o presepio armado por José Joaquim de Barros, mestre de esculptura, que fez os *torrões*, (assim chamavam aos fragmentos da montanha com suas figuras) e os respectivos personagens,

tocante simplicidade n'uma touca de folhos, e leva em matern'l gesto de aconhego, um pequenito ao colo; o Marquez, mais velho, de barba grisalha n'uma formosa e grave face de

pheta; e junto d'elle, um pequenito, talvez seu filho, com o mesmo trajo de drama sacro, ergue a cabeça com olhar de submisso espanto. Na frente, um pastor serve de guia,



GRUPO DO PRESEPIO DO SR. DR. PULIDO GARCIA

Onde figuram os Marquezes de Bellas

expressão, traja á oriental, turbante sumptuoso, casaco de alamares de oiro, botas á *pro-*

vestido á moda syriaca, segurando um anho votivo, e com a physionomia que em geral

que foram pintados por Joaquim Correia Viegas. A factura é analoga, mas as figuras attribuidas a Machado de Castro são mais nobres e mais artisticamente pintadas, pois talvez o fossem pelo proprio Pedro Alexandrino.

Não seria da igreja de Bellas o grupo dos Marquezes do mesmo titulo, e então da modelação de Antonio Ferreira, pois, segundo Raczynski, havia lá uma gloria rodeando Christo que diziam ser d'elle?

Além de Antonio Ferreira, auctor dos presepios da



PASTORES FAZENDO OFFERTAS

Grupo da collecção do sr. Alfredo Keil

os figurantes que representam a paixão de Christo dão ao José de Arimathea.

Mas o que ha de mais caracteristico nos presepios ricos do seculo XVIII é a impressão de apothese que de tudo irrompe, em tudo vibra, a caudal de figuras convergentes para o grupo central, recolhido sob o telheiro dismantelado que se apoia em columnas corinthias como fragmentos da antiga Palmyra, e onde o Menino Jesus e a Virgem, S. José e o Anjo, junto dos pacificos animaes seus companheiros, formam o centro compositivo. Ao alto, uma triade de anjos em gloria paira refulbrante, em fluxuosas curvas de alegoria.

No ultimo plano, o plano superior, desdobram-se as muralhas ameadas de Jerusalem, intervaladas de torreões e minarêtes, com suas

portas emolduradas de esculturas como altares, no estylo D. João V, e que dão passagem ao interminavel e ondulante cortejo dos Reis Magos. E todo o Oriente dê convenção, o Oriente dos autos e das procissões, do rei David e de Kaiphás, desenrola a fila dos seus animaes e dos seus adornos, dos seus oiros e das suas purpuras, das suas plumas e dos seus diadêmas. Os camellos trazem oscilantes baldaquinos de brocado de oiro, por cujas frestas espream cabeças exoticas cheias de curiosidade; macissos e desgraçados elephants seguem com passadas vagarosas e taciturnas, encimados por torres de guerra,



FIGURA DE PRÉSEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Guimarães

Estrella, Madre de Deus e Laveiras, havia outros barristas taes como o Assis (pae do professor Assis) um dos auctores do presepio da casa do Marquez de Borba a Santa Martha, e Manuel Teixeira, discipulo de Antonio Ferreira. O estudo da maneira de cada um dos mestres de esculptura não cabe n'um artigo de occasião, e será feita opportunamente, n'um dos proximos numeros dos *Serões*, quando puderem colligir-se mais informes e o maior numero de reproduções dos presepios que ainda existem no paiz, para assim se fixarem as tendencias artisticas regionaes, a variedade das interpretações, o elemento estrangeiro, onde se manifestar, e os costumes do tempo.



UM PRESEPIO

Pertencente ao Collegio de Campolide

acharelados de velludo estrellado de oiro, com franjas de pezadas borlas que pendem até ao chão; e os cavallos escarvam em movimentos de nobre impaciencia, de caudas, de crinas esparsas e ondulantes, com arreios de fivellas de oiro, chaireis de bordados de oiro, penachos heraldicos cravados em fir-

maes de oiro. Na sella arabe, os cavalleiros tem gestos imperiaes indicando o caminho de Belem, attitudes orgulhosas de cabeça, e avançam fidalgamente como para um torneio, com seus turbantes á moda barbaresca. Na frente, em tres cavallos nobremente pacificos, Balthasar, Melchior e Gaspar seguem



GRUPO DE FIGURAS DE PRESEPIO

Pertencente á egreja da Madre de Deus

cheios de bondosa magestade, olhando a estrellada guiadora, com os mantos de arminho caíndo em préguas impecaveis. Nos torrões que fazem a montuosidade rustica do chão, zagaes com anhos balando, moçoilas tocando pandeiro; ou conduzindo casaes de pombos e gigas de ovos, alternam com almocreves de manta alemtejana que, n'uma alta, dessedentam récuas de machos em chafarizes recolhidos sob ramarias umbrosas; cegos tocando sanfona, cobertos de andrajos de estylo, por cujos rasgões se veem vigorosas e morenas anatomias; e em logares afastados, ao pé de um moinho ou de um casebre onde jumentos carregados de saccas esperam pacientes, pastores retardatarios acordam deslumbrados sob o halito leve d'um anjo, que lhes

de um convencionalismo que não exclue o character, e a anatomia, accusada com demasiado vigor, por vezes affectada e incorrecta, dá comtudo aos membros o que quer que seja de elastico e movimentado que se casa com o gesto, ora voluntarioso ora elegante. Como havia, desde o

aponta o luzeiro rutilante. Por fim, os das trombetas e das charamellas abrem o cortejo, n'um estridor colorido de metaes, de sedas, de turbantes, as faces entumecidas, a soprarem nos instrumentos com sympathica e grotesca convicção.

Sob o caramanchel, todo o movimento se recolhe, toda a alegria se concentra, e as mais graciosas attitudes de adoração prostram pastores e anjos, camponezes e legionarios, com espirituaes ou adocicados sorrisos de intimo contentamento. A Virgem é sempre a figura em que os dedos do barrista mais amorosamente, mais respeitosa e se detiveram, e o seu gesto é ao mesmo tempo senhoril e humilde, a face oval e pura, levemente tingida por um sorriso de incuba melancolia.

A modelação de todas as figuras é, como disse,



FIGURA DE PRESEPIO

Da egreja da Madre de Deus



GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil

objecto de uso commum á obra monumental, uma harmonia de composição e de arranjo que sahia do mesmo e homogéneo ponto de vista esthetico, pois que a autonomia das expressões artisticas não se accusava com tanto vigor como hoje, em que a anarchia na arte é theorizada pela extrema esquerda do individualismo, os barristas portuguezes obderam a uma escola que se póde seguir, desde os trajos e as maneiras da epocha, o seu mobiliario e os seus adornos, ás attitudes das alegorias picturaes que se veem nos

paineis religiosos de Pedro Alexandrino e Vieira Lusitano: ha n'elles um mixto de perfume de incenso e de ambrosia.

Os anjos organistas que en'oam canticos em tão donairosos movimentos de arrebatamento extactico, dir-se-hiam sereias de azas e gaze etherea, modulando accordes no recanto dalguma gruta de jardim pagão, por detraz da qual se estivessem preparando as damas da cõrte de Versailles para o mythologico *Embarquement pour Cythère*.

A polychromia, sempre, e sobretudo aqui, justamente convencional, concorre para harmonisar e enriquecer a composição, dando-lhe colorido sem antinomias chocantes de tons, pois os illuminadores empregavam quasi sempre as cambiantes neutras, como os pintores de vitraes, que tão maravilhosos effeitos de cõr produziam dispondo quasi só do azul, do amarello e do vermelho.

Os costumes da epocha, os trajos, os enfeites, os penteados, dão aos presepios um



GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil



GRUPO DE PRESEPIO

Da collecção do sr. Alfredo Keil

precioso valor iconographico, e, ao pé dos typos da cidade e do campo, pastores, mendigos, boleeiros, quando o barrista pretendeu dar a cõr local, fixou todo o inventario figurado dos objectos de uso commum, da ourivesaria do tempo e da ceramica, desde o vaso rico, de cinzelagem pomposa, que os Magos apresentam como tributarios submissos, á bilha popular, de galbo elegante e puro, trazida á cabeça ou á cinta pela pastorinha de requebro dengue.

No presepio da casa particular, a devoção do possuidor ia agglomerando todas as figuras que lhe agradavam no santeiro do bairro ou no tendeiro da feira. É assim que, no

mesmo presepio, ha figuras de modelação diferente e de differente expressão, menos academicas e mais populares algumas, outras de incontestavel importação flamenga. Nestas é flagrante o caracter naturalista, o gesto mais pittoresco que decorativo, a physionomia mais particularista e menos convencional: lembram personagens de Teniers ou de Van Ostade.

Conheço um grupo de cegos, de exiguas dimensões, que vão de caminho encostados em fila, a face levantada e tateante, o dorso caricatural, que são quasi a traducção dos cegos do famoso quadro do velho Breughel.

O caracter naturalista tão peculiar aos mestres da Flandres e da Hollanda, contrasta com a corrente de arte do nosso seculo xviii, mais italianisada e mais estylisada, menos realista e mais decorativa.

As artes do barro, cedendo, como toda a creação artistica, á crise de inspiração que

empobreceu e quasi extinguiu certas fórmulas de artes industriaes, refugiou-se nos santeiros do Porto, onde bucolicas de lavadeiras e de camponios, certas scenas typicas do paiz vinhateiro, costumes e trajos, oiros e tecidos, enchem as vitrines dos loiceiros que visinham com a Torre dos Clerigos. Mas na moderna imaginaria ceramica, a copia demasiado naturalista faz desviar para o pormenor o interesse que devia incidir sobre o lançamento geral da figura.

Os olhos de vidro, o feltro que dá a illusão dos tecidos, o azulado excessivo das faces escanhoadas, tudo isto prejudica a commoção esthetica, pois o espirito sente que alguma coisa ha além da moldagem formal dos objectos e dos typos—e esse alguma coisa chama-se—estylisação, e é ella que nos dá o goso contemplativo experimentado diante dos barros do seculo xviii, pelo escorço tão esbelta-mente concebido das suas moças e dos seus alfenins.

JOÃO BARREIRA.



A FUGA PARA O EGYPTO

Presepio da Igreja da Madre de Deus

Se a mocidade soubesse...

IV

A MELODIA DAS VIOLETAS

PALAVRAS não eram dictas, quando a orla da floresta que os dois viam deante de si, foi abalada e rasgada em cem logares. Hussards de fardas encarnadas e dolmans azues fluctuantes — a maior parte de cabeça descoberta, mas alguns com enormes barretinas adornadas de desgrenhados pennachos — irromperam ao longo de toda a linha, enchendo de ruido a grande mata, como que saltando um após outro, debruçados para o cepilho da sella, e correndo á espora fita direitos á base da encosta.

Estremeceu debaixo do cavalleiro o cavallo ruço do conde. Tinha em novo, certamente, tomado parte em muitas cargas, a calcular pelo ardor marcial que mostrava agora. Sacudindo com impaciencia a cabeça, no intento de libertar-se das mãos do rabequista, parecia tão disposto a precipitar-se tambem em vertiginosa corrida — julgando-a talvez como carga gloriosa — que outro cavalleiro menos experimentado difficilmente se conservaria na sella.

Estevam sentiu apenas a impressão confusa de uma tropa fugindo em debandada, quando lhe passou por deante dos olhos aquelle torvelino atroador, baldeando, esfuziando, golfando, retinindo, patinhando, em que se viam faces humanas rubras, contorcidas, de bocca escancarada; freios babados de espuma e sangue; pescoços hirtos de cavallos com as narinas a fumegarem...

O rabequista soltou uma gargalhada estridula:

— Os mais brilhantes hussards da Guarda de Sua Magestade Jeronymo, primeiro e ultimo, em completa derrota! E, ó sombras de Moscow, ahí veem os perseguidores!

A floresta vibrava com gritos asperos e gutturaes, como se das profundas sombras nemorosas se tivesse de repente soltado um bando giganteo de corvos.

E depois que o derradeiro hussard com o sangue a jorrar de uma ferida escura que lhe fendia a testa, passou pesadamente, muito á retaguarda dos camaradas, surgiram de

tropel os outros, á redea solta, o busto inclinado para a sella. Os hunos!

Acocorados cavalleiros sobre acocorados cavallos, brandindo toscas lanças, tão lanzudos os homens como os animaes, de longos pingentes de cabello entrançado bailando junto ao rosto de barba hirsuta; gorras ponteadas de pelles a carregarem para a testa; os joelhos, cobertos de coiros de carneiro, tão erguidos nos loros de corda que chegavam quasi a tocar na barba; pendente do arção o mais variado despojo — um ganso, um leitão, uma frigideira, um relógio talvez rapinado de alguma herdade. Surgiram triumphantes, crocitando, guinchando, grunhindo, enchendo os caminhos de clamor, algazarra e fetido, e desapareceram, antes ainda que Estevam, suffocado de espanto, tivesse podido respirar.

Como segunda rajada do furacão, tinham-se agglomerado, dispersado e desaparecido, ao mesmo passo que o ruido atroador produzido pela corrida vertiginosa rapidamente esmorecia com a distancia, á medida que o valle ia tragando os perseguidores.

— Uma excellente provação para a sua mocidade educada á ingleza — disse o musico, erguendo a vista para o companheiro. — Aniquilados os seculos pelo Destino, acaba de assistir á passagem dos Barbaros. Pff!... Que fedor a animaes bravios deixaram atraz de si! Lembrarmo-nos de que Napoleão foi buscar aos seus *steppes* estes lobos e chacaes... que espalhou os cossacos pela face da Europa!

Sahiu do fosso. E o ruço, muito excitado, resfolegando e ás upas, seguiu-lhe as pisadas. Subiu até ali o som de uma descarga de infantaria, que crepitava ao longe, na planicie.

— Ouve? — perguntou o musico. — Sabe o que significa isto?

— Que ha combate para além d'aquella crista — respondeu Estevam esporeando o cavallo, no intento de subir até ao visô do outeiro.

— É o desabar do Imperio — disse o rabequista, ao mesmo tempo que, segurando com a mão o loro da sella, tambem galgava a en-

feito do mesmo terremoto que arrasou a cidade.

— Pararam na cumiada e mergulharam a



ESTREMECEU DEBAIXO DO CAVALLEIRO, O CAVALLO RUÇO . . .

costa. — O que ouvimos são os estalidos produzidos pela pequenina realza da Westphalia, que está condemnada tambem a desabar, assim como derrue a choça do monte, por

vista no valle, que para além se desenrolava, banhado pelo sol. Um docel de fumo azul pairava sobre as campinas situadas entre o sopé da encosta e uma cidadesinha distante

cerca de meia milha. Atravez da nevoa en-xergava-se o lampear das bayonetas de li-nhas de infantaria, que evolucionavam lenta-mente, e até, para um dos lados, o verde, o encarnado e o cinzento dos uniformes das companhias em marcha, e, para outro, soli-das massas de azul sombrio.

O vagabundo mirou a scena com olhos de entendido e exclamou:

— Ah! Os prussianos estão senhores da cidade! Como contrastam pelos sobrios uni-formes com as tropas de Jeronymo, de far-damentos escarlates e verdes, enfeitados de galões de oiro, e de plumas! Ah! Lá vão os nossos fugitivos! Encontraram apoio. Não vê? Estão novamente a formar-se á reta-guarda d'aquelle pelotão carmezim... os granadeiros da Guarda do manosinho Jero-nymo, que, para macaquear em tudo a Napo-leão o Grande, arranjou um arremedo da Ve-lha Guarda! Veja! Veja! Os cossacos deban-dam de roldão pela base da collina, como um enxame de besouros! Estão cortados dos seus alliados prussianos, e se os hussards chegarem a tempo, dentro de poucos minutos veremos invertidos os papeis do drama!

Emmudeceu repentinamente. Passara uma coisa entre a cabeça d'elle e a de Estevam, debruçado para poder ouvir-o... uma coisa que zumbiu um cantico extranho e lhes bafe-jou o rosto como um sopro gelado.

— Que foi isto? — perguntou o moço aus-triaco, olhando em volta de si.

— A morte que anda por aqui desgarrada — disse tranquillamente o musico. — Não lhe parece que devemos procurar um abrigo?

— Não! Quero ver tudo bem! — gritou Estevam, com o olhar incendiado pelo fogo de uma raça de luctadores.

— Acolá deve passar ainda mais chumbo voando — retorquiu o vagabundo. — Quando se joga este jogo, a morte vò com aza caprichosa.

O noivo sorriu amargamente e replicou:

— Não podia haver solução mais simples para as difficuldades com que estou luctando. Ao menos, ninguem chorava muito por mim.

— Se o seu gosto o chama para as balas — disse o rabequista com um sorriso de sar-casmo — está em harmonia d'esta vez a sua mocidade com a minha velhice. O que em todo o caso podemos fazer, antes de mais nada, é ir amarrar o seu pobre cavallo a qualquer ar-

vore da floresta. É escusado sacrificar tam-bem o pobre animal no altar do seu deses-pero... muito menos podendo elle ter utili-dade quando anoitecer.

A lembrança foi aceita.

D'ahi a pouco os dois homens estavam sen-tados no alto da ribanceira, com as pernas baloiçando no espaço.

— Isto inspira! — disse o artista empunhando a rabeça. — Reparou na ultima des-carga? Aposto este arco em como foi dada por tropas adextradas sob as ordens de Bona-porte. E veja como lhe respondem os insur-gentes prussianos. Camponezes, estudantes, desertores das tropas de Jeronymo, n'uma palavra, patriotas. Vê aquelles rolos de fu-mo branco a evolarem-se da linha abaixo do muro da aldeia?... Nem uma só peça de arti-lharia... um tiroteio irregular, mas um forte odio!... Rufos de tambores! Vozearia! É a carga de bayoneta! Que lhe dizia eu? Lá vol-tam para traz os nossos homens... os que ainda restam... Estou inspirado! Attenção! É o canto do combate! Primeiro avançam os granadeiros, frios e altivos, espingarda con-tra o peito, braços cruzados, marchando como um só homem. «*Servi á sombra da Aguia, na Guarda do Grande Imperador. Fui a Muscow e voltei: hoje vejo o sol bri-lhar: isto aqui é uma brincadeira de crean-ças, mas quem me dera voltar para o gelo com o meu Imperador! Para mim elle é sem-pre o Petit-Caporal. Sou veterano. Eu e os meus camaradas puzemos-lhe a corôa na ca-beça. Para Iena fomos cantando que havia-mos de arranjar um reinosito para o nosso manosinho Jeronymo. Se Napoleão assim tinha resolvido, de que servia á gentalha di-zer que não?...* Em Iena, camarada, a coisa foi de escaldar!... E em Moscow de enre-gelar os tutanos! — «*Rapazes, fogo sobre el-les, os da Velha Guarda!*» grita o prus-siano aos seus artilheiros voluntarios. «*Des-troça a Guarda e é nossa a victoria. Vamos! Varre a Guarda com um chuveiro de metra-lha!*» «*Vim combater pela patria,*» diz o moço aldeão, «*minha mãe poz-me um raminho verde na barretina. Hei de dar um risco na coronha da espingarda, por cada francez que matar, para mostral-a aos meus filhos, quando voltar para a terra e casar com a Gretel.*» Oh! Mas a Velha Guarda faz fogo á carga cerrada. O raminho verde tombou na campina; os camaradas saltando-lhe por

cima, espesinham-n'o, porém elle já nada sente. Pobre rapazelho!... Ainda não tinha combatido pela patria, e já tingia o chão com o seu sangue tão vermelho! Como crescerá viçosamente a arvore da liberdade, n'um chão assim regado!

O granadeiro, á volta da Russia, eil-o a sorrir. Tambem jaz cahido no chão com os olhos mirando o céo. Está frio, muito frio. Em que pensa? Está com o seu Imperador!»

O rabequista movia o arco com uma especie de phrenesi. E sobre o estrondo e o clamor do combate distante, sobre o ruido e a algazarra que faziam os cossacos trepando a encosta, e os seus gritos e grunhidos provocadores, erguia-se aquella musica de batalha, apaixonada, altiva, tragica!

Os ultimos da horda cossaca tinham de novo attingido a cumiada, em bravia confusão, buscando o abrigo que ali perto lhes promettia a floresta. Perpassou atravez d'elles, cantando, uma saraivada de balas: a companhia de granadeiros, dando vista do derrotado inimigo a projectar-se no céo, mandava-lhes por desprezo uma ultima descarga. Desataram aos guinchos os selvagens, e curvaram-se todos para o pescoço dos peludos cavallos, em phantasticas attitudes; foram attingidos uns poucos; um cahiu e o camarada mais proximo apanhou-lhe o cavallo pela redea e levou-o, despedindo um grito de satisfação. O morto foi arrastado por algum tempo, emquanto o pé inerte não poudesoltar-se do estribo de canhamo, e ficou por fim entre as pedras, n'um monte de trapos desbotados. Dos rostos d'aquelles homens nenhum traduzia medo: contrahiam-se todos em sorrisos sarcasticos e provocadores. O seu grito de guerra era ainda de triumpho.

O rabequista pôz-se de pé, no alto da collina. Baloçou o arco, e, passando-o novamente pelas cordas, rompeu n'um canto estridente e zombeteiro, escarnecendo os fugitivos.

«*Soltae as negras azas, e voae, agoirentas aves! E ainda exultaes na debandada: paira no ar o cheiro da Morte. Dentro em pouco vos podereis saciar — mas hoje a Aguia ferida ainda tem força para escorraçar os corvos. Batei as azas, fugi, voae... Coá!... coá!...*»

Cheio de pasmo, como que enfeitiçado, Estevam ia escutando o companheiro. O musico parecia possesso. As madeixas do cabelo

grisalho destacavam-se-lhe das faces, com o aspecto de rigidas; a mão esquerda saltitava ao longo das cordas, e a direita oscillava com furia. Se a madeira e as cordas alguma vez escarneceram e insultaram, foi de certo n'aquelle dia, durante o combate de Heiligens-tadt, quando o endemoninhado instrumento do Rabequista Hans vibrava em frente-dos derrotados kalmucks. «*Coá! Coá!*» gritava elle, e este som guttural chegou até aos ouvidos de um cossaco fugitivo, que á retaguarda dos seus camaradas forcejava por acompanhal-os, no seu cavallo ferido. O homem voltou-se para traz, aprumando-se na sella de pelle de carneiro, e, com a ira a faiscar dos olhos congestionados, ergueu a arma acima da cabeça, calculando a distancia.

— Cuidado! — gritou o conde, saltando da crista da rocha.

Os sons da rabeça tornaram-se mais fortes, mais estridentes.

Arremessou a lança o selvagem, e Estevam, atirando-se para deante, de braços abertos, foi attingido. Cahiu para cima do rabequista e ambos rolaram para o chão. A musica emudeceu. Cantando victoria, o cossaco obrigou a andar o ensanguentado cavallo, até se embrenharem na espessura do arvoredos.

*
* *

— Se *Madame Sidonia* aqui estivesse, passava a julgal-o um heroe! — disse o musico, accentuando muito a palavra *madame*.

Tinha ligado o hombro de Estevam — a ferida não apresentava mau aspecto — e deu-lhe a beber vinho da localidade, que trazia n'um frasco, e agua, que foi buscar a um ribeiro proximo. No entretanto, a contenda das tropas do rei Jeronymo com os invasores não acabara ainda, e pelo valle continuavam a bramir sons vagos de batalha.

As brisas do ditoso maio sussurravam no arvoredos, e tinham varrido de oeste a leste o céo de um azul superior a toda a descripção. Em volta dos dois homens havia um palpitar maravilhoso de coisas que labutavam e cresciam. Trepidava cada folha de erva em intensa vida propria. A folhagem regorgitava do inquieto mundo alado, nascido dos primeiros amores de primavera. Toda a floresta cantava em doce murmúrio as secretas alegrias da fecunda Natureza... E na planicie,

abertamente e em tumulto, os senhores da Terra maculavam-lhe com a Morte a face encantadora.

— Se *Madame* Sidonia aqui estivesse — tinha dicto o rabequista, olhando astuciosamente para o rosto do companheiro. Como não alcançou resposta, accrescentou d'alli a instantes:

— Até á noite não param de despedaçar-se. Que diz?... Não pode arrepiar o caminho o cavallo ruço, levando o seu dono para onde um noivo deve estar.

O outro, cujo rosto livido se afogueou de repente, bradou encolerizado:

— Não! Mil vezes não! Ainda me não tornei a coisa vilíssima que ella me suppõe.

O musico reprimiu um soluço e murmurou:

— Que nobre sentimento é o verdadeiro orgulho!

Depois levantou a rabeça e poz-se a examinal-a attentamente.

— Céos!... E se m'a tivesse partido! — exclamou. — E' pasmoso que um homem se arremesse tão inconsideradamente para cima de outro, quando está entre elles um *Stradivarius*!

— Se não fosse a minha falta de consideração — replicou Estevam um tanto melindrado — difficilmente o precioso instrumento conheceria de novo o contacto dos seus dedos.

— Amigo — disse gravemente o rabequista — ainda está por temperar o aço e por derreter o chumbo que ha de atravessar este coração. Oh! Deus!...

Que infinita amargura n'esta exclamação! Apanhou as cordas e repuxou-as distrahidamente. Depois encarou subitamente com Estevam, sorrindo de um modo singular:

— Causa-lhe espanto, não é assim, a minha ingratidão! «Ora esta! Aqui salvei eu, conde de Waldorf-Kilmansegg, a vida d'esse miserio vagabundo, arriscando a minha nobre e preciosa existencia; aqui derramei o meu sangue azul, para não correr o turvo liquido que elle tem nas veias, e a infima creatura nem ao menos me diz: Muito obrigado!» Companheiro — proseguio o musico, e dilataram-se-lhe as pupillas, e o rosto assumiu uma expressão nobre e altiva — longe de mim a intenção de envergonhar-me e envergonhal-o dizendo-lhe a palavra «Obrigado»! Quem não é capaz de arriscar-se para salvar a vida do seu semelhante, nem merece o nome de homem.

Estevam, realmente vexado porque se tinha julgado um heroe, córou outra vez e baixou os olhos. Ao mesmo tempo foi apanhando machinalmente com a mão direita, que ficara incolume, as violetas silvestres que cresciam pela encosta. O rabequista seguiu-lhe os movimentos, e de subito a vista immobilizou-se-lhe e o mento descahiu. E logo o rubor novamente se apagou d'aquella face e deu lugar á lividez.

Estevam perguntou-lhe assustado:

— Está doente? Diga-me, por amor de Deus!...

O musico, sem pronunciar palavra, estendeu a mão e tirou ao outro as florinhas. Tinha nos dedos o frio da morte.

Murmurou depois, em voz muito baixa:

— Violetas! Estão cheias de sangue. — E tremia convulsivamente.

— Talvez todo o seu mysterio se reduza a isto apenas: é um pobre doido.

Pensou-o Estevam e procurou com a vista o sitio onde o cavallo andava a pastar. Queria saber se poderia montar, sem que o ajudassem.

O vagabundo tinha deitado para o collo as violetas, olhando-as ainda com tristeza e horror; pegou no instrumento e fez soar uma melodia absolutamente diversa de tudo o que Estevam lhe tinha ouvido até ali. Suave e simples, era como que a branda toada ao som da qual vinham dançar, como sombras, as alegrias do passado, tão enternecedora, que Estevam, com as lagrimas toldando-lhe a vista e um nó a apertar-lhe a garganta, pediu anciosamente ao companheiro que não continuasse.

O artista obedeceu-lhe e voltando para elle a transtornada physionomia, disse:

— E' esta a melodia das violetas, a melodia que nunca está silenciosa na minha alma, quer de dia, quer de noite. Não pode supportal-a? Pois então deve ouvir a minha historia. N'aquelle tempo eu era moço como o sr. conde é hoje... e tambem tinha nobre orgulho... quasi pelos mesmos motivos.

Ao dizer isto, Geiger-Hans arrepanhou os labios com um sorriso amarissimo de desdempor si proprio. Proseguio:

— Mas assim como os homens differem entre si, as suas paixões teem motivos differentes. De pouca importancia era para mim eu descender de uma antiga casa fidalga... Ah! Alegre-se por saber isto... Sempre o

suspeitou, de contrario haver-me-hia repellido... Não faça caso, amigo, aliás córarei por sua causa. Ah! Mas como ia dizendo... Fui orgulhoso, mas o meu orgulho era o da nobreza de intelligencia. Conheci tantos assim! Aprendi a arranhar o inglez para estudar Bacon e Locke, e a mastigar o allemão para discutir Fichte e Kant. Era amigo de Holbach. Adoravamos Voltaire. A nossa divisa era a Razão! N'uma palavra, fui um dos chamados Encyclopedistas. Sonhávamos derribar todos os abusos, e substituir tudo o que então existia por outras tantas perfeições novinhas em folha. «Humanidade e Liberdade» eis o nosso grito de guerra. A nossa revolução devia realisar-se com azeite doce e agua de rosas. Excuso dizer-lhe em que tornámos a França e o mundo. Deitámos a rolar a primeira pedra ha já um quarto de seculo, e — com um sorriso tragico apontou para o valle — ainda pode ouvir o echo da sua queda reverberando além! Prégamos liberdade, e o mundo está hoje mais escravizado que d'antes! Era a razão a nossa estrella polar, e o estado acha-se em poder das mais humildes intelligencias, que o governam consoante as suas ruins paixões! Humanidade era o nosso lemma e a França foi, de um extremo ao outro, encharcada em sangue, e os seus filhos levaram a carnificina e o fogo até aos confins da Europa! O sangue d'aquelle filho dos *steppes* que escurece a estrada acolá adiante, a aldeia do valle coalhada de mortos e crivada de balas, algumas das quaes foram saudar-nos ao vertice do outeiro, são tudo offerendas consagradas á trindade inventada por mim e pelos meus companheiros: Liberdade, Humanidade e Razão! Oh! Era brilhante o caminho que traçámos. Não tínhamos justos motivos para nos orgulharmos?

Ficou silencioso por momentos, sem que o conde se atrevesse a falar, tão mordente era o azedume d'aquellas palavras, tão pungente a commoção escripta em cada vinco d'aquelle rosto.

— Era a edade de Oiro! — continuou o artista a dizer. — Philosophavamos até nas escadas de Versalhes. Luiz fazia lindas feaduras e Maria Antonieta tosquiava ovelhinhas alvas de neve; as rosas embalsamavam o ar em Trianon... e nunca o mais sensato de todos nós viu nunca o abysmo a escancarar-se. Emquanto a mim... os maiores espiritos estão sujeitos ás vulgares paixões da humanidade

— os labios esboçaram-lhe um sorriso sardonico — apaixonei-me como poderia acontecer ao mais boçal rapazola de aldeia. Ella — hesitou, mas por fim deu firmeza á voz e disse n'um tom que denunciava o esforço que fazia para falar — pertencia a uma familia bretã de antiga estirpe e tinha ideias diametralmente oppostas ás minhas. Havia, porém, uma coisa em que perfeitamente nos entendíamos, o que era para mim o bastante: amavamos-nos.

Calou-se e respirou mais apressadamente. «Deus meu!» disse o artista, como se não soubesse que estava falando — «Que amor eu lhe tive!»

Apanhou uma violeta de entre as que tinha no collo, e passou-lhe os dedos por cima, cariciosamente. A expressão do semblante apaziguou-se. Quando tornou a falar, foi com uma suavidade que Estevam nunca lhe tinha conhecido.

— Se duas creaturas se amam e cada uma d'ellas julga erroneas as opiniões fundamentaes da outra, o seu mais ardente desejo é leval-a para o caminho da verdade. Eu não tinha a menor duvida em que havia de fazer luz na sua alma; ella acariciava o pensamento de remir-me da perdição. Já lhe disse até onde ia o meu orgulho, tão nobre que até me envaidecia. Sendo apostolo da liberdade, nem mesmo chegava a admittir que minha mulher podesse resistir aos irrefutaveis arguimentos do meu espirito emancipado, que o vaso mais fragil não cedesse ao mais forte! Se não nos amassemos tanto, não levaríamos tão longe o afan de conseguir que cada um de nós se tornasse digno do ideal do outro!... Em summa, tivemos discussões acerbas! A culpa foi toda minha. Porque não me contentei de adoral-a cheia de crenças? Era elevada a sua intelligencia. Magoei-a de mil maneiras. As mulheres teem susceptibilidades que nós, homens, grosseiros de corpo e de espirito, nem sequer suspeitamos. Magoamolas até quando lhes tocamos para as acariciar. E então, se acaso se torna insupportavel a dôr que lhes causamos e ellas em paga tambem nos ferem, o ferimento é para o mais innocente, para o mais injuriado! Oh! Quando esgotei a medida contra ella, insultou-me ainda mais, se assim o quer, do do que hoje de manhã a sua noivasita insultou a alta prosapia do sr. conde. Disse palavras que o meu requintado orgulho não pôde

consentir. Era tal a minha nobreza de alma, que não me permittiu escolher outra resolução que não fosse o deixar a mulher que eu tinha jurado proteger; ostentar energia varonil abandonando-a ao seu destino; perder a creaturinha fragil e encantadora que tinha tido nos braços, confiada á minha guarda, ao meu amor! Bem sei que tomei algumas disposições generosas no tocante aos meus bens (como o sr. conde tenciona fazer para com *Madame Sidonia*), e que ella tinha, como tem sua mulher, pessoas com quem se fosse juntar, e que eram as mesmas de quem se apartara para vir ter comigo. Quando porém me chegou o instante de observar o coração e conhecer a verdade, que vi?... Interrogue o seu e saberá o nenhum valor das razões a que obedecemos. Porque deixei a minha? Unicamente para que soffresse e chorasse por mim, e para que soubesse o valor incalculavel do thesouro que não tinha apreciado devidamente. Para me vingar, para me vingar da mulher que eu adorava!

Deixou-se descahir para o tronco do abeto que lhe ficava por traz, e encostou-se a elle, tendo cerrado as palpebras.

—Deixei-a, deixei a França e a Europa e fui para a America, a nova mansão da Liberdade, o unico paiz, em toda a terra, onde se prestava á deusa o culto conveniente. Tinha protestado não voltar, emquanto ella não me chamasse; reclamou-me uma voz terrivelmente differente da sua. Passaram-se tres mezes primeiro que eu tivesse noticia do desastre, n'aquellas remotas paragens. E vi logo que em menos de um mez não poderia chegar ao pé d'ella! E sabia que estava em perigo!... Parece que foi quando principiei a endoidecer... pois é claro que estou doido. Não acha?

Escancarou os olhos muito brilhantes e fitou-os em Estevam, causando-lhe um tal embaraço, que o musico não poude deixar de sorrir tristemente.

— Doido, sim — repetiu elle. Estava com o olhar scintillante, e na verdade não tinha apparencia de ajuizado. Deixou a cabeça cahir entre as mãos e suspirou: — Se eu ao menos estivesse mais doido!

Continuou depois a dizer, em voz differente, sem modulações:

— A historia vae acabar. Quando cheguei, estavam desencadeados em França todos os

poderes do inferno, que o meu espirito superior negava. Danton, Marat e Robespierre eram os representantes da trilogia Liberdade, Razão e Humanidade! Cheias as prisões, em actividade constante a guilhotina... era a Edade de Ouro! Passaram-se quinze dias primeiro que soubesse onde ella estava. Já procurou debalde, por uma só hora que fosse, um ente amado? Dante, no circulo mais profundo do seu Inferno, de certo não imaginou tormento igual. A minha casa em Paris, tinha sido confiscada em proveito da nação; o castello do pae d'ella, na Lorena, fôra destruido por um incendio e completamente arrasado. Na minha velha casa, em Nancy, é que afinal obtive informações. Tinha-se negado a fugir com a familia para além do Rheno, mas quando o perigo se tornou ameaçador, foi occupar o seu posto nas minhas propriedades. Como se definia bem n'isto! Prenderam a terrivel inimiga do povo e levaram-n'a para as objectas prisões de Nancy. Foi lá que...

Arrancou da cabeça o estragado chapéu, puxou com força o cabello para traz e alargou ainda mais o coz da camisa.

— Todos a tinham abandonado, excepto uma pobre rapariga de aldeia, que habitava a nossa herdade e que pertencia a uma familia de patriotas do lugar... Arranjara licença para entrar na cadeia. Fui enconral-a ao pé da porta, quando as minhas desesperadas pesquisas para ali me conduziram finalmente. Reconheceu-me... Eu já estava feito um vagabundo, um maltrapilho. Quando me viu a cara, apertou muito as mãos uma contra a outra, e desatou aos soluços. Já era tarde! N'aquella manhã... Porque me olha assim? Admira-se de que eu esteja ainda vivo? Foi onde se vingou de mim o Deus que eu negava. Não posso morrer! Bem sei que podia matar-me... Veja, veja a decadencia a que chegou o Encyclopedista! Não me atrevo a fazel-o, pelo receio de tornar impossivel o encontrar-me com ella novamente. Ah!... Leio-lhe nos olhos uma grande compaixão... Aquella cabecinha delicada!... Levantava-se como uma rainha. Debaixo dos pés, eram de ouro os seus cabellos. Nem uma madeixa, nem um anel me ficou! E tantas vezes que lhe cingi com as duas mãos o pescoço!... A aldeã acompanhou-a até afinal. Esteve junto do cadafalso, para que um olhar affectuoso amparasse aquella alma sublime no instante



LANÇOU-LHE DE REPENTE O BRAÇO EM VOLTA DO HOMBRO

da partida. «Sorriu-se para mim» contou-me lavada em lagrimas a pobre rapariga. Os meus olhos não choravam. Tirou do seio um raminho de violetas e disse-me: «*Madame les avait à son corsage*»...

O musico tinha apanhado as flores e esmagou-as contra a face, murmurando:

— Ella gostava muito de violetas. Estas não teem cheiro... mas as suas... que aroma!...

— Ah! Meu amigo! — segredou-lhe Estevam com infinita piedade no olhar.

Parecia em delirio o artista quando continuou a falar, ao mesmo tempo que as flores se lhe iam escapando das mãos:

— Havia sangue nas violetas... sangue d'ella e meu, porque o homem, que eu então era, morreu assassinado tambem em plena mocidade.

A face estava outra vez livida e os olhos brilhavam inquietos no fundo das orbitas.

— O que ainda vivia de mim, a miseravel carcassa, o velho... se lhe parece, dê-me este nome... emfim o que vê agora na sua presença, pegou nas violetas e fugiu. Não tornou a parar desde aquelle instante! — Deu uma gargalhada, que soava a loucura. — Para mim já não podia haver casa em logar nenhum, nem patria... Em França menos que em qualquer outro paiz. Mas ha bondade nos céos e nas arvores; entendem a minha dôr, acolhem-n'a em seu seio e ás vezes dão-me em troca a doce paz. Tambem tenho a musica .. sempre a amei. Um homem, um padre de aldeia, reconheceu que o vágabundo, a quem por esmola tinha abrigado, tocava o seu Stradivarius melhor do que elle. Olhava como um filho ao incomparavel instrumento, mas deu-m'o, porque teve compaixão de mim. Foi como nasceu o Rabequista-Hans. E o Rabequista-Hans e a sua rabeça teem vagueado desde esse dia, e hão de assim continuar, até que elle já não possa mover-se .. e então cahirá tambem na boa terra pardacenta... talvez com o rosto voltado para o céu...

Apertou as flores contra o peito e inclinou-se para deante. Com os cotovellos apoiados nos joelhos e os olhos occultos entre as

mãos, ficou silencioso. Lá em baixo, no valle, tambem já havia silencio.

Tinha acabado o combate, que decidiu da sorte de muitas centenas de homens e já andavam levantando os cadaveres. Amainara o vento com o cahir da tarde, e só as comas dos pinheiros baloiçavam, murmurando cantos mal perceptíveis. A luz ia-se tornando de um amarello suave; iam-se alongando as sombras. O tordo e o melro começavam, ainda a medo, os seus cantares do entardecer.

Estevam lembrou-se do ferimento.

O rabequista voltou-se e falou-lhe tranquillamente:

— Então qual é o seu caminho? Para deante ou para traz?...

— Não sei — respondeu o outro a me'a voz. E baixou os olhos envergonhado.

O rabequista estendeu-lhe a mão e ajudou-o a levantar-se, com um esforço vigoroso. Lançou-lhe repentinamente o braço em volta do hombro e disse:

— Aquella creança... Sidonia... Queria tanto vel-a feliz!... Quando a sua alma apparece atravez d'aquelles crystalinos olhos azues... quando meneia a linda cabeça coroadada de cabellos de oiro... E tem um encanto nas falas, no riso... Ouço-a e julgo ouvir uma harmonia de outros tempos, os accordes de uma vida que perdi!... E o seu collo esbelto... as minhas mãos podem cingil-o!... Volte para ella!... Tenha eu a certeza de que é feliz, e o meu espirito inquieto nunca mais vagueará pelos logares onde ella estiver. Ah! Julga que é muito difficil? Engana-se. Não conhece o coração das mulheres. Esqueça-se de que lhe feriram o orgulho. Lembre-se de que ambos são moços. Oh! Se soubessem!... A vida tem para a mocidade uma flor inestimavel. Colha-a, para que um sopro do céu lhe não extinga o perfume. E' para si unicamente. O amor da sua mocidade!... Ande! Vá colhel-o!

— Volto para traz — disse Estevam, com os labios n'um tremor.

Silenciosamente, o Rabequista-Hans foi buscar o cavallo, ajudou o ferido a montar e ensinou-lhe o caminho ao longo da ribanceira.

(Continúa.)

Um grande amigo das creanças

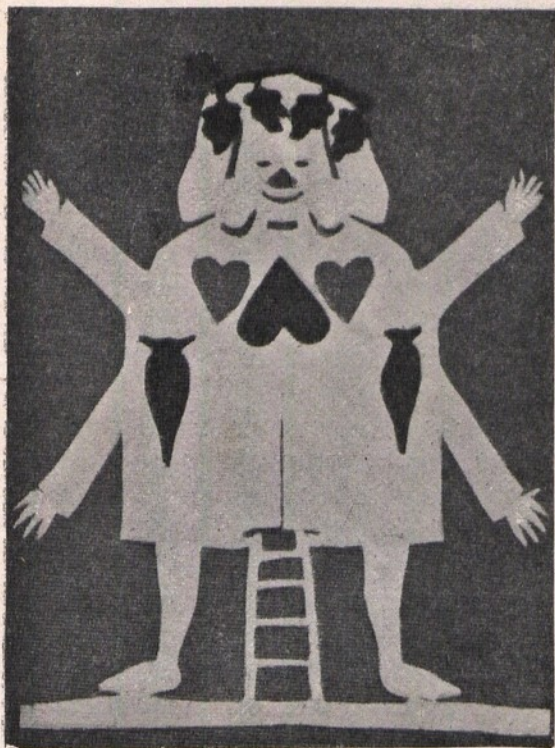
(A proposito do contista dinamarquez Andersen)

Celebrou-se recentemente na Dinamarca o centenario de Hans Christiano Andersen, o mais prestigioso contista da infancia. Nessa festa, toda a sociedade dinamarqueza tomou parte, desde o velho rei Christiano até ao mais humilde dos seus subditos. De todo o mundo affluiram felicitações e saudações, porque o grande escriptor é por excellencia um feiçiceiro para as creanças de todo o mundo. Vem pois a pello conhecer algumas particularidades interessantes do caracter de Andersen, apresentadas por um distincto escriptor que intimamente o conheceu, Rigmor Bendix. Por este curioso artigo se revelará a bondade, a paciencia, a ternura do grande amigo das creanças.

MUITAS vezes se tem debatido se acaso Hans Christiano Andersen, o mais celebrado dos auctores de contos maravilhosos, tinha realmente um grande amor ás creanças. A tal respeito posso eu falar com conhecimento de causa, visto que desde os primordios da infancia tive occasião de o ver constantemente, ora na casa de meu bisavô, Jonas Collin, ora na dos filhos d'este, ora na de meus proprios paes.

Andersen nunca desperdiçava occasião de nos divertir. Contava-nos as suas lindas historias de fadas, levava-nos ao theatro, e até chegou durante

um largo prazo a dar todos os dias um presente a um dos seus pequenos favoritos. A mais leve provocação revela-



va-se n'elle o delicioso contista. Uma vez, o armazem de vinhos que ficava defronte appareceu decorado com taboletas novas dos lados da porta, nas quaes se viam grandes cachos de uvas e uns rechonchudos anjinhos. Apenas Andersen deu pela novidade, sentou-se ao pé da janella com uma creança ao collo, e engendrou logo alli uma historia a proposito das mirabolantes pinturas do visinho.

Nós, os pequenos, divertiamo-nos tambem immenso a ouvir-lhe contar anedotas para edificacão das pessoas grandes. Uma noite, depois do chá, estavamos todos sentados em volta da ampla meza, e Hans Andersen, que se mostrava muito bem disposto, poz-se a narrar-nos episodios do seu passado, das suas viagens, das relações que tivera com gente do commum. As

vezes, a sua maneira de contar historias tornava-se positivamente dramatica, e era a miudo amenizada com uma ironia amavel a respeito de si proprio, da qual a maior parte da gente o não julgaria capaz. Por exemplo, quando nos falava do seu encontro com celebridades estrangeiras, com quem muitas vezes estivera em contacto, confessava-nos que não sentira n'essas entrevistas um prazer muito cordial,



visto que nunca tivera um grande conhecimento de linguas estrangeiras.

Entre outras cousas, contou-nos o seu encontro com Charles Dickens em Londres. Dickens tinhamos mostrado em-

penho em se relacionar com elle, tinha-o presenteado com um exemplar de *Nicholas Nickleby*, onde escrevera uma dedicatoria amavel, e haviam-se disposto as cousas para uma cavaqueira desprestenciosa entre os dois grandes escriptores. Mas pouco tempo depois de começada a cavaqueira, Dickens interrompeu-a para exclamar:

—É preferivel que o sr. Andersen falle em dinamarquez. Estou convencido que o hei de entender melhor.

Um dos seus meios favoritos para se insinuar no animo dos seus amigos infantis era fazer para elles albuns de estampas, recortadas de quanto lhe vinha á mão — annuncios, jornaes illustrados, capas de livros, estampas baratas.

Mas o que sobretudo nos interessava eram as figuras que elle proprio fazia

e recortava e que muitas vezes colava nas folhas dos livros. Tinha um talento especial para essas figuras.

Nunca as desenhava, mas enquanto estava sentado a conversar connosco, ia dobrando o papel, e, sem modelo algum por onde se guiasse, ia-o recortando muito satisfeito — e prompto! apparecia a ideia, cheia de verdade e de vida. As suas figuras favoritas consistiam em cysnes, bailarinos, cupidos, mas nenhuma eram parecidas com as outras. N'essas figuras havia muito do espirito maravilhoso, que as tornava atrahentes e as imprimia na memoria.

Tambem mostrava n'outras obras a sua habilidade de compôr. Um dos seus

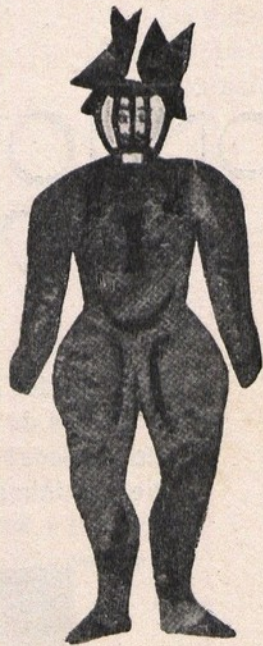


menores talentos era o de fazer ramalhetes: uma florinha simples, uma espiga de trigo, uma folha de colorido brilhante, atados a uma mancheia de herva. Era tanto maior a sua originalidade quanto a esse tempo não era geralmente conhecido o Japão. A roda d'esses ramalhetes dispunha papel branco e dourado, recortado nos extremos em fôrma de bailarinas e de cupidos.

Entre as cousas mais divertidas que elle fez, avulta uma collecção de figurinhas que nos mandou uma vez para pômos na arvore do Natal, ahi por volta de 1850 e tantos. São os exemplares reproduzidos n'este artigo. Eram feitos de papel de varias côres, recortado e collado, formando vestidos com guarnições diversas, ou armaduras ou fardas. É pena que a reproducção não

possa dar as côres; o que apparece em negro é vermelho e ouro, e os originaes teem o dobro do tamanho das illustrações adjuntas.

Hans Christiano Andersen nunca se esquecia dos filhos dos seus amigos. Ainda depois de velho, lembrou-se d'elles com interesse e ternura. Quando estava ás portas da morte, mandou recado a um dos seus amigos pedindo-lhe que lhe trouxesse uma creancinha recém-nascida, filho d'este amigo. Mas morreu sem dar tempo a que o pedido fosse satisfeito.



Acharam-se lhe na meza de trabalho uns versos escriptos ao pequenino Svend, os quaes mostravam quanto o preocupava essa creancinha que elle nunca tinha visto. «Nunca mais jubiloso nos correu o tempo», começa elle, e em seguida espraia-se sobre os extranhos caprichos do inverno que corria.

Aquelles a quem se destinavam estes versos, e que se recordam da sua bondade e da sua ternura, duplamente veneram a perduravel memoria do grande escriptor dinamarquez.



Concurso photographico dos «Serões» — Menção honrosa



PENICHE — MANHÃ DE SOL

Photographia da Ex.^{ma} Sr.^a D.^a Olympia Saturnino



SONHO DESFEITO

Ai! saídas da missa do gallo!
Ai! ceiatas da tia Gertrudes!
Que petiscos! que amor! que regalo!
Que priminhas! que ricas saudes!



Logo a mesa appetite nos dá,
C'os crystaes, porcelanas mui tricles,
Bons *hors-d'oeuvres* de truffas, *foie-gras*,
Galantines, salames e *pickles*.

E depois que a assembléa se arranja,
E eu procuro logar não me falte
Junto á prima Lulu, surge a canja,
Fumegando em terrina de esmalte.

Um silencio. Sonoros, na louça,
Batem quasi a compasso as colheres,
E o que espanta é que nem sequer se ouça
O trivial cochichar das mulheres.



Porém logo que aspectos nipponicos
Vão surgindo no fundo do prato,
E no *hors-d'oeuvre*, a pretexto de tonicos,
Se começa a fazer desbarato,

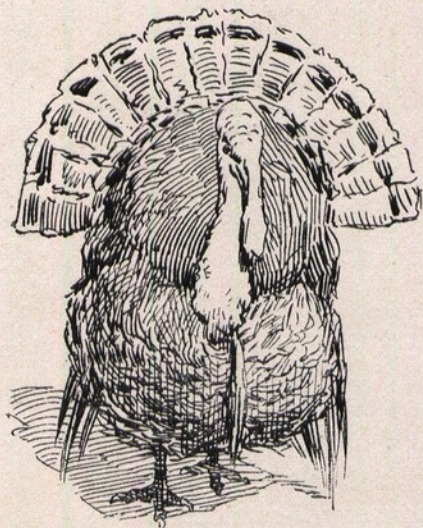


Só se pensa em tirar a desforra
Da calada a que a fome forçou;
Jorram ditos, pilherias, e jorra
Dos gargalos dourados Bordeaux.

Mas eu cá, no entretanto, suspenso,
Não permitto que a gula me apanhe.
Como pouco, reservo-me e penso
No Perú regadinho a Champagne.



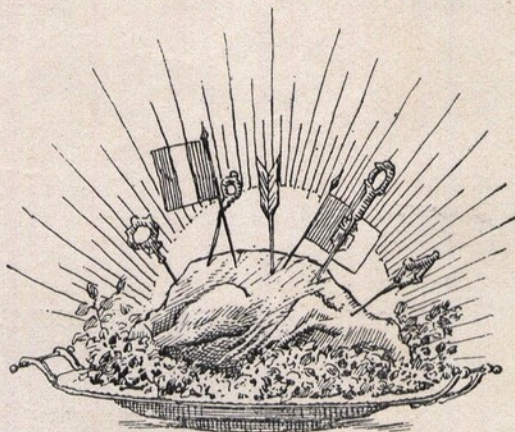
Por mim passam pasteis de marisco,
Fricandós, *entremets*, *vol-au-vents*,
E eu mal provo, sonhando o petisco,
Que é prenuncio da santa manhã.



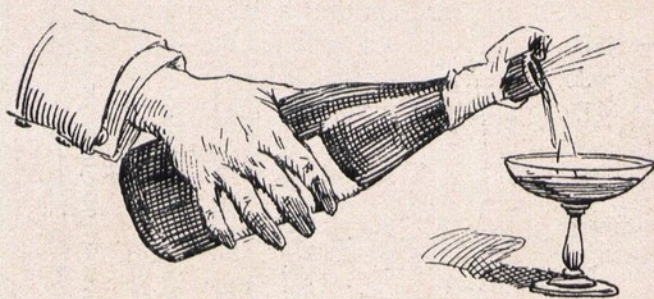
Toda a gente dizendo chalaças,
A atíçar-me a priminha Lulu
(Que é a quarta na conta das Graças),
E eu cá, moita, a pensar no Perú.

Bem me importam risinhos de escarneo,
Ora adeus! não me sahe do toutiço
O peru, pelo qual deixo a carne e o
Peixe, massas, 'té mesmo o derriço.

Surge, ó rei! ergue a audaz, fulva grimpa
Sobre o mar de agridões em que atufas;
Ergue a pansa auri-rubida que impa
Com precioso recheio de truffas.



Surge, ó rei! ao sentir o teu ventre
A ranger sob a lamina viva,
Não te espantes de que eu me concentre
E me cresça na bocca a saliva.



Quando, afim de evitar que me embuche
A carninha que o forno dourou,
Entornar no bandulho um bom duche
De Champagne viuva Cliquot,

Tu verás, tu verás 'té que ponto
Eu afio esta lingua mordaz,
E ao mais forte em loquela, n'um prompto,
Não dou treguas, mas dou sota e az.

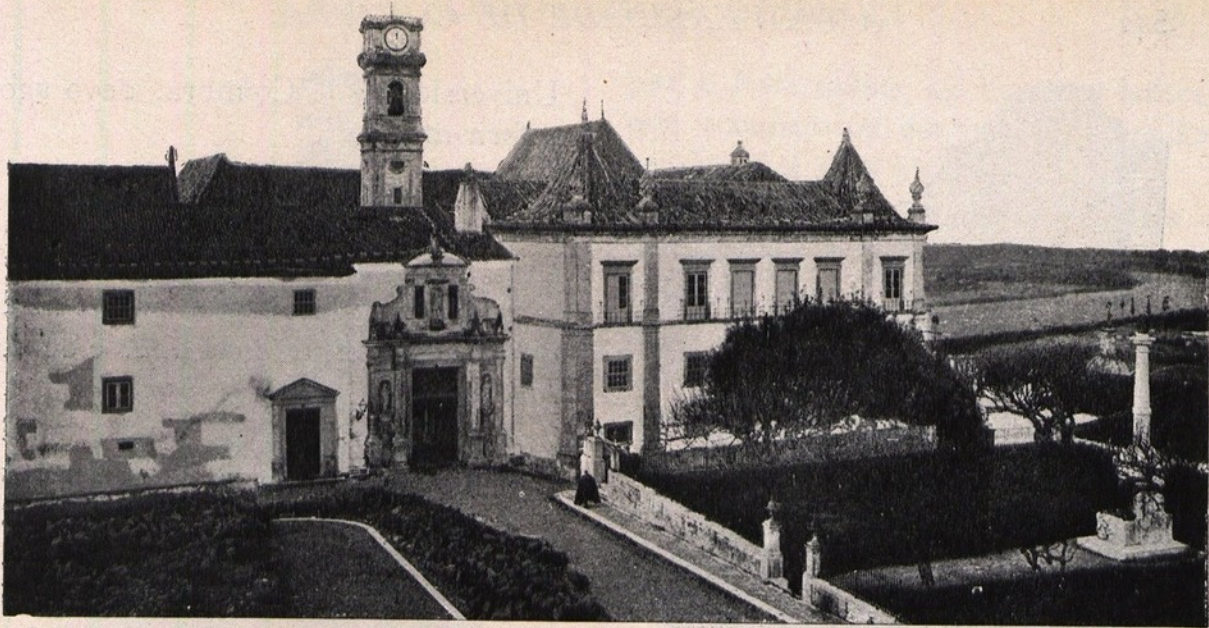
Mas o sonho, que enlevos me trouxe,
Veio a sorte cruel, e desfez-m'ó.
O villão *cordón bleu* entortou-se
E o peru transformou n'um torresmo.



Porque a fome fatal me espevite,
Ao *dessert* enguli como sete:
Apanhei uma gastro-enterite
Com pudins, e bonbons, e sorvete.

RI-PANÇO.





PORTA FERREA

A Universidade de Coimbra

Sexta e ultima parte

COM o capítulo correspondente ao 6.º numero dos *Serões* termina o estudo sobre a Universidade — estudo que não é nem pretendeu ser senão um esboço historico *exterior* do nosso mais antigo estabelecimento de ensino.

A verdadeira historia duma instituição, bem o sabe o auctor d'estas linhas, deve ser sempre: dum lado, a exposição e desenvolvimento das *idéas* que a vieram formando e lhe deram, de dentro — atravez das adaptações successivas impostas pela evolução dos tempos — uma determinada orientação e destino social; d'outro lado, a evocação reconstructiva da sua existencia como ser vivo, dos seus animados aspectos de complexo humano.

Mas não cabia nos limites duma revista como os *Serões*, nem era para a índole desta publicação, um estudo de semelhante natureza.

Por isto, o artigo sobre a Universidade foi, como já disse — salvas as suas imperfeições — o que devia ser: um simples descriptivo e uma exposição corrente de aspectos e de successos vistos de fóra.

Antes de o completar, terminando as indicações relativas á organização actual da Universidade — convirá fazer aqui já a correcção duns lapsos maiores na revisão do numero anterior.

Na segunda columna da pagina 435, linha 10, deve a data de 1845 ser substituida pela de 1844. Na ante-penultima linha da segunda columna, a paginas 437, deverá lêr-se, em vez de: «como das janellas e tribunas actuaes», *como as das janellas e tribunas actuaes*. Na primeira columna da pagina 440, linha 10, o periodo que começa: «São de nomeação regia», deve começar: *Os substitutos são de nomeação régia*. A pa-



MANUEL DA SILVA GAYO

Actual secretario

ginas 441, na 3.^a linha, onde se lê: «uma vez por *semana*», deve lêr-se: *uma vez por mês*. (1)

Continuando com a exposição do estado actual do ensino e organização da

(1) Já estava em composição esta última parte do artigo sobre a Universidade, quando ás mãos do auctor chegou o n.º 1:424 da *Gazeta da Figueira*, de 6 de novembro de 1905, que insere, acompanhada com palavras da mais amavel gentileza, uma correcção oportuna, devida ao distincto collaborador daquelle jornal, o sr. Francisco Canavarro de Valladares (Ribeira de Pena).

Transcrevendo essa correcção, só mostramos a quem a fez que nos merecem sempre estima e gratidão quantos queiram auxiliarnos e emendar qualquer lapso nosso em trabalhos de ordem historica.

Segue a rectificação:

Universidade de Coimbra, devo agora referir-me aos

ACTOS

São de três ordens ou graus: menor ou de *bacharel*, de *licenciado* e de *doutor*.

A collação do grau de bacharel é feita pelo presidente do jury respectivo.

A dos graus de *licenciado* e *doutor* é feita pelo Reitor da Universidade.

O grau de *licenciado* é conferido em seguida ao respectivo acto de licenciatura, na Real Capella, com a assistencia do corpo docente da faculdade, ornado de insignias.

O grau de *doutor*, requerido depois da defesa de theses, é conferido na sala grande dos actos. E' a cerimonia chamada — do *Capéllo* — a mais solemne da Universidade, a recordar o ceremonial das antigas investiduras da cavallaria.

Seria longo descrever todos os actos e passos, que a compõem. O seu ceremonial, já compendiado, embora não esteja ainda impresso, é mais ou menos conhecido.

A propósito: ainda ha pouco o publi-

«O dr. João Pereira Ramos era irmão legitimo e de legitimo matrimonio de D. Francisco de Lemos (e não *cunhado*, como se diz no n.º 3 dos *Serões*, pag. 248, col. 2) por ambos serem filhos do capitão-mór Manuel Pereira Ramos e de sua mulher D. Helena de Andrada Souto-Maior, senhores da casa e engenho de Marápicú, suburbios do Rio de Janeiro, onde por signal nasceu o futuro Bispo-Conde e Reitor reformador em 1735. O dr. João Pereira Ramos, primogénito, nascera no termo da villa de Iguassú, treze annos antes, em 1722, e foi quem, segundo pensamos, enveredou e protegeu os inicios da carreira publica de D. Francisco»



J. A. C. ALVES

Official-maior

cou, em inglês, sobre uma nota que lhe enviei, Mr. D. J. Cunningham, — illustre professor da Universidade de Edinburgh — no seu trabalho: *The evolution of the graduation ceremony*. A esta cerimonia assistem todos os lentes da Universidade, com as suas insignias.

É de grande apparato; depois da missa na Real Capella, o candidato, já de capello, é acompanhado pelo Prelado vestido de habito talar e borla, pelo decano da faculdade, que é o seu padrinho official, pela pessoa nobre que o apresenta, e por toda a Universidade, á *sala grande* dos actos. Aqui, depois de feito o elogio do doutorando pelos dois professores mais modernos da faculdade, o Prelado confere lhe o grau por imposição das mãos.

Em seguida o decano da faculdade respectiva adorna o novõ doutor com as insignias doutoraes, a borla e o anel, e acompanha-o a receber o abraço de

paz e fraternidade de todos os lentes, que occupam os doutoraes, revestidos sempre das suas insignias.

O ceremonial dos *actos grandes* e dos *graus* é dirigido pelo Secretário da Universidade, na qualidade de mestre de cerimoniaes.

Como na cerimonia do capêllo apparece, além do Reitor e dos lentes, quasi todo o pessoal universitario, a quem compete revestir trajos de gala, caracteristicos e tradicionaes — a solemnidade offerece um curioso quadro.

Além do Secretário, com o bastão de prata de mestre de cerimoniaes, vê-se-ha o Guarda-mór, de vara. Virão os *bedeis* sobraçando as *maças*, os *contínuos*, os *arheiros* da guarda — armados das alabardas brunidas, e envergando as fardas azul-escuro, agaloadas a branco.

E o visitante novo para Coímbra, chegado por acaso, poderá ter durante alguns minutos a impressão duma pequena resurreição historica, se bem que já muito prejudicada em certos detalhes.

*

* *

Com a reforma de 1901 — vão ficar reduzidas a duas classes, em todas as faculdades, as antigas classes: de *ordinarios*, obriga-



UM ARCHEIRO



O GUARDA-MÓR

dos, e voluntarios, que havia em mathematica e philosophia. Assim, serão alumnos *ordinarios* os que seguirem o curso geral da sua faculdade, frequentando as cadeiras nos annos e pela ordem do respectivo quadro. Serão *voluntarios* os que seguirem qualquer dos cursos especiaes annexos ás faculdades, e os que frequentarem as cadeiras por uma ordem diversa da do quadro, guardando comtudo as dependencias necessarias.

A Universidade confere diplomas dos seus diversos cursos. Entre estes diplomas, avultam, pelo aspecto artistico do actual modelo, as cartas de bacharel e formatura nas diversas faculdades.

* * *

A Universidade tem três grupos de estabelecimentos:

Os destinados aos serviços do governo e administração directa do Reitor;

Os estabelecimentos dependentes do governo scientifico das faculdades, e dirigidos respectivamente por lentes das ditas faculdades;

Os estabelecimentos de serviço geral da Universidade.

Comprehende o 1.º grupo:

1.º A REITORIA, com a séde dos conselhos academicos;

2.º A SECRETARIA e suas dependencias;

3.º A Real Capella;

O 2.º grupo compõe-se dos estabelecimentos pertencentes aos serviços das diversas faculdades.

Pertencem á FACULDADE DE MEDICINA:
O gabinete de *anatomia normal*;



BEDEL DE DIREITO



SELLO DA UNIVERSIDADE

O gabinete de *histologia* e *physiologia experimental*;

O gabinete de *medicina operatória*;

O gabinete de *anatomia pathológica*;

O gabinete de *microbiologia*;

O gabinete de *chimica medica*;

O gabinete de *analyses clinicas*;

O gabinete de *hygiene*.

OS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE têm actualmente administração separada, e immediatamente dependente do Governo; mas a faculdade de medicina tem ali á sua disposição as enfermarias de clinica de que carece.

Pertence á FACULDADE DE MATHEMATICA: o *observatorio astronomico*.

Á FACULDADE DE PHILOSOPHIA pertencem:

O *laboratorio chimico*;

O *gabinete e laboratorio de physica*;

O *jardim botanico*;

O *museu de historia natural*, comprehendendo os gabinetes de *zoologia*, *mineralogia* e *anthropologia*.

Está dependente desta faculdade o *observatorio meteorologico e magnetico*, que tem direcção e serviço separado.

As faculdades de *theologia* e *direito* não têm estabelecimentos especiaes.

Comprehendem o 3.º grupo: a BIBLIOTHECA, cujo bibliothecário é um lente nomeado pelo governo; o ARCHIVO, dirigido por um lente, da nomeação do Reitor; e a IMPRENSA, que tem uma administração independente, mas que se corresponde com o ministerio do Reino por intermédio da Reitoria da Universidade.

MANUEL DA SILVA GAYO.



AZENHA DE VERÃO NO LEITO DO MONDEGO

Ao fundo a torre do observatorio da Universidade

(Cliché do sr. Mesquita de Figueiredo)



O hospede da noite de Natal

I



RAMINDO e roncando, por cima da charneca cheia de neve, gritava o rei Vendaval: — Uhuhu! Uhuhu! Fugam de mim!

Os pinheiros que formavam um bosquesinho ao pé da cabana de Edith, curvavam-se humildemente, á sua passagem e tremiam, ouvindo-o assoviar com estridor nas verdes e escuras ramarias.

— Uhuhu! Quem és tu! — rosnou o rei Vendaval, ao dar com os olhos n'um Trasgosinho, que estava abrigado na cavidade do tronco de uma carvalheira. — Que fazes ahí! Vae-te ou mando ao Vento Norte que te leve e te sepulte debaixo da neve.

O Trasgo, da figura de um homem muito pequenino, estava vestido de verde e tinha calçados uns sapatinhos de oiro.

— Pé... peço perdão a Vossa Magestade, sr. rei Vendaval, — balbuciou elle muito assustado. — Eu já me tinha ido embora se soubesse o caminho para o reino das Fadas.

— Vae-te d'ahí! Vae-te d'ahí! — berrou o Vendaval, soprando e resfolegando com mais furia.

— Aqui estou eu! Vou já leval-o! — gritou o cruel Vento Norte, baralustando em volta da arvore, mugindo e uivando com perversa alegria.

— Tem dó de mim! Se estou aqui, não é por minha culpa! — disse o Trasgo muito

afflicto e de mãos postas. — Fóra d'este abrigo, o que me espera?... A ventania e a neve acabam-me com certeza!

— Que me importa! Não tens ahí que fazer! O verão já lá vae! — tornou-lhe o rei Vendaval.

Rugindo e roncando quiz ver se arrancava do chão a carvalheira, mas a arvore tinha já resistido muitos e muitos annos e não se deixou vencer.

— Pio! Pio! Pio! Pio! — piou um Pintarroxo do meio da folhagem. — Protege esse desgraçado até eu voltar, sr.^a Carvalheira, que já descobri meio de lhe valer.

E o passarito voou direito ao pinhal que havia ao pé de uma cabana, feita de turfa e de granito. Em companhia do pae, um pobre trabalhador, alli morava Edith, meiga e bonita rapariguinha, que tinha passado toda a vida no meio d'aquelles valles e outeiros. A chaminé da cabana deitava um fumosinho azul, o que era signal de que Edith estava em casa. As aves e outros habitantes da charneca e dos bosques, companheiros dos brinquedos da pequena, tanta amizade sentiam por ella, que lhe tinham ensinado a sua linguagem.

Abriu-se o postigo mal o Pintarroxo bateu com o bico na janella.

— Vem depressa! — chilreou o passaro. — Um dos nossos companheiros de charneca está em perigo. — E contou-lhe a afflicção do Trasgosinho.

Edith embrulhou-se n'um chale, pegou n'um cestinho em que levava os ovos para o mercado e sahio a correr pela porta fóra.

O rei Vendaval bem a quiz deter, fustigando-lhe as faces rosadas, enfunando-lhe o chale, desgrenhando-lhe o cabello. Edith arrosou-o sem medo e chegou afinal ao pé do carcomido tronco, onde o pobre coitado estava encolhido com medo, debaixo de umas folhas seccas.

— Dá-nos muita honra vindo para a nossa choupana — disse-lhe Edith com timidez, porque n'aquelles logares havia muito respeito pelos Trasgos. — Dentro d'este cestinho pode ir sem perigo.

Elle acceitou muito reconhecido e d'ahi a minutos estava sentado n'um grande banco de carvalho, aquecendo-se ao vivo lume que ardia na lareira da cabana.

— Que bom!... — exclamou o Trasgo, muito

o pae lhe fizera e que ella deitava a boiar no ribeiro.

O Trasgo perguntou-lhe se queria que lhe contasse a historia de quem lhe poderia trazer presentes pelo Natal, porém Edith pediu-lhe que antes contasse a d'elle.

— A minha conta-se depressa — tornou-lhe o Trasgo. Quando principia o bom tempo eu e os meus companheiros sahimos do reino das Fadas e vimos aos milhares para os bosques e charneças. De dia estamos escondidos na folhagem ou no musgo, e colhemos o mel das flores doiradas do tojo e das flores purpuras de urze, ou andamos a brincar entre as hastes esguias do silvado... E quando as folhas cahem voltamos para o reino das Fadas.

— Então porque se deixou ficar?

— Eu?... A rainha tinha-me dado ordem para não me ir embora antes de murcharem as ultimas campainhas das dedaleiras. N'uma noite de temporal, perdi-me na charneça e deitei-me a dormir dentro de uma flor de tojo. Quando acordei vi, afflictissimo, que tinham nas-



satisfeito. — Se não fosses tu... tremo só de o pensar... estava a estas horas nas garras do Vendaval. Fica certa de que hei de recompensar-te pela tua bondade e coragem!

Edith trouxe-lhe pão e leite que elle foi saboreando, ao mesmo tempo que seguia com os olhos a pequenita nas voltas que dava pela cozinha. Por fim perguntou-lhe:

— Em que mez estamos? Desde que ando sumido, perdi a conta do tempo.

— Em dezembro, na noite de Natal.

— Deveras!... Ai! Quantas coisas eu tinha para fazer, se agora estivesse no paiz das Fadas. É obrigação dos Trasgos n'esta noite dar aos bebés sonhos encantadores. Das creanças mais crescidas não tratamos nós.

— Ah! Sim?

— Pois nunca vieram trazer-te brinquedos no Natal? Talvez porque não tens meias, onde os deitassem — accrescentou elle olhando-lhe para os pés descalços.

A pequena disse que nunca tinha tido nenhum brinquedo, a não ser um barquinho que

A MINHA HISTORIA CONTA-SE DEPRESSA — DISSE O TRASGO

cido as espigas, formando uma gaiola onde fiquei detido. Só depois de ficar secca a flor é que pude sahir da prisão. Ai! Não vi um só dos meus companheiros. Já tinham todos abalado da charneça. Desde então debalde tentei descobrir o caminho por onde hei de voltar para o reino das Fadas. Se m'o indicasses, ficar-te-hia ainda mais grato.

— Por mim não posso — respondeu Edith — mas tenho muitos amigos na floresta e amanhã sem falta vamos consultal-os.

— Deixa-me ajudar-te a cozinhar. Que tens ahí dentro? — perguntou o Trasgo, apontando para uma panella que estava ao lume.

— Batatas.

— Pff!... Fraca ceia para a noite de Natal. É que tens coisa melhor no forno.

— No fornò só tenho pão.

— Que grande peia! — disse o Trasgo, rindo e batendo as palmas. — Vae lá ver.

Edith abriu a porta do forno e ficou muito pasmada vendo a assar um bello peru. Deitava um cheirinho que consolava!

— E vê tambem o que estará dentro da pannela.

A pequena assim fez e achou um grande pudim, que cheirava melhor ainda que o peru.

— E procura no armario — continuou o Trasgo, rindo muito satisfeito.

Edith, ainda mais admirada e contente, encontrou nas prateleiras muitas maçãs e outras fructas, e uma linda boneca de cera, além de varios outros brinquedos.

O pae, que chegou mais tarde n'aquelle dia, por ter ido a casa de um freguez que morava longe, tambem ficou pasmado e satisfeitissimo com a fortuna que lhe tinha entrado pela porta dentro. Depois de dar mil agradecimentos ao hospede, sentaram-se os tres á meza e cearam com a alegria propria da noite de Natal.

E enquanto o camponez e o Trasgo iam conversando as estopinhas, Edith, muito abraçada á boneca e de bocca aberta e olhos fechados, sonhava que já tinha mil bonecas e que andavam todas bailando pelo ar, como bailam as moscas nos dias quentes do verão.

Afinal o pae acordou-a e ambos foram deitar-se nas suas pobres camas, e o Trasgo aninhou-se no macio feno que forrava o fundo do cesto. D'alli a pouco todos tres dormiam a somno solto, sem ouvir o rei Vendaval que lá fóra continuava a roncar:

— Uhuhu! Uhuhu!

II

No dia seguinte o céo estava limpido e azul, o sol brilhava, e um matiz purpurino esbatia-se no horisonte, por entre as encostas verdejantes dos outeiros. Já não havia neve, excepto em um ou outro cume, e no bosque as arvores sussurravam inclinando-se umas para as outras, como se estivessem a conversar a respeito da futura primavera.

Mal acabou os arranjos da casa, Edith foi para o bosque em companhia do hospede da noite de Natal, a fim de consultar os seus amigos de pêlo e de pennas.

— Pio! Pio! Trri! Ti! Ti! — pipilaram os

passaritos, correndo para ella. — Ahi vem a nossa querida Flor da Urze! — E esvoaçando-lhe em volta, pousaram-se-lhe na cabeça e nos hombros e foram depenicar os grãos de trigo que Edith lhes offerecia na palma da mão.

— Pip! Pip! Cui! Cui! — chiaram os ratinhos do campo, escarreirando atraz d'ella, trepando-lhe pelos pés descalços, e tasquinhando uns bocadinhos de pão que a sua amiga lhes atirava.

— Honk! Hank! — gritaram as lebres e os coelhos, e, furando por entre a urze queimada do frio, vieram apresentar-se á dona, alguns postos em pé na ancia de a verem melhor.

Quando se acabou a provisão de folhas de couve, cenouras, trigo e de outros petiscos, sentou-se Edith n'um tronco de pinheiro derribado pelo Vendaval, e, tendo offerecido ao Trasgosinho um lugar a seu lado, disse aos habitantes da floresta que se formassem na frente d'elles em semi-circulo, os passaros adeante, por serem mais pequenitos, e mais atraz os coelhos e as lebres. Cumprida a ordem promptamente, Edith fez saber aos ouvintes o motivo d'aquella visita e pediu-lhes com toda a instancia que valessem ao seu hospede. Mas nenhum, infelizmente, sabia o caminho para o reino das Fadas.

— Porque não vaes consultar os Gnomos? — perguntou, deitando a cabeça por entre duas lebres, uma Toupeira, que tinha chegado sem ser presentida. — Elles estão ao facto de todas as passagens secretas que ha por baixo do chão. Talvez alguma d'ellas vá dar ao reino das Fadas. Os Gnomos são doidos pela musica. Basta, certamente, ouvirem-te a cantiga que te ensinou o rouxinol, para attenderem a quantos pedidos lhes fizeres.

— Irei consultal-os, se me acompanhares até lá — respondeu a pequena á Toupeira.

— Um dos meus tunneis — disse esta — vae ter á caverna dos Gnomos. Anda comigo!

— Sabes o que receio? E' que o meu tamanho não me deixe entrar pela porta — lembrou Edith, quando viu a Toupeira encaminhar-se para um monticulo de terra, que havia alli perto.

— Esfrega os pés e as mãos com este unguento magico — disse-lhe o Trasgo, dando-lhe uma bocetinha feita de uma casca de avellã — e verás como ficas logo do meu tamanho.

A rapariguita seguiu o conselho, e fez-se tão

pequenininha que já podia entrar. Foi então seguindo a Toupeira ao longo de um extenso agulheiro, forrado de pyrilmpos e de madeira phosphorescente, e chegou finalmente a uma escada, por onde se subia para a caverna dos Gnomos. Mal chegou lá soltou um grito de admiração, porque o tecto e as paredes eram de oiro e prata e deslumbravam a vista com a scintillação de infinitos brilhantes e crystaes.

— N'esta sala dão os Gnomos os seus banquetes — explicou a Toupeira, quando entraram na immensa caverna, illuminada pelas radiações de milhares e milhares de pedras preciosas.

A uma comprida meza, onde estava posto um repasto magnifico, viam-se sentados os Gnomos, que eram uns corcunditas de barba até aos joelhos, vestidos de

muita popularidade entre os Gnomos, e por isso foi escutada com a maior attenção.

— Podemos, com effeito, ensinar-te o caminho do reino das Fadas — disse-lhe o rei dos Gnomos, sujeito de bom humor, adornado com um manto côr de fogo e uma corôa de rubis — mas sinto muito dizer-te que não está ao



EDITH ENCONTROU NAS PRATELEIRAS MUITAS FRUCTAS, UMA LINDA BONECA E OUTROS BRINQUEDOS

tunica e calções encarnados. Em frente de cada um havia copos e calices de oiro encrustados de pedrarias, pratos de oiro e prata e variados manjares. Manifestavam todos ruidosa alegria e olharam com espanto para Edith, que a Toupeira lhe apresentou como pessoa da sua amizade e cuja pretensão explicou em poucas palavras. A Toupeira tinha

nosso alcance o ajudar-te a ir até lá. A porta verde por onde se entra no reino magico, é situada n'um outeiro relvoso erguido no meio de um pantano. As fadas escolheram aquelle logar na parte mais solitaria da charneca, a fim de não serem incommodadas pelos mortaes. Todos os que se teem aventurado a approximar-se de lá, morreram engulidos pelas

aguas traiçoeiras do paul antes de chegarem ao outeiro.

— Obrigada — replicou Edith. — Mas não podem ensinar-me algum modo de ir ter á ilhota?

— Só te poderá ajudar a Feiticeira das Aveliras. E' bondosa e tem muito saber. Vou dar-te uma prenda para lhe offereceres.

E o rei dos Gnomos entregou a Edith um magnifico brilhante, que scintillava como as mais reluzentes estrellas.

— Em paga de tanta amabilidade — disse a Toupeira — a minha amiguinha vae cantar.

E logo Edith cantou com um grande mimo a canção do Rouxinol.

Ficaram tão enthusiasmados os Gnomos, que lhe pediram muito que não se fosse embora. Prometteram-lhe os mais lindos brinquedos de ouro e prata, e que jogariam com ella, todos os dias, ás escondidas e o jogo dos quatro cantinhos. Lembraram-lhe que no seu reino situado no interior da terra, ficaria livre do rei Vendaval, do frio, da neve e da geada.

Porém Edith recordou-se da encantadora luz do sol, que se gosava lá em cima, do ar livre, do lindo céu azul, das brancas nuvens, dos verdes outeiros e campinas e disse que não poderia viver em cavernas, embora deslumbrantes como aquella.

Os Gnomos, muito desgostosos, disseram-lhe adeus, e Edith, sempre acompanhada pela Toupeira e pelo Trasgo, voltou para o bosque onde os seus amigos ainda a esperavam.

— Sempre deu algum resultado a visita — disse a Lebre. — Sei onde é o esconderijo da tal feiticeira, e estou prompta a ensinar-te o caminho.

A Lebre, acompanhada por Edith e pelo Trasgo, foi ter junto de uma formosa aveleira, que havia no meio da floresta. Bateu-lhe na casca tres vezes, e logo sahiu da arvore uma creatura muito ligeira, quasi vaporosa, que era a feiticeira em que os Gnomos lhe tinham fallado. Os cabellos loiros fluctuavam-lhe em redor como um feixe de raios de sol, os olhos tinham o azul da saphira, e o vestido que lhe cingia as formas gracis, era de um tecido feito com filandras de prata. Acolheu Edith com muito agrado, e, tendo ouvido o que ella pedia e agradecido a offerta do brilhante, disse-lhe:

— Aqui tens um trevo de quatro folhas. Guarda-o no seio com muita cautela, e elle te encaminhará de modo que atraveses o pan-

tano e chegues á ilhota sem difficuldade. Aceita egualmente esta varinha de condão, para te livrares de qualquer perigo que te ameace. Se as bruxas do Cume do Outeiro te virem, hão de fazer todo o possivel para te roubarem o trevo de quatro folhas. Acautela-te.

Edith e o Trasgo deram muitos agradecimentos á linda e bondosa feiticeira, e continuaram na sua peregrinação.

III

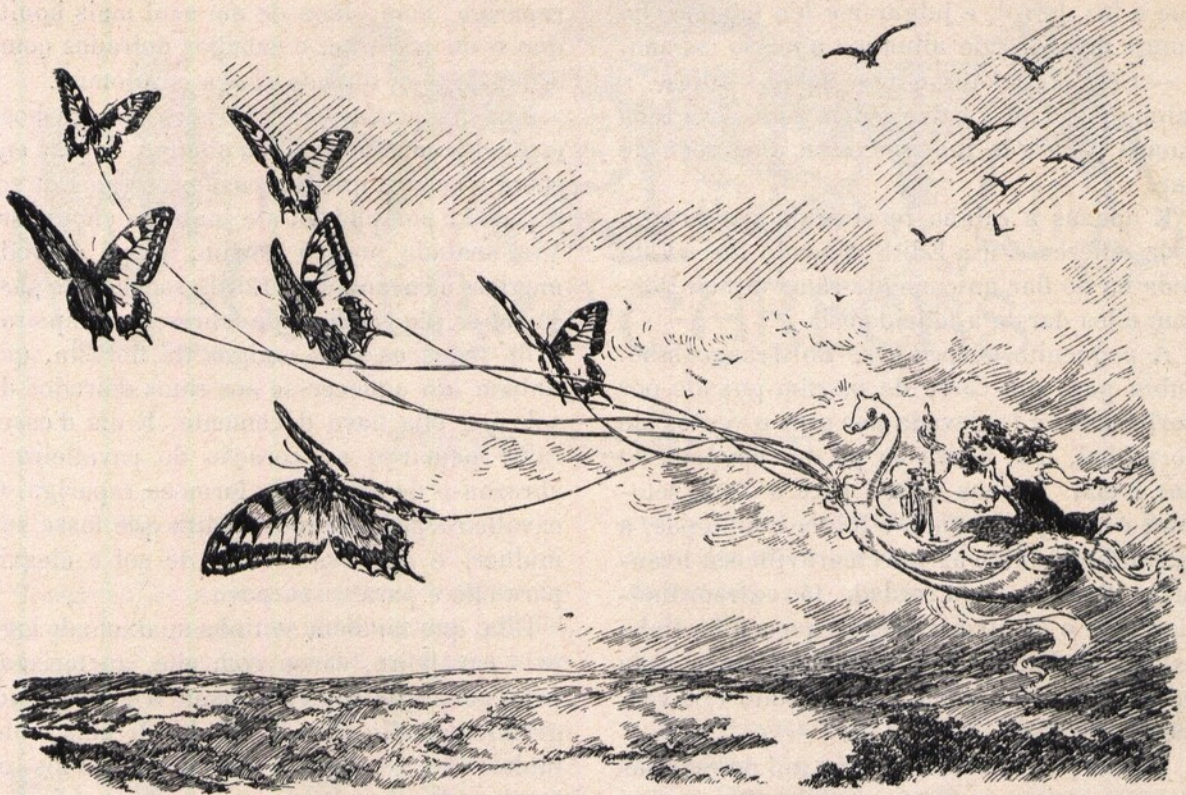
Depois de caminharem durante algum tempo, os dois foram ter finalmente a uma parte mais bravia e solitaria da charneca, cercada de carrancudos montes e de asperos depenhadeiros, onde não se viam ovelhas nem vaccas pastando pelas encostas silenciosas. Na sua frente estendia-se, coberto de juncos e de canniços, um escuro e sombrio pantano, em cujo centro se levantava o Morro das Fadas.

Caminharam atrevidamente em direcção ao perfido atoleiro, e já tinham avançado por elle dentro boa extensão, quando sentiram um estridor medonho. Edith olhou aterrada em volta de si e avistou as bruxas do Cume do Outeiro, que vinham accommettel-os, montadas em cabos de vassouras. Soltando berros e guinchos de feroz alegria, cada vez se approximavam mais, de sorte que a pobre pequena poudes observal-as melhor. Eram calvas e barbudas, magras como esqueletos, corcovadas em arco, e tinham garras como os abutres e farripas soltas chicoteando o ar. Uma das bruxas trazia uma cobra enroscada no óssudo pescoço; outra apertava com ambos os braços um enorme sapo verde-negro, e no hombro de uma terceira vinha empoleirado um gatarrão preto, que miava e bufava de um modo assustador.

— Depressa! A varinha de aveleira! — gritou o Trasgo. Edith agitou logo a varinha para o lado do esquadrão das bruxas.

Desappareceram todas n'um abrir e fechar de olhos, soltando rugidos de desespero, e passados poucos minutos os dois peregrinos chegavam ao Morro das Fadas.

Mãos invisiveis abriram-lhes uma porta muito larga e muito alta, e avistou-se um comprido corredor verde, tambem illuminado por myriades de vagalumes. Ao cabo d'esta passagem brilhava uma claridade, que se foi tornando mais forte á medida que Edith e o



EDITH, N'UM CARRINHO DE MARFIM PUXADO POR BORBOLETAS, FOI LEVADA POR ARES E VENTOS ATÉ AO FINAL

Trasgo se lhe approximaram. A' sahida viram o céu e o sol, conhecendo a pequenita, cheia de espanto, que tinham chegado em fim ao Reino das Fadas. Para todos os lados avistavam-se moitas de um verde de esmeralda, valles atapetados de lindas flores e delicados fetos; pelo ar adejavam os mais deliciosos aromas, e soltavam cantos harmoniosos innumerables avesinhas, que espannejavam ao sol as lindas plumagens.

Na base de um outeiro verdejante e á beira de um crystalino lago erguiam-se rutilantes os zimbórios de ouro e as torres magestosas do palacio das Fadas, cujos tectos de diamantes, batidos pelos raios solares, reverberavam as côres do arco-iris.

Milhares de duendes e trasgos, envoltos em roupagens feitas com as petalas odoríferas das flores, esvoaçavam como um bando de esplendidas borboletas, ou retoaçavam e dançavam alegremente na avelludada alfombra relvosa.

Afinal Edith avistou no ar, deslizando para ella, um gracioso carrinho de ouro e madreperola, puxado por duas pombas alvas de neve. Dentro, reclinada em macias almofadas de seda e debaixo de um docel de rosas, vinha uma creaturinha encantadora, vestida

com um traje de finissimo brocado de ouro. Tinha na cabeça um diadema de narcizos e na mão um sceptrosinho de ouro e pedrarias.

N'uma voz melodiosissima deu as boas vindas a Edith e ao Trasgo e ouviu com o maior interesse a narração da aventureira viagem. Levou-os depois á sala dos festins, onde já estava servida uma delicada refeição sobre mezas feitas de cogumelos. Convidou a ambos para se sentarem a seu lado n'um banco estofado de teias de aranha, com o acolchoado de folhas de rosa, e enquanto os duendes, que faziam de pagens, serviam deliciosos fructos e doces, e orvalho com mel, os menestres das fadas iam executando melodias suavissimas.

N'esta occasião Edith lembrou-se de que o pae estaria esperando por ella na choupaninha do pinhal. Levantou-se e disse que tinha de voltar para casa. Então a rainha das Fadas, em agradecimento ao que a pequena tinha feito ao Trasgosinho seu subdito, disse-lhe que escolhesse, de entre tudo o que via, o que mais lhe agradasse, pois que logo lhe ficaria pertencendo, quer fosse de ouro, de prata ou de pedras preciosas.

— Joias, não posso usal-as — respondeu Edith. — Cá para mim não ha nada mais lindo

que a luz do sol, e julgar-me-hia feliz se ella nunca deixasse de allumiar a nossa cabana.

— Será satisfeito o teu desejo — disse a rainha das Fadas e deu ordem a uma das suas damas para que lhe trouxesse uma roda de fiar.

E apenas a rainha recebeu da sua dama a roda, offereceu-a a Edith, dizendo-lhe: «Esta roda ha de fiar unicamente raios de sol. Possam elles dar-te a felicidade!»

A pequenita despediu-se do Trasgosinho, subiu para um carro de marfim puxado por borboletas, e foi levada por ares e ventos até ao pinhal, que ficava ao pé da choupana do pae d'ella. Apenas saltou para o chão, retomou o antigo tamanho e foi ter com o pae, a quem logo contou as suas maravilhosas aventuras. Pareciam, na verdade, tão extraordinarias, que o camponez julgou que a filha tinha estado sonhando, emquanto não viu a roda de fiar. Era a prova de que tudo era verdade.

Desde então correu tudo ás mil maravilhas para o camponez e para a filha. No jardim havia sempre abundancia de flores; as arvores do pomar nunca deixavam de estar carregadas de fructos, nem a horta de dar legumes e hortaliças em barda. Além d'isso as gallinhas punham ovos todos os dias e as vaccas davam leite á farta. Os annos foram correndo assim, e Edith tornou-se uma linda

rapariga, com olhos de um azul mais bonito que o do myosote, e cabellos doirados como a flor do tôjo, quando chega o outomno.

Um dia passou na charneca um garboso e esbelto cavalleiro, e viu alongar-se pela encosta a esteira que marcavam os raios de sol e guiado por ella foi até junto da choupana. Viu sentada no seu jardim, ao pé da roda magica, a encantadora Edith, rodeada de passarinhos, de coelhos, de lebres, de toupeiras e de todos os seus amigos da floresta, que tinham ido aquecer-se aos raios doirados do sol, que ella fiava docemente. E um d'esses raios penetrou no coração do cavalleiro e abraçou-o de amor pela formosa rapariga. O cavalleiro pediu então a Edith que fosse sua mulher, e que fiasse raios de sol e alegria para elle e para o seu povo.

Ella, que tambem se tinha apaixonado logo pelo cavalleiro, casou com elle, auctorisada pelo pae, que foi viver com o genro n'um grande castello situado no alto de uma montanha. Ao casamento assistiram todos os trasgos da charneca, e a antiphona foi cantada pelos passarinhos dos bosques.

— Pio! Pio! — chilreou o Pintarroxo, que tinha envergado para a cerimonia o seu melhor collete encarnado, e que muito cheio de si, dizia com os seus botões: «Nunca isto succederia, se não fosse eu e o hospede da noite de Natal».

EVA ROGERS.

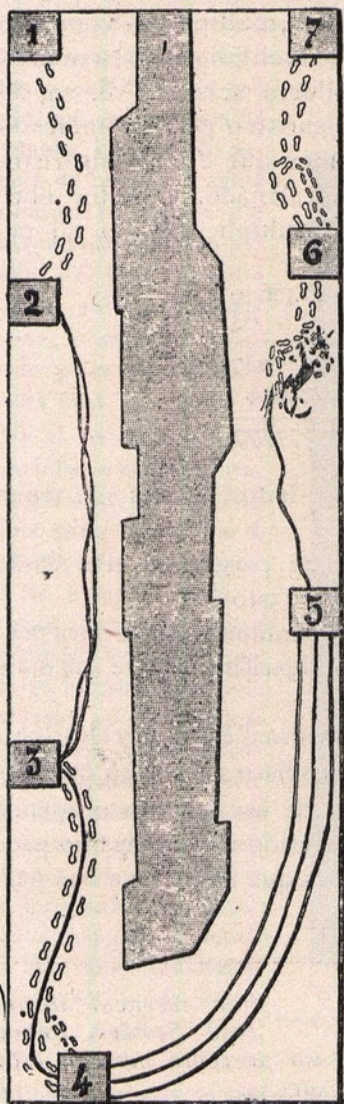




Para scismar

NA PIUGADA DOS FUGITIVOS

Imaginem-se os nossos leitores transformados por um momento n'um agente policial, procurando descobrir, apenas pelo exame dos vestígios representados no diagramma junto,



e que foram produzidos pela fuga de um homem levando uma creança, o que aconteceu exactamente aos dois fugitivos.

Afim de desorientar os perseguidores, o homem mudou o meio de locomoção em cada um dos logares marcados com numeros no diagramma.

O problema consiste em descobrir o modo de locomoção entre cada uma d'estas estações e a seguinte; quaes os vehiculos de que o homem se ser-

viu; que lhe aconteceu no decurso da fuga; e que fez elle á creança nas differentes phases da jornada.

PROEZA DE RAPOSA

Uma raposa bispou n'uma capoeira dez nedias patas

Foi lá a primeira noite, e trouxe comsigo para a toca cinco patas. Voltou na segunda, e trouxe de novo outras cinco. Mas no dia seguinte ainda estavam oito patas na capoeira, sem que ninguem as tivesse accrescentado. Como foi isto?

Querem saber? Vá lá! Explico-lhes, só com receio de os fazer virar a bola com esta arithmetica. É que entre as cinco patas que a raposa trouxe na primeira noite contavam-se as quatro que organicamente lhe pertenciam. E na segunda, idem. De modo que das patas aladas não furtou a raposa senão duas. Ficaram pois oito, e essas duvido que o bicho daminho lhes deite a garra. O dono já está prevenido.

BANQUETE DE FAMILIA

Perguntei a um velhote meu conhecido quem tinha jantado com elle no dia de Natal.

Vae elle, respondeu-me:

— Ah! foi um jantar de familia! Estava presente o cunhado de meu pae, o sogro de meu irmão, o cunhado de meu sogro, e o sogro de meu cunhado.

Sabidas as contas, contou-me d'alli a pouco que o homem tinha jantado sósinho, e no emtanto não faltára á verdade nas affirmações que me fizera.

Como pode isto ser?

LABYRINTHOS

Ha immensos exercicios do genero dos que apresentamos agora aos leitores. O divertimento consiste, como é sabido, em procurar desde a entrada, que está na parte inferior da fig. 1, o caminho até ao sitio marcado com um



FIG. 1

ponto de interrogação, no meio de umas lunetas. Este labyrintho é devido á imaginação de qualquer artista contemporaneo.

O outro labyrintho que apresentamos (fig 2)

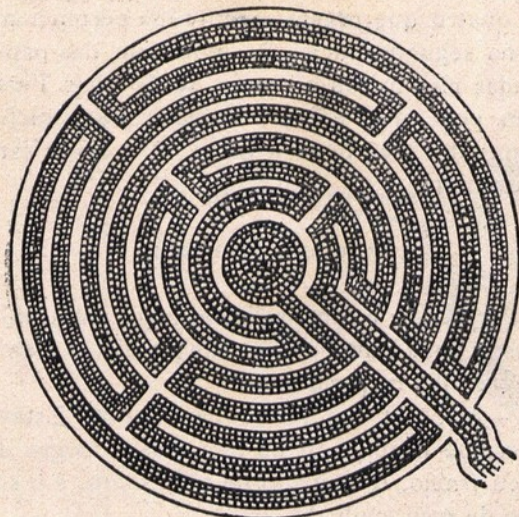


FIG. 2

existe realmente na cathedral de Lucca. Durante a Edade Media o seguir todas as circumvoluções de um labyrintho era exercicio reli-

gioso que se considerava quasi tão efficaç como ainda hoje a peregrinação á Terra Santa.

Por conseguinte, trilhando sobre o papel, os leitores dos *Serões* poderão porventura alcançar direito a algumas indulgencias...

CIRCULO EXQUISITO

Tens cento e um. Divide-os por cincoenta.
Em seguida uma cifra lhe accrescenta.
E se a fabula acaso te commove,
Folgarás, por ter uma d'entre nove.

COMO SE APRENDE A ESCREVER BEM OS ALGARISMOS

Peça o leitor a um amigo que lhe escreva n'um pedaço de papel os algarismos desde 1 até 9, omitindo o algarismo 8. Por esta forma:

1 2 3 4 5 6 7 9

Agora pergunte-lhe qual d'esses algarismos é que elle julga estar mais mal escripto. Qualquer que elle mencione, multiplique-o por nove e peça-lhe a elle que multiplique o seu numero 12345679 pelo producto achado: 18, 29, 36, etc., conforme o algarismo por elle indicado.

Assim supponhamos que é o 7 o algarismo que elle acha mais aleijado. O leitor obri-gal-o ha a fazer a multiplicação do tal numero por 63:

$$\begin{array}{r} 12345679 \\ \quad 63 \\ \hline 37037037 \\ 74074074 \\ \hline 77777777 \end{array}$$

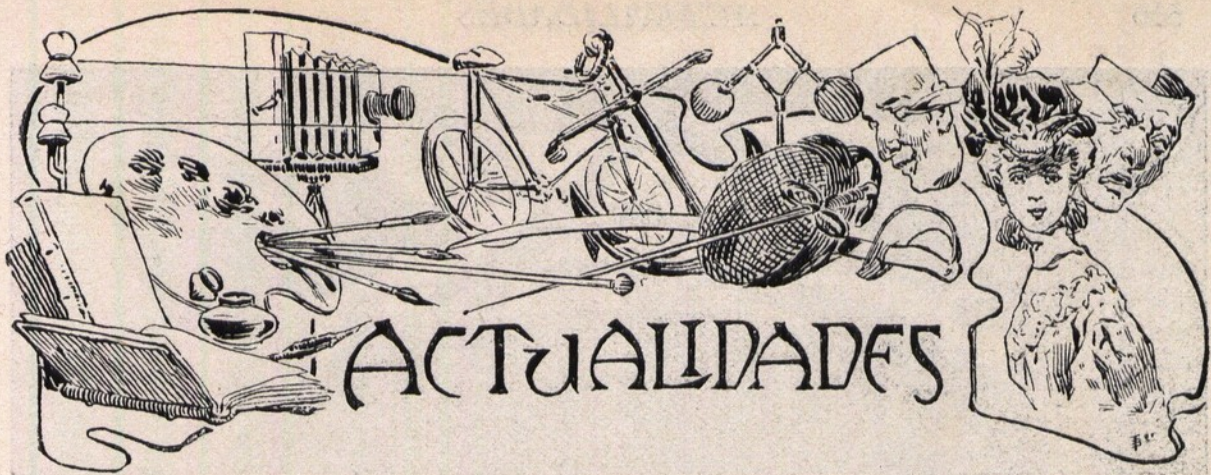
— Prompto! dirá o leitor, apenas elle tenha feito a operação.

— Prompto, o quê? perguntou elle. Onde demonio está a graça d'isto?

— Graça não terá nenhuma, mas é para practicares a escrever o algarismo que te sae mais torto.

Porque a parte curiosa d'este exerciciosinho é que, qualquer que seja o algarismo escolhido, o resultado ha de ser composto apenas d'esse algarismo, repetido nove vezes no producto, afóra as vezes que se escreve nas parcelas.

Jogo de damas — *Por ausencia do sr. José Sevdor, somos forçados a omitir no presente numero esta secção do QUEBRA CABEÇAS.*



Grandes topicos

A POLITICA NO MUNDO

CONTINÚA a Allemanha a barafustar na ancia de concentrar em suas mãos a influencia hegemonica da politica mundial. Ainda recentemente, e logo no discurso da corôa, para que mais retumbancia lograsse, Guilherme II denunciava o despeito por sentir que lhe escapam os pontos de apoio. E, como de costume, desafogava em ameaças mal disfarçadas e em vangloriosos protestos de força. Está-se sempre com receio de que um extemporaneo impulso destrua o equilibrio da paz, tão laboriosamente preparado sob os auspicios de Eduardo VII, de Roosevelt e de Loubet. A aguia germanica ancia por voar, e toda a Europa poderia de um momento para o outro entenebrecer-se, á sombra projectada pelas suas gigantes azas.

Se ao occidente o gallo lhes tolhe a envergadura, o enfraquecimento da aguia russa parece dar á soffrega ave esperanças de se estender para o oriente. Nas aguas turvas do imperio moscovita, poder-se-ha porventura pescar sem graves perigos. Não é com effeito extranho o intento de intervir nas discordias intestinas da Russia, sobre tudo na Polonia, cujas velleidades de independencia ameaçam a integridade facticia do reino prussiano, intento attribuido geralmente ao Kaiser.

Com effeito, a Russia continúa a debater-se nas

vascas de uma revolução sem precedentes. O conde Witte, combatido entre as aspirações democraticas e os estímulos ferozes de reacção, vê o seu prestigio abalado e a sua força impotente contra o desencadeiar de paixões, contidas ha seculos.

O oriente da Europa tende a soffrer uma remodelação profunda. O enfermo russo poderá salvar-se com pastilhas de liberalismo, mas tem talvez de ser mutilado. Quanto ao enfermo turco, a questão de Macedonia, com a consequente intervenção das potencias, está-lhe apressando o aniquilamento. Do

Neva ao Bosphoro renascera a saude, sob o influxo da democracia triumphante.

Com o advento do gabinete liberal, a Inglaterra não mudará por certo a politica estrangeira, que naturalmente prepondera no mundo. A *entente cordiale* com a França, base do novo equilibrio europeu no seculo xx, em vez de afrouxar, transformar-se-ha porventura n'uma alliança, em que de futuro entrem as nações latinas. E a intimidade de relações entre este concilio internacional e os Estados Unidos por um lado, e o Japão por outro, assegurará a paz no Occidente e no Oriente, e estabelecerá bases seguras para o bem estar da humanidade.

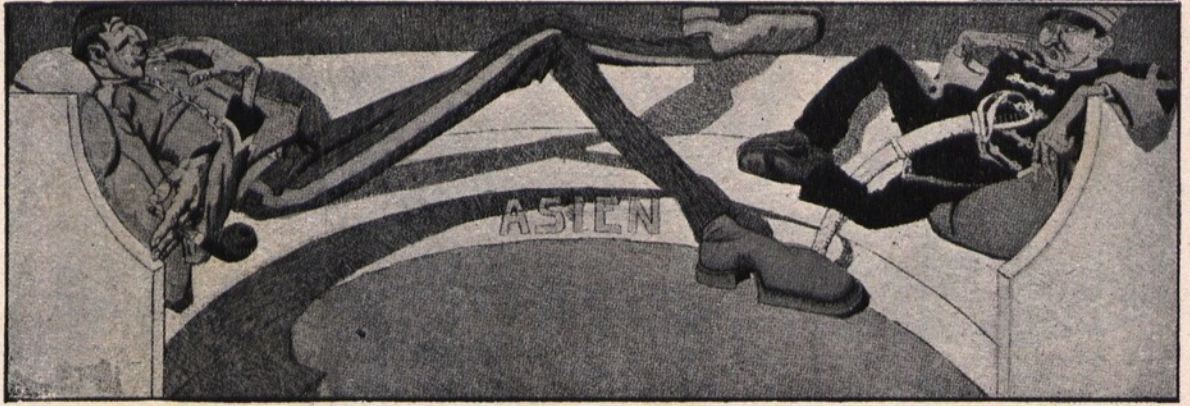
Em vespersas de anno novo, são de molde os horoscopos. Eis aquelle que, sobre a politica universal, o estado do am-



UM QUELHO ESTRAGADO

COSINHEIRO EM CHEFE NICOLAU — *Dos ratos ainda nós nos livramos; o peor é esta horrivel bicharia.*

Caricatura do «Kladderadatsch»



A ALLIANÇA ANGLO-JAPONEZA

*Duas creaturas n'uma barcada só. Dois corações que batem em unisono... aos olhos da Europa
Caricatura do «Ulk»*

biente suggere aos Serões nas vespas do anno de 1906.

Concluiremos com a phrase consagrada dos almanachs: *Deus super omnia*. E quer-nos parecer que o instrumento directamente escolhido por Deus para os seus fins beneficos é n'este momento a raça anglo-saxonica. E' ella que, nas duas margens do Atlantico, alongando os braços para o Oriente, tem porventura na sua mão a paz do mundo.



AS POTENCIAS E MARROCOS

*Não é provavel que as ameixas cheguem para todos quando se disputar o bolo de Marrocos.
Caricatura do «Der Wehre Jacob»*

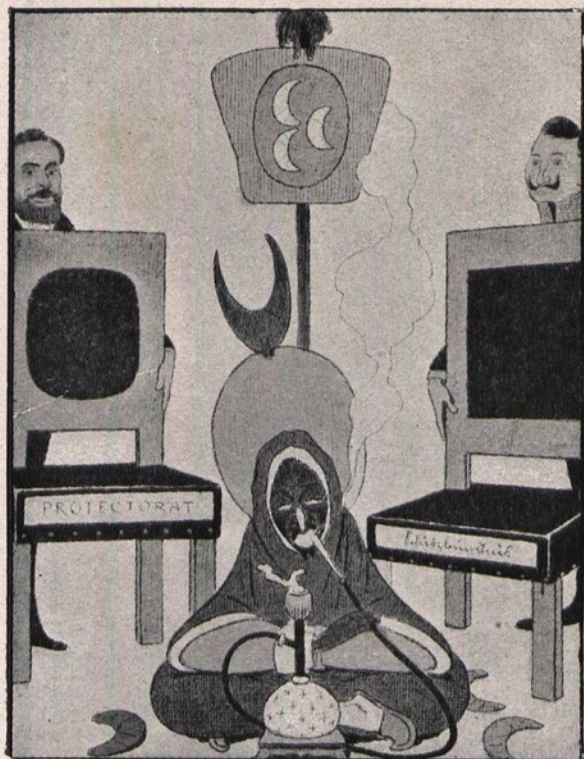


O DOENTE DO BOSPHORO E OS SEUS ENFERMEIROS

(A Austria e a Russia)

Caricatura do «Lustige Blätter»

REVOLUÇÃO «À LA RUSSE» **A**s pessoas que teem a fortuna de viver em paizes governados constitucionalmente, custa a comprehender o motivo por que um autocrata, como por exemplo o czar, mostra tanta repugnancia em tornar-se um monarcha mais ou menos constitucional, como a maioria dos seus collegas europeus. Para o observador isento de preconceitos, o papel de um chefe de Estado á moderna deve parecer um ideal a qualquer homem, quanto mais para um caracter como o que vulgarmente se attribue a Nicolau II.



SULTÃO DE MARROCOS — *Muito agradecido, mas não me falta logar entre as duas cadeiras, para ficar sentado no chão.*

A cadeira oferecida pela França tem o distico: Protectorado. A do Kaiser diz: Alliança defensiva.

Caricatura de «Kikeriki»

Toda a responsabilidade e tremenda anciedade, que tanto deve pesar sobre dois hombros apenas, será transferida como por encanto para os hombros dos ministros, que se podem mandar passeiar no momento em que deixem de satisfazer ao serviço. Tal era o espirito philosophico com que o pae do actual rei dos belgas considerava o seu officio. «Eu todos os dias pergunto aos meus ministros, costumava elle dizer, se acaso teem maiororia. Se a resposta é affirmativa, pego no chapue e na bengala e vou dar o meu passeio com todo o socego de espirito. Se pelo contrario elles respondem que não, eu replico com toda a serenidade: «Muito bem. N'esse caso, tenham a bondade de pegar nos seus chapue e nas suas bengalas, vão passeiar socegadinhos, e escusam de ter o incommodo de cá voltar».

Mas talvez que um «autocrata de todas as Russias» não tenha poder sufficiente para fazer o que lhe apraz, mesmo n'um assumpto tão simples como este. Charles Greville refere-se no seu *Jornal* a um jantar a que assistiam o duque de Wellington e lord Balthurst em 1829. Já n'esse tempo se

suppunha estar imminente uma revolução no imperio dos czares. O duque foi de parecer que não tardaria uma revolução a rebentar na Russia e que a guerra, então travada pela Russia, tinha por objecto abrir uma valvula de segurança ás más disposições que começavam a pronunciar-se. Greville repetiu isto a lord Balthurst, o qual redarguiu que «tambem pensava o mesmo, mas que o imperador actual (Nicolau I) era homem de grande energia», como se qualquer caracter ou auctoridade individual podesse tolher a torrente impulsionada por uma revolução universal de sentimento e de opinião. Accrescentava Greville que o fallecido imperador (Alexandre I) estava tão conscio d'isto que morreu de magua, aggravada pela reflexão de que era elle em grande parte a causa d'esse estado de cousas. Quando visitou Oxford, ficou tão fascinado pela veneravel grandeza d'essa universidade que logo tencionou instituir uma, em regressando á Russia, e é egualmente certo ter elle accrescentado que «queria ter opposição».

Desde então tem a Russia fundado muitas universidades — talvez demais, para a sua tranquillidade interna. Ha uma maxima que affirma ser o mantimento de um homem peçonha para outro homem.

A GUERRA VAE SENDO MAIS OU MENOS MORTIFERA? **M**ENOS, affirma o general americano Bliss, discutindo os importantes elementos nos modernos combates em terra. Depois de dar uma lista das principaes batalhas feridas desde a guerra dos Sete Annos até á batalha de Mukden, resume da seguinte fórma os resultados:

Nas doze batalhas principaes da guerra dos Sete



A CANHONEIRA «INFANTE D. MANUEL»

Ultimamente lançada ás aguas do Tejo, construida com as sobras da subscrição vinda do Brazil para a construcção da canhoneira «Patria».

Annos, as perdas foram, em média, para os vencedores 14 $\frac{1}{10}$, para os vencidos 19 $\frac{0}{10}$.

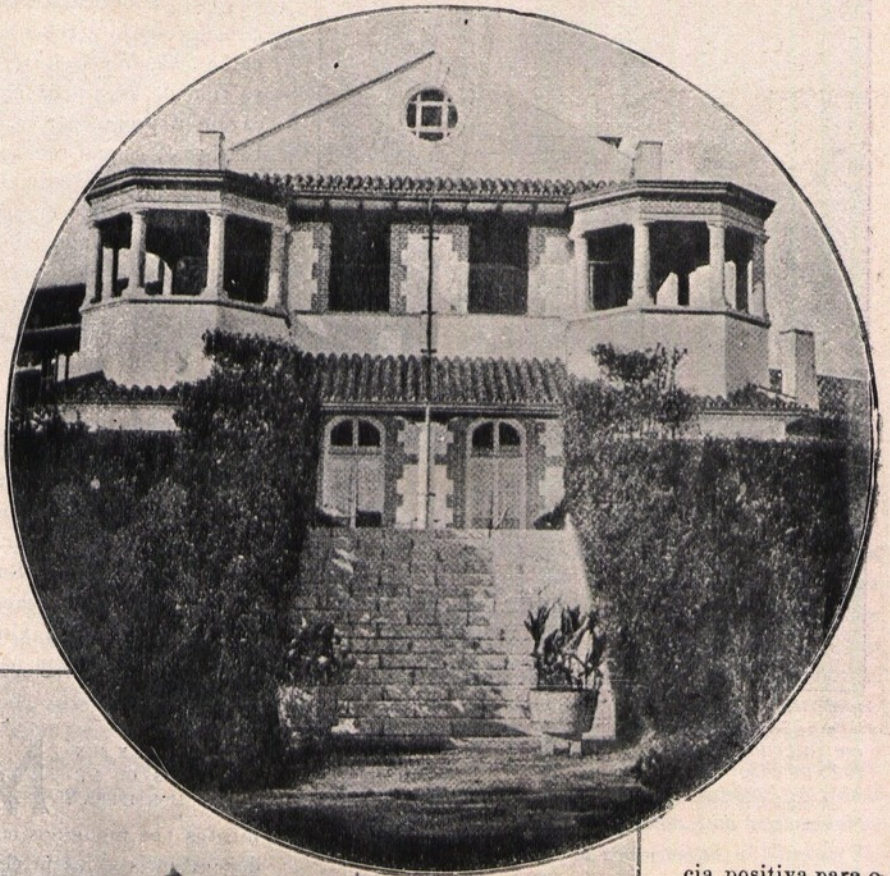
Durante a época napoleonica, a média de vinte e duas batalhas dá aos vencedores 12 $\frac{0}{10}$ de perdas, aos derrotados 19 $\frac{0}{10}$.

A perda média em quatro batalhas principaes da guerra da Criméa foi para os vencedores 10 $\frac{0}{10}$, para os vencidos 17 $\frac{0}{10}$.

A média das quatro acções principaes na guerra franco-austriaca de 1859 dá para os vencedores 8 e para os vencidos 8 $\frac{1}{2}$ $\frac{0}{10}$ de perdas.

Em doze batalhas importantes da guerra de

O HOTEL REINA CHRISTINA, ONDE SE INSTALLARÃO OS DELEGADOS DA CONFERENCIA



VISTA GERAL DE ALGECIRAS

Successão da America, a percentagem das perdas do exercito unionista subiu a 19,7, e a dos exercitos confederados a 19,6.

Seis acções principaes na guerra austro-prussiana de 1866 dão a percentagem de perdas de 7 para os vencedores e 9 para os vencidos.

A percentagem de oito acções principaes do primeiro periodo de guerra franco-prussiana de 1870 é para os vencedores 10, e para os vencidos 9, de perdas. No segundo periodo da mesma guerra, a percentagem é relativamente 2,5 e 3,5.

Em quatorze batalhas da recente guerra russo-japoneza (incluindo o cerco de Porto-Arthur) as perdas médias foram para os russos 9,5 e para os japonezes 4,6, $\frac{0}{10}$.

D'isto conclue o general Bliss que ha uma tenden-

cia positiva para o decrescimento na percentagem das perdas em batalhas. Esta diminuição deve attribuir-se: á gradual eliminação do duello individual; á tendencia para concentrar a energia e evitar a dispersao; maior facilidade em curar os ferimentos da

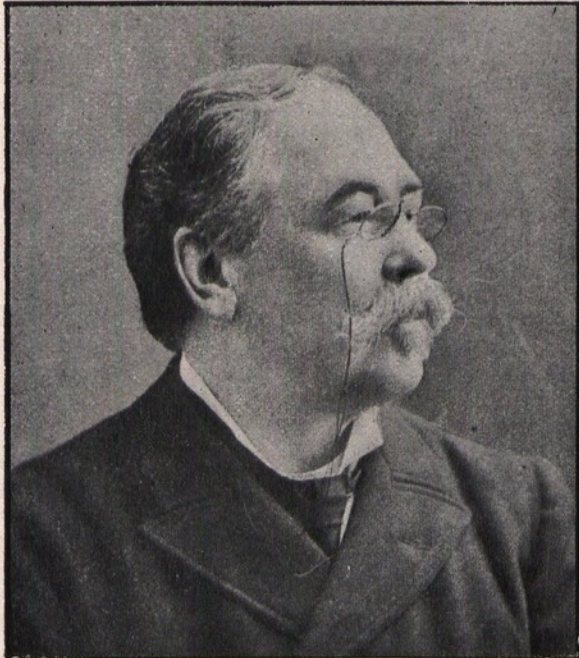
bala moderna; menor efficacia dos tiros rapidos, a grande distancia, contra ordem extensa; grande distancia dos exercitos, que diminue as perseguições dos vencidos pelos vencedores.

A TELEGRAPHIA
SEM FIOS
ATRAVEZ DAS ARVORES

O major Squire, do exercito dos Estados Unidos, reconheceu poderem usar-se as arvores para receber despachos de telegraphia sem fios, substituindo os arames geralmente suspensos n'um poste alto ou n'uma torre.

Os circulos entre a arvore e o aparelho são effectuados, simplesmente cravando dois pregos ordinarios de ferro na mesma arvore — um na parte superior e outro duas ou tres pollegadas acima do chão — e ligando os fios com estes pregos.

Vida na arte



MR. JOSÉPH BYRON

Inventor da photographia á luz artificial

PROGRESSO
DA PHOTOGRAPHIA
Á LUZ
ARTIFICIAL

Foi o inglez Joseph Byron que em 1863 tirou a primeira photographia com relampagos de luz artificial. Era um rapaz de dezeseis annos apenas, os recursos scientificos erant então escassos, mas elle conseguiu uma esplendida prova de uma festa nocturna, na sua terra natal, Nottingham, por occasião de se celebrarem os esponsaes do então principe de Galles.

Enthusiasmado com o exito da tentativa, continuou as experiencias com a luz electrica e de gaz; mas só chegou a resultados efficazes depois da invenção do pó de magnésio, unica substancia que verdadeiramente se presta á boa photographia. Na opinião d'elle, esse pó, convenientemente distribuido, produz chapas mais brilhantes do que a luz do dia, por isso que os effeitos de luz e sombra se podem guardar á vontade do artista.

Foi depois da sua ida para a America que Byron começou a applicar a sua descoberta a photographias de scenas de theatro. «Os resultados foram tão completos» diz o photographo, «que dentro em pouco comecei a receber encomendas de todas as partes dos Estados Unidos. O trabalho cresceu rapidamente; os emperezarios começaram a apreciar o novo processo photographico, até que hoje em dia a pho-



UMA SCENA DO DRAMA «DANTE», photographia segundo os processos de J. Byron
A personagem principal é o actor IRVING

tographia pelos relampagos se tornou uma necessidade absoluta para dar ao publico noticia exacta das peças theatraes. Actualmente já não me embaraça uma jornada de trezentas ou quatrocentas leguas de proposito para tirar algumas chapas de importancia, e, dedicando-me ha quasi meio seculo a este genero de trabalhos, posso gabar-me de nunca ter soffrido desastre.»

Nos magazines illustrados do mundo inteiro se encontram hoje photographias de J. Byron, e por todos os paquetes recebe dos recantos mais afastados do orbe perguntas sobre os meios porque obtem tão admiraveis effeitos. Mas, nos seus conselhos, ha uma parte secreta que elle reserva sempre. É um inventor e um artista, e todas as applicações mechanicas de que faz uso, incluindo as lampadas, são devidas quasi exclusivamente ao seu engenho.

Á força de assistir a espectaculos theatraes, é de grande peço a sua opinião sobre o valor das peças e sobre o seu exito. Cita-se o exemplo de um actor celebre, William Collier, que fôra contractado como *estrella* n'uma peça nova. Mr. Byron assistia ao ensaio geral, e prophetizou um fiasco. Em vez de imprimir todas as photographias encomendadas, telephonou ao empresario, dizendo-lhe que, em vista da queda mais que provavel da peça, lhe parecia preferivel esperar pela sentença dos criticos. O empresario accedeu. E no dia seguinte a opinião de J. Byron era corroborada por todos os jornaes, e a peça não sobreviveu a uma semana.

SERÁ COMPATRIOTA? **O** APPELLIDO de Miss May de Souza, que actualmente desempenha o papel de protagonista na pantomima *Cinderella*, representada no Drury Lane de Londres, parece indicar a sua origem portugueza. Americana é ella chamada em geral pelos jornaes inglezes. Provavel é que esteja aparentada com o celebre regente de orchestra Souza, que nos Estados Unidos tem grande reputação e que de uma familia portugueza descende.

Mas ainda quando não tivéssemos a honra de ter por compatriota esta gentil artista, o seu encantador



MISS MAY DE SOUZA

aspecto justifica de sobra o nosso empenho de embellezarmos com o seu retrato uma das paginas dos *Serões*. Eil-a, a linda *Gata Borracheira* que actualmente faz as delicias das creanças londrinas, e de certo lisongea com muito agrado os olhos dos adultos.

E' extraordinaria a vitalidade do conto infantil dos irmãos Grimm, que tantos e tão variados argumentos tem fornecido aos theatros de todo o mundo.

Esta *Cinderella* do Drury Lane afasta-se bastante, nas suas linhas geraes, de todas as outras variações bordadas sobre o mesmo thema. Escusamos de nos embrenhar no *compte-rendu* da pantomima.

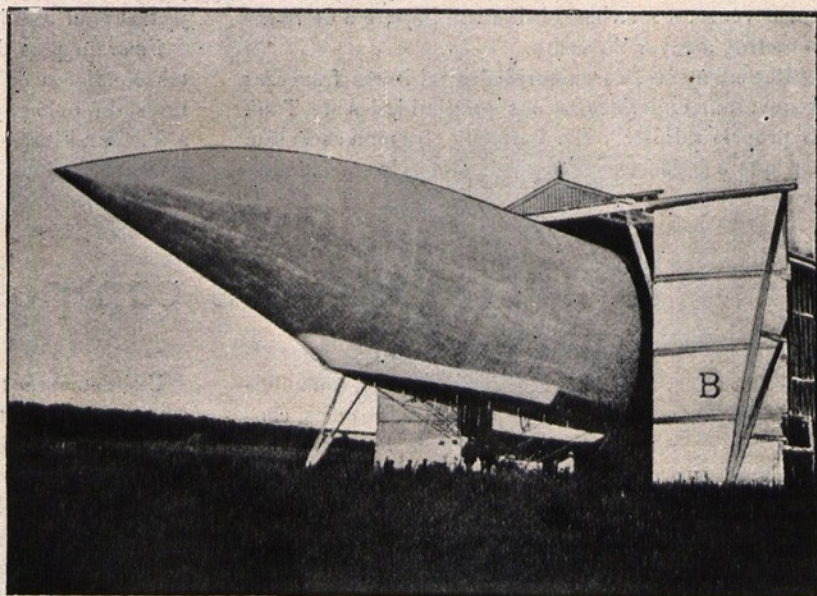
Quanto á nossa presumida compatriota, affirma a critica que desempenha o seu papel de uma fórmula encantadora e com grande talento, com uns modos infantis que fascinam todo o publico.

Vida na sciencia e na industria

O Aero-Club de França concedeu a grande medalha — o seu maior premio — ao constructor, ao piloto e ao machinista do novo dirigivel Lebaudy II, considerado o typo mais aperfeiçoado de navegação aerea.

O constructor, Mr. Julliot, é realmente o inventor dos dirigiveis conhecidos pelo nome dos irmãos Lebaudy. O piloto, George Juchmés, é um notavel aeronauta que conta mais de 100 ascensões feitas entre os 17 e os 30 annos, que é hoje a sua idade. O machinista Rey é um velho empregado superior da casa Creusot, e notabilisa-se pelo sangue frio e pela pericia.

O balão adapta-se a varios usos, principalmente para recreio e para guerra. Os melhoramentos introduzidos por Mr. Julliot tem por principal objectivo augmentar



O LEBAUDY II — ASPECTO GERAL

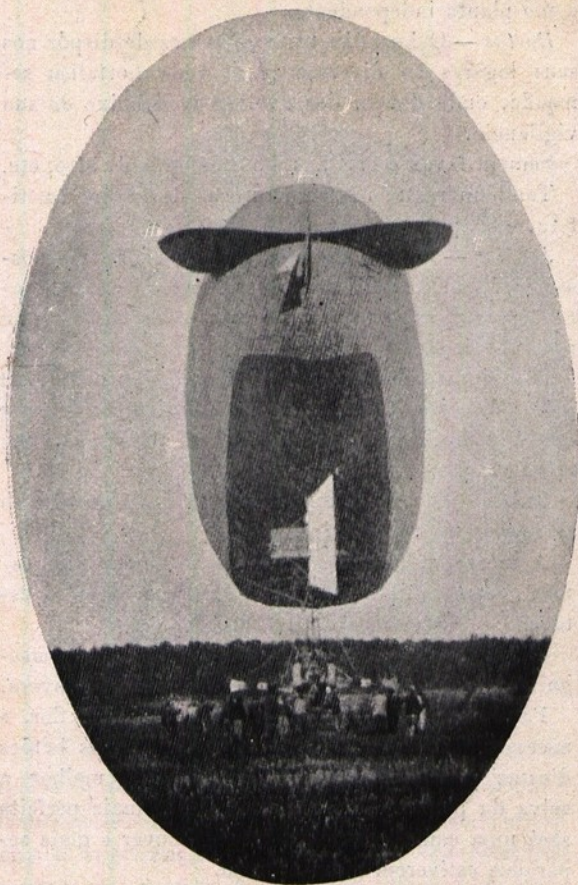
as qualidades fundamentaes do balão, isto é, a sua demora no ar, a extensão das viagens, e a possibilidade de as tentar. Para esse fim augmentou-se o diametro cubico do envolvero, o do balonete, a potencia do ventilador, o peso da carga, etc., e deu-se ao aerobarco meios de viajar de noite.

Ao material do envolvero addicionou-se uma camada interior de borracha, que lhe augmenta a impermeabilidade, preserva o algodão da acção destruidora das impurezas contidas no gaz, e assim dá mais duração ao balão. As valvulas primitivas do gaz foram substituidas por valvulas de mola horizontal, separadas do corpo do balão por um diaphragma de gaze, e fez-se uma disposição para que ellas possam ser concertadas ou substituidas sem despejar o balão.

Melhoraram-se tambem as condições de descida com modificações no cabo e na collocação da ancora.

Além de aparelhos para a illuminação electrica, accrescentou-se um projector de acetylene, de um milhão de lampadas de força, que habilita o aeronauta a dirigir-se convenientemente comparando a zona illuminada com o mappa, e mostrando-lhe, nas baixas altitudes, todos os obstaculos a evitar.

O balão foi alargado á pópa, fazendo-se varios arranjos para duplicar, apesar d'isso, as suas qualidades sob o ponto de vista da velocidade e da estabilidade, taes como: addicionamento de uma segunda fralda, chamada «borboleta», ligada á pópa; substituição do antigo aparelho de governo, horizontal, por dois outros mais pequenos em fórma de V, collocados á pópa; independencia d'esses dois appare-



O LEBANDY II VISTO DE POPA

lhos, que podem produzir o descimento ou a ascensão sem perda de gaz.

N'estas condições começaram as experiencias nos fins de 1904. N'uma d'ellas alcançou o balão a velocidade de 33 kilometros e 200 metros por hora, contra o vento, a maxima obtida até hoje, e a de 70 kilometros a favor do vento.

Recentemente, as auctoridades militares francezas renovaram experiencias nas proximidades de Toul. O proprio ministro, Mr. Berteaux, fez uma ascensão, em que o balão executou evoluções sobre a cidade e

os fortes, durante tres quartos de hora, voltando a terra no ponto de partida sem o menor damno. Reconheceu-se a sua utilidade pratica para a observação dos movimentos e para as indicações telegraphicas, assim como para lançar verticalmente projecteis com absoluta precisão.

Ficaram pois demonstradas pelos factos as perfeitas condições de dirigibilidade e as vantagens militares do Lebaudy II. Não tardará o dia em que a sciencia militar será inteiramente revolucionada com a introdução dos dirigiveis, para fins de defeza e ataque.

Vida nos campos

JANEIRO

CAMPOS — Acabadas as sementei-ras temporãs e adubações, continúa n'este mez o trabalho das charruas na preparação das terras para as sementei-ras serodias a fazer em março.

É tambem n'este tempo que se fazem os arroteamentos de preparação para as bacelladas.

N'este trabalho, em que ha grandes resistencias a vencer, devido á profundidade da lavoura, 30 a 60 centimentros, emprega-se grande quantidade de gado, 4, 6 e 8 juntas de bois a cada charrua, os quaes pachorrentamente harmonisam entre si o seu valentissimo esforço, ao som dolente e fundamente característico do cantico dos boeiros, que assim os animam no seu arduo labutar.

É esta a epocha mais adequada á póda do arvoredo por estar como que adormecida a sua vegetação, e proximo o desenvolvimento da seiva vivificadora. Este trabalho serve para descarregar a arvore das hastes desnecessarias e atrasadoras de uma perfeita fructificação.

Vinhas — Nas vinhas tambem se trata n'este tempo das pódas.

A videira tende a desenvolver longos braços, os quaes abandonados, vão-se multiplicando, e tornando difficil e incompleta a sua fructificação, se os não reduzirmos e localisarmos á acção da seiva methodicamente em favor do fructo.

É este o fim das pódas.

Ha varios systemas de podar, que o viticultor deverá estudar e escolher segundo a qualidade e estado da videira e do terreno.

Chama-se póda larga, quando na vara ficam mais de quatro olhos, e póda curta quando apenas se lhe deixa dois ou tres.

O systema mais usado é deixar á videira duas varas largas, com um talão, ou vara curta, em cuja extremidade se destroe a rebentação para evitar o desenvolvimento da vara. As duas varas largas são habitualmente amarradas a duas estacas dispostas no alinhamento da plantação.

As varas cortadas são em geral aproveitadas para queimar depois de seccas, e as cinzas espalhadas como adubo pela vinha.

Ultimamente tem-se empregado como bella alimentação para todo o gado, especialmente o vacum, depois de esmagadas em apparatus especiaes movidos a braço, gado ou vapor, segundo a importancia da quantidade.

N'este mez tambem se faz a reproducção de videiras por meio de mergulhia, que consiste em virar uma vara da videira enterrando a sua extremidade na terra até uma profundidade de 25 centimetros. A vara mergulhada destroe-se os rebentos, deixando ficar alguns apenas na extremidade enterrada, que servem para o desenvolvimento das novas raizes, as quaes, quando bem formadas, permitem a separação da vara da cepa mãe, e a sua perfeita vegetação como planta independente.

Hortas — O hortelão trata este mez de dispór nos seus logares as diversas plantas de hortalixa semeada, onde devem desenvolver-se debaixo da sua vigilancia.

Semeia favas e ervilhas, batatas, grão de bico, etc.

Tambem mette na terra estacas de arvore fructifera, e limpa os pomares.

Jardins — Poucas são n'este mez as flores nos nossos jardins. No emtanto n'elles se vê o jasmim amarello, geraneos, magnolias roxas, e as camelias ou rosas do Japão.

Esta encantadora flor foi trazida do Japão em 1739 pelo padre jesuita Camelli, a quem deu o nome por que é conhecida, alem do de rosa do Japão, pela sua origem.

Exige esta planta uma terra forte misturada com terra vegetal de pinheiro.

A sua reproducção faz-se por meio de semente, estaca ou mergulhia. O mais facil porém é a estaca.

A variedade de flores n'um arbusto pode conseguir-se facilmente por meio de enxertia na primavera.

Para o perfeito desenvolvimento de uma flor, é necessario isolal-a de outras, destruindo os botões d'estas para que a escolhida aproveite melhor a seiva da planta. Por esta razão tanto mais perfeita será uma camelia quantas menos houver e mais separadas estiverem n'um arbusto.

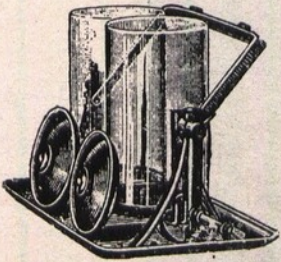
A camelia dá-se muito melhor nas provincias do

norte do nosso paiz. onde chega a ser espontanea a sua vegetação.

É do Porto que veem para Lisboa grandes quantidades d'esta preciosa flor para ornamentações nos primeiros mezes do anno.

**ECONOMIA
DOMESTICA**

PARA o lavrador, que desejando alimentar-se por completo dos productos da sua propriedade, e não queira entrar no fabrico completo da manteiga, lembramos a pequena bateadeira para nata, que a nossa gravura representa.

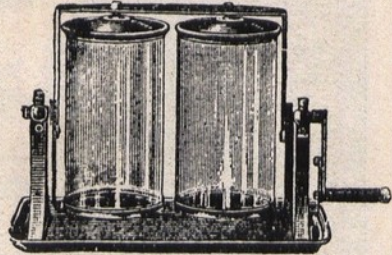


Compõe-se ella de um ou dois copos de vidro com tampa nikelada, apertados dentro de um arco metallico que gira, suspenso em dois braços, sobre dois supportes.

Separada a nata do leite, por meio do repouso em pratos de loiça, é lançada no copo de vidro, o qual depois de tapado, recebe o movimento de rotação

por meio da respectiva manivela, até que se forme dentro a manteiga, o que facilmente se pode ver atravez do vidro. Separado o soro, é lavada a manteiga com agua, dentro do mesmo copo, e acabada de fazer n'um prato com o auxilio de uma faca, flexivel.

D'este modo se obtem um producto que, se não



tem todas as boas qualidades de uma manteiga superior, tem o de não ser falsificada, e constituir um agradável e util passatempo, capaz de despertar o gosto e preparar o manipulador para o fabrico mais completo de uma manteiga que, alem de servir ao consumo da casa, poderá mais tarde engrossar os rendimentos da lavoura.

Um cão imitador



Um intelligente artista canino, que figurou ha mezes n'um circo de Londres, imitava, devidamente caracterisado, varios personagens celebres. Eis a reproducção muito exacta, nas gravuras juntas, do grande dramaturgo IBSEN e do estadista chinês LI-UNG CHANG.

A invasão de Lisboa



EM MARCHA SOBRE A CAPITAL

Cliche do sr. Alfredo T. de Lemos



ACAMPAMENTO DO LARGO DE S. DOMINGOS

Clichê de sr. Alberto Castello Branco





Os serões das senhoras

Chronica geral de Modas



A VARIEDADE DA MODA

Não ha duvida que a moda este inverno é muito variada, tanto em côres como em feitios, e na verdade será difficil que as senhoras, mesmo as mais exigentes, não encontrem, entre tanta variedade, o que desejam para satisfazer os seus gostos e caprichos.

Ha para todos os typos; assim ás bellezas serenas, ficarão perfeitamente *toilettes* em estylo severo, como as *robes princesse* em velludo, emquanto que os tecidos leves e o Estylo Imperio ou Directorio adequar-se-hão melhor ás senhoras graciosas e delgadas.

Presentemente a moda apresenta novidades elegantissimas. Depende do gosto de cada senhora saber applical-as com arte.

PELLES MODERNAS

O grande luxo do inverno são as pelles, chega a ser uma paixão tão entranhada como a das joias ou das rendas.

Ha senhoras que não resistem á tentação de alcançar pelles rarissimas; recentemente, em Paris, uma senhora, ameaçada de ruina, vendeu uma parte



FIG. I



FIG. 2

da sua collecção de pelles e de joias, e ficou ainda com um rendimento de cerca de duzentos mil francos.

Mas isto são objectos de luxo precioso, e nós queremos agora tratar de pelles mais modestas, que digam com gostos e fortunas também mais modestas.

A moda sempre em contradicção estabeleceu este inverno, como *dernier cri*, o que o inverno passado estava fóra da moda.

Assim o arminho, tão chic o inverno passado, está este anno mais abandonado, limitam-se a usal-o nos grandes *manteaux* luxuosíssimos ou como forro. Ao contrario a *chinchilla* é o *dernier cri* da estação, mas é uma pelle ainda reservada a poucas pessoas, pois só se alcança por um preço elevadíssimo.

A zibelina continúa a estar em voga, não é a ultima novidade, mas é ainda a pelle rica e confortavel que todas as senhoras appetecem e preferem. É muito chic misturada com Irlanda, esses dois tons casam harmoniosamente e dão uma nota bonita á *toilette*.

Ha uma outra pelle, a marta vulgar de Fran-

ça, que apesar de muito inferior á zibelina, tem um bom aspecto, e é relativamente barata.

Notamos ainda o *caracul*, que apparecerá bastante, e para substituir o astrakan, inteiramente abandonado este inverno, ha um *caracul* pouco felpudo, muito brilhante e ondeado, que é muito recommendavel, pois é bonito e pratico, cremos até que será a pelle preferida por todas as pessoas rasoaveis. Executa-se com esta pelle o fato classico, a jaqueta comprida, ou o *paletot-sac*.

Derivado d'este *caracul*, ha ainda uma outra especie que vale a pena mencionar, apesar do seu aspecto não ser muito bonito, pois é d'um tom *marron* arruivado e crú, é uma pelle que se presta muito a automoveis, exactamente por ser d'uma côr que não se suja tanto como o preto.

CREANÇAS EM AUTOMOVEIS

Ha uma pelle de cabra parecida com o *caracul* branco, que é muito apropriada a ser



FIG. 3

usada pelas creanças, principalmente em passeios de automovel.

Com essa pelle fazem se bonets, gorros, regalos e mesmo casacos completos, os quaes levam aos lados umas pequenas aberturas por onde as mãos dos bebês enfiain e ficam ao abrigo do frio.

Esta pelle, além de bonita, tem a vantagem de não se estragar com facilidade, atura muitas lavagens, pode mesmo limpar-se em casa, com oxido de zinco. É um pó branco com o qual se esfrega a pelle, e alli se conserva durante algum tempo, batendo-se em seguida a pelle com muito cuidado.

SAIAS PARA MENINAS NOVAS

Entre todas as novidades d'este inverno, não ha nada que fique melhor ás raparigas novas que a *jupe-corselet*.

É uma *toilette* commodissima, pois com uma unica saia, pôde dar-se a illusão de grande variedade de *toilettes*, usando bluzas diffe-



FIG. 4

rentes, tendo além d'isso a vantagem de ser uma saia extremamente elegante e moderna.

Esta saia é d'um feitio difficil de assentar bem, é preciso um bom molde e corte.

Como tecidos, para raparigas novas, o grande successo é o velludo inglez. Apezar d'isso, continua a usar-se o panno liso.

Esta saia faz-se com forro separado, ao contrario da saia *tailleur*, que deve ter o forro pegado, o que é muito mais pratico.

TOILETTES DE VELLUDO

Para *toilettes* de interior estão em moda o velludo de algodão ou belbutina; estas *toilettes* são de feitios muito simples, sómente usadas com collarinhos de gomma e gravatas formando nó.

Para a tarde usam-se velludos *chiffon* em lindos tons, especialmente o verde claro. E a côr mais em voga.

O feitio preferido para estas *toilettes* é a forma *princesse*.

O feitio Imperio tambem se vê muito, prin-



FIG. 5

principalmente em senhoras de estatura e delgadas, pois é um feitio pouco adequado a pessoas nutridas. Apesar de lindas, estas *toilettes*

não são proprias para saídas á rua, usam-se sómente em recepções, *five-o'clocks*, ou jantares.

CHAPEUS MODERNOS

Este inverno teem apparecido modelos de chapéus de fórmulas encantadoras, apesar de um tanto extravagantes. São principalmente lindos todos os que teem guarnições de *chiffon*, o qual se presta admiravelmente para *draperies* graciosas.

Os chapéus de feltro são muito usados com veus de *chiffon* caído atraz sobre o cabello.

Os tons *marron* e verde são as côres preferidas este inverno para a confecção de chapéus. Os chapéus de copas altas e grandes plumas devem usar-se de preferencia em *toilettes* estylo Imperio ou Directorio.

Ha chapéus de grande originalidade e extravagancia, voltados d'um lado, com plumas caído para traz sobre o hombro.

As guarnições são variadissimas, usam se velludos, rendas, pelles, plumas, fivellas, emfim tudo quanto harmonise bem com o feitio e o tamanho do chapéu.



FIG. 6



FIG. 7



FIG. 1

FIG. 2

OS NOSSOS FIGURINOS

Fig. 1 — Esta *toilette* de recepção é verdadeiramente original e artistica. A saia é em velludo côr de vinho, emquanto o corpo é em velludo adamascado, ou setim, n'um tom um pouco mais claro que a saia. A sua extrema elegancia depende da belleza e qualidade da renda, a qual deve ser rica e pesada, com ornatos que saiam bem sobre o fundo escuro da *toilette*.

Fig. 2 — Casaco alta novidade, em panno *vert bronze* com capa, e boléro, guarnecido de galão branco, e botões bronzeados.

N'este genero, é tudo quanto ha de mais elegante e novo, pois é o primeiro modelo que apparece com este feitio.

Fig. 3 — *Toilette Imperio*, apropriada a recepções, *five-o'clocks*, e festas de dia. A saia é em velludo *prune* e o boléro é em panno branco,



FIG. 3

ou crême, guarnecido de vivos de velludo, e grande profusão de renda nas mangas, as quaes são curtas. A saia acaba por uma guarnição de arminho, e o regalo é tambem de arminho. Esta *toilette* é distincta e d'um grande chic.

Fig. 4—Encantadora *toilette* em velludo preto e branco, composta tambem de corpo de panno preto, enfeitado de cordões e trança preta. A gola é em seda branca com um debrum pequenissimo de velludo côr de cereja. É um lindo vestido para passeios á tarde.

Fig. 5—É deliciosa esta *toilette* em velludo gris, com *jupe corselet*, e boléro curto. Tanto a saia como o boléro levam uma guarnição de pelle, e o boléro assenta sobre uma bluzza de *chiffon* em tom gris, e bordada a prata. As mangas acabam tambem por esse mesmo *chiffon*. É um lindo e elegante vestido para recepções.

Fig. 6—Vestido para creança em *mousseline* de seda crême, guarnecido de entremeios e bordados finissimos, e ordens de entremeios de Valenciennes postos verticalmente. A roda da saia leva um folho franzido, e as mangas são curtas e atadas com fitas de setim azul. O corpo tambem leva folho, com fita azul formando laço á frente e sobre os hombros.

Fig. 7—Esta *toilette* de creança deve ser feita em seda leve, a qual é bordada á machina, como se vê na gravura. As rosetas e fitas, que dão toda a graça a esta *toilette*, devem ser d'uma côr bem forte. Emquanto á seda convem ter uma côr desmaiada.

CHAPEUS

Fig. 1—Lindo chapéu em feltro branco, guarnecido de gaze, pelle branca e grande passaro tambem branco, com azas cinzentas, acabando em pennas pretas. Este chapéu é muito chic e elegante.

Fig. 2—Pequenina *toque* em pelle de castor, guarnecida d'um molho de rosas côr de rosa, ou encarnadas, e *aigrette* bem farta. Esta forma de chapéu é linda, e fica muito bem em qualquer *toilette* de inverno.

Fig. 3 e 4—Apresentamos, como novidade, dois chapéus para automovel. O primeiro é n'um tom *tabac*, redondo em fôrma de turbante, com uma borda larga de velludo. Leva duas azas no mesmo tom *tabac*, uma de cada lado. O veu é de *mousseline* de seda em tom *champagne*; o contraste d'esta côr com a côr do chapéu produz um *ensemble* encantador.

O outro chapéu é tambem d'uma fôrma elegantissima. É todo n'um branco azulado, e o veu, bastante espesso, é arranjado de modo que, quando se ponha para cima, fôrme uma guarnição á roda do chapéu. O véu, de *mousseline* azul, é enrolado á roda do pescoço, ou pôde tambem usar-se como mostra a nossa gravura. Pela parte detraz do chapéu veem duas fitas de *glacé*, as quaes traçam no pescoço, terminando por dois laços que se prendem á frente. É uma das cousas mais necessarias, pois ajuda immenso a segurar o chapéu na cabeça.



FIG. 4

A NOSSA FOLHA DE MOLDES

CASACO IMPERIO

Este elegantissimo casaco, proprio para as sahidas de theatro, deve ser em panno *vert bleu*, com *passementeries* de côres muito mortas, nos hombros, e rodeando a gola e a cintura.

Os botões são em phantasia, e no extremo das mangas uma grande porção de rendas muito finas forma uma ruche.

A outra figura apresenta o forro que deve ser em *glacé* de côr, e para tornar este casaco ainda mais commodo pode-se pôr por dentro uma algibeira, como mostra a nossa figura.

LINDA MATINÉE PARA CRENÇAS

Damos na nossa folha os moldes da primeira d'estas matinées.

É deveras original com uma grande estola que a acompanha até a baixo.

Póde ser feita em flanela côr de rosa ou azul clara, fazendo os pontos de phantasia em linha n'um tom mais escuro, e a estola em seda tambem mais escura.

Os moldes dão tambem esta matinée em curto, que fica talvez ainda mais engraçada.

CASACO E TOUCA DE BONECA

Para que as creanças tenham tambem al-



CASACO IMPERIO PARA THEATRO



AVESSE DO CASACO IMPERIO

guma importancia nos nossos *Serões*, e para que se vão costumando a fazer e cortar os vestidinhos das suas bonecas, damos os moldes d'um casaquinho e d'uma touca. O casaco é feito em piqué branco com um borda lo franzido e pregado com um *ponto espinha* feito em linha encarnada. A touca é no mesmo piqué com uma ruche de renda e laços de fita de côr.

Bastam estas explicações para que as mãs possam substituir-nos, ensinando as pequenas costureiras a cortarem segundo os moldesinhos que lhes proporcionamos.



MATINÉES PARA CRIANÇAS

convenientes na espinal medulla e prejuizos nos nervos.

«A maneira natural de andar é descançar o peso do corpo, tanto quanto possível, na planta do pé. Não se pôde fazer isto quando se usar calçado de tacões altos, visto terem a tendencia de transferir o peso do corpo para sobre os calcanhares.»

Passaros que cozem

Parece que não foi só a raça humana que fez monopolio da pacifica arte da costura.

O alegre estorninho, frequentador de pomares, faz o seu ninho d'uma herva muito

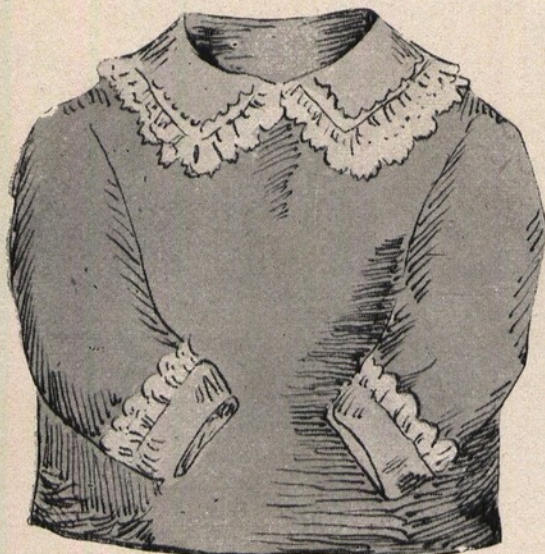
Inconvenientes dos tacões altos

É o seguinte o conselho de uma auctoridade em educação physica:

«Se os tacões altos affectam ou não a vista (como alguns affirmam), eis o que não sei di-



MATINÉES PARA CRIANÇAS



CASACO DE BONECA

zer, mas em todo o caso teem uma grande porção de maus resultados.

«Em primeiro logar não são commodos, e decerto que nem são bonitos nem vantajosos.

«Torcem a forma do pé, produzem callos e joanetes, e o peor é que causam vibrações in-

rija, e coze-a com um fio d'um grande comprimento.

Mais habil é ainda um outro passaro que os inglezes conhecem por *tailor bird*, o qual não só coze, mas é elle proprio que faz o fio, juntando o algodão, e fiando-o com o seu bico comprido e os seus pés delgados.

O bico faz o effeito da agulha, para unir as grandes folhas que formam o ninho.



TOUCA DE BONECA

PELOS ALTOS

O príncipe Carlos, elevado a rei da Noruega sob o nome de Haakon VII, é o segundo filho do príncipe real de Dinamarca e, para não afrouxar os laços de união entre os dois países escandinavos, de uma filha de Carlos XV da Suécia.

A nova rainha da Noruega é a princesa Maud de Inglaterra, filha segunda e predilecta de Eduardo VII. Foi um romance de amor o casamento, realizado ha cerca de dez annos. A paixão do príncipe brotou n'uma das frequentes visitas feitas pela rainha Alexandra a seu velho pae, o rei Christiano da Dinamarca.

Além dos parentescos já indicados, o novo rei da Noruega tem por tios o rei de Inglaterra e o rei da Grecia, por tias a rainha de Inglaterra, a imperatriz viuva da Russia, a rainha da Grecia e a princesa Maria de Orleans. Pelo lado d'esta ultima, casada com o príncipe Waldemar da Dinamarca e prima da rainha de Portugal, está a familia real dinamarqueza, profundamente lutherana, ligada ao catholicismo.

São primos de Haakon VII o czar, o príncipe de Galles, o príncipe Jorge da Grecia, o príncipe Aage da Dinamarca; seus cunhados os príncipes Frederico de Schaumburg-Lippe e Carlos da Suécia; e tem por irmãos o príncipe Christiano, herdeiro presumptivo da Dinamarca, os príncipes Harald e Gustavo, e as princezas Ingeborg, Thyra e Dagma.

A rainha da Noruega é formosa e elegante, inteiramente dedicada a seu marido, apesar de se dizer, antes do casamento, que ella se enamorara de um membro da aristocracia inglesa, cuja linhagem não permittia ainda assim o

casamento. Foi quasi exclusivamente educada na atmosphaera da côrte, e pouco interesse mostra pela vida ao ar livre, que é preferida pelo seu esposo.

O filho do regio consorcio é uma criança



O REI DA NORUEGA HAAKON VII, A RAINHA MAUD E O PRINCIPE REAL HARALD

de dois annos, Alexandre, que será príncipe herdeiro da Noruega, tomando o nome de Harald, por isso que está decidido que os Haralds e os Haakons reinarão alternadamente na Noruega.

Haakon VII foi official de marinha e tem grande amor pelas cousas nauticas, além da paixão pelo sport hippico e pela caça.

CANDIDATAS AO THRONO DE HESPANHA



PRINCEZA WILTRUD,
DA BAVIERA



PRINCEZA EVA DE BATTENBERG
A preferida



PRINCEZA HELMTRUD,
DA BAVIERA



ARCHIDUQUEZA ISABEL,
DE AUSTRIA



PRINCEZA GABRIELLA, DE AUSTRIA



ARCHIDUQUEZA HENRIQUETA,
DE AUSTRIA



ARCHIDUQUEZA RENATA,
DE AUSTRIA

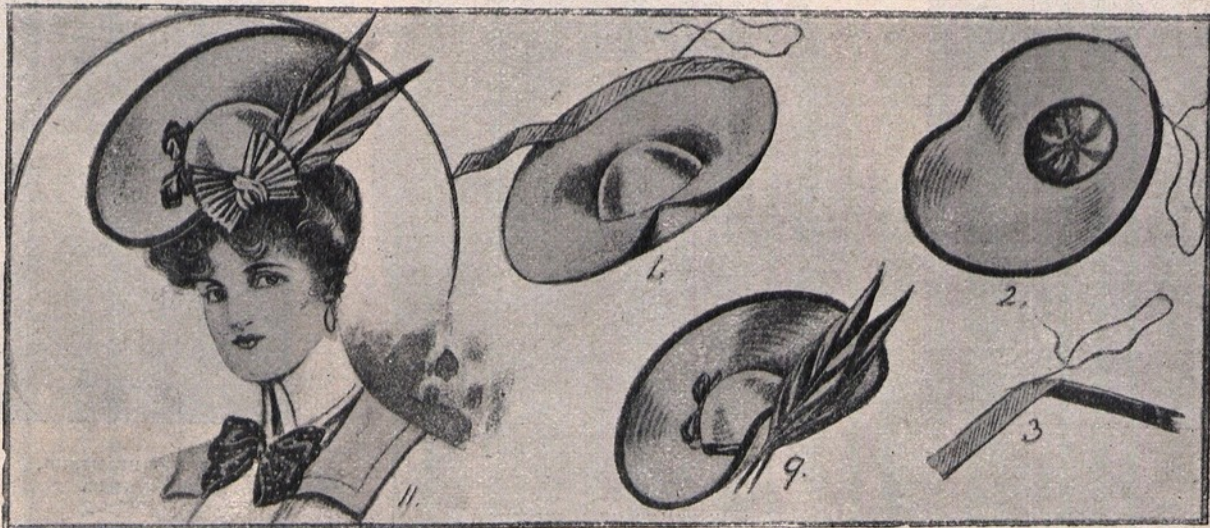


PRINCEZA HILDEGARDA,
DA BAVIERA



DUQUEZA MARIA ANTONIETTA,
DE MECKLEMBURGO-SCHWERIN

LAVORES FEMININOS



COMO SE PODE ENFEITAR UM CHAPEU DE FELTRO

COMO SE PODE ENFEITAR UM CHAPEU DE FELTRO

Escolha-se um velludo da mesma côr do chapéu, mas n'um tom mais escuro, corte-se em tiras enviezadas e coza-se em costura na

parte de cima da borda do chapéu (como mostra a figura n.º 1), em seguida coza-se o velludo á parte inferior da aba para ficar debruada (veja se a figura n.º 2).

A fig. n.º 3 mostra a forma de acrescentar o velludo para o debrum e a figura n.º 4 mostra a maneira como se embainha o velludo.

Para o enfeite do chapéu, franze-se um boc-

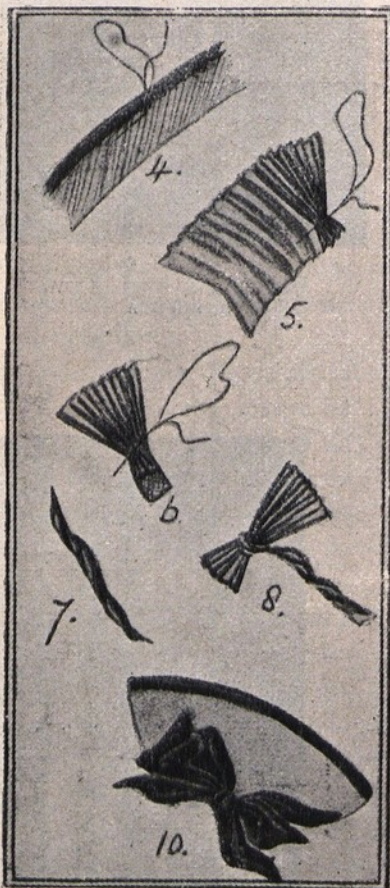
cado de velludo já embainhado em forma de leque como se vê pelas figuras 5 e 6, torce-se uma tira do mesmo velludo (figura n.º 7) e prende-se ao meio do velludo que se acabou de franzir (figura n.º 8). Levante-se um pouco o chapéu do lado esquerdo, prendendo-se a aba com duas pennas sobre as quaes se coze o leque de velludo. Forma-se um laço de fita do mesmo velludo e colloca-se na parte posterior do chapéu. Para tornar o chapéu mais levantado atraz, prende-se á parte inferior da copa um *bandeau* de crinoline onde se pode cozer o laço de velludo. É um modelo simples e elegante, que qualquer senhora pode executar.

BORDADO EM RELEVO

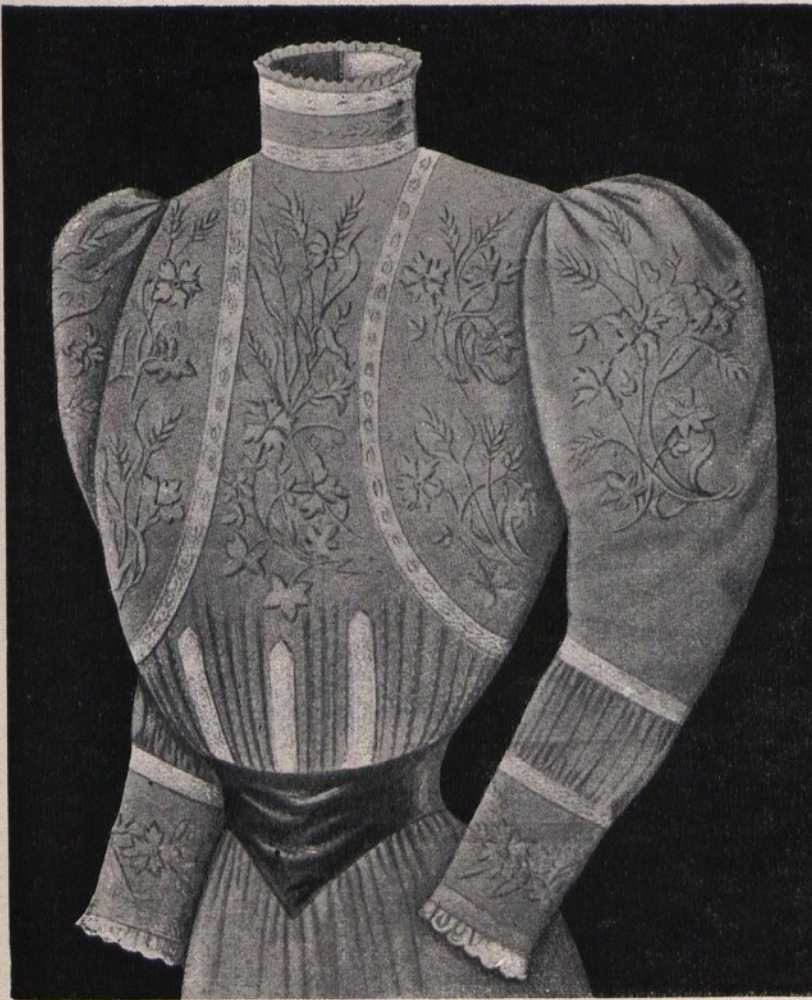
O bordado em relevo, que tanto se usou no meado do seculo XVIII, torna a ser moda para enfeitar vestidos e camisolas.

Se por acaso alguma das nossas leitoras possuir algum vestido do tempo antigo, que já tenha o fundo estragado, pôde applicar os proprios bordados d'esse vestido sobre qualquer tecido novo.

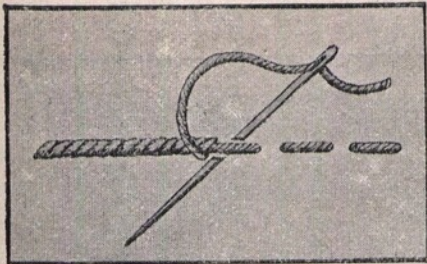
Esta applicação é muito facil de fazer; e para tornar o vestido menos pesado, fica lindamente uma guarnição composta de Valenciennes ou de renda de Puy. Mas como nem toda a gente possui no seu guarda-roupa estes bellos vestidos dos nossos antepassados, é preciso substituil-os, e as nossas queridas e



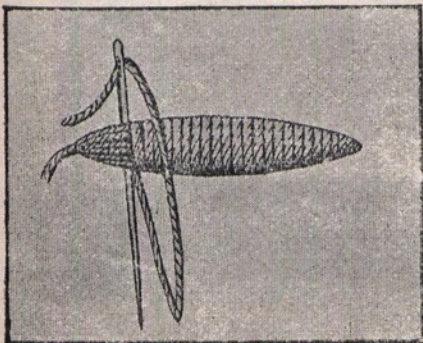
DETALHES DOS ENFEITES DO CHAPEU DE FELTRO



CAMISOLA BORDADA A RELEVO



PONTO PÉ DE FLOR



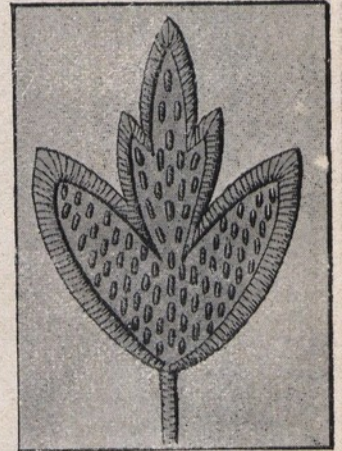
PONTO FIBRITO

habeis leitoras tem que executal-os por suas proprias mãos.

Sem duvida alguma quasi todas as senhoras sabem bordar a relevo, mas como o bordado moderno é ligeira-

mente diferente do antigo, vamos dar algumas explicações que ajudarão as nossas leitoras a bordar mais facilmente.

Este novo trabalho não é



PONTO DE AREIA

tão delicado como o antigo, faz-se sempre com linha um pouco grossa, mesmo que seja sobre um tecido fino; não queremos dizer com isto que seja falta de perfeição, mas é simplesmente o gosto moderno.

Para bordar costuma-se geralmente esticar o tecido sobre um encerrado, mas nós aconselhamos de preferencia o bastidor moderno.

Muitas senhoras, que tem já muita pratica, trabalham sem bastidor, mas n'este caso é de veras difficil não ficar franzido.

Aplicado o tecido sobre um panno forte, e esticado no bastidor, corta-se a parte do panno por baixo do desenho, e começa-se a bordar.



PONTO OBLIQUO



ALMOFADAS PARA SOPHÁ E PARA CADEIRA

Damos os modelos dos pontos que se costumam empregar: o *ponto pé de flôr*, o *ponto direito*, o *ponto obliquo*, e o *ponto d'areia*.

As flôres e as espigas são cheias com algodão de passagens.

Os nossos modelos representam o desenho dos pontos em maior, para que se perceba bem o trabalho que se vae executar.

Este bordado fica lindamente n'um vestido de panno, mas n'um vestido de verão que seja de *mousseline* ou linho, tem o defeito de se tornar muito pesado, o que se remedia bem applicando juntamente no mesmo vestido a *broderie anglaise*. Esta *broderie*, como as nossas queridas leitoras sabem, compõe-se de abertos, feitos com ponto de ilhós.

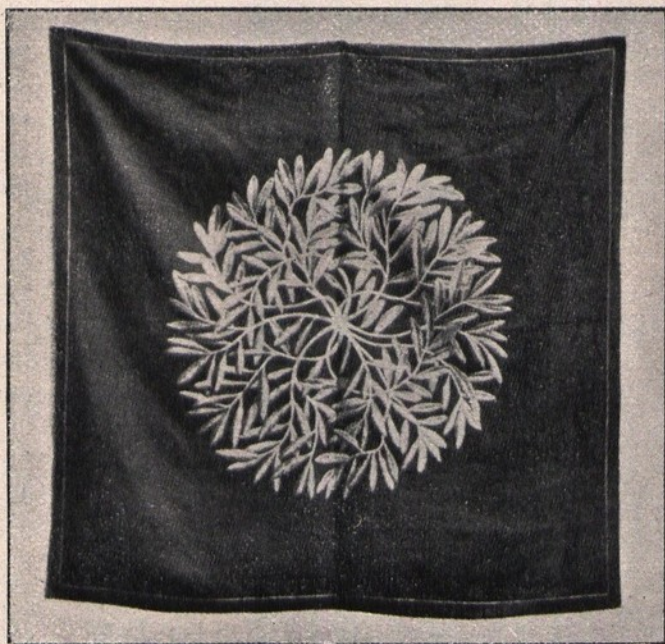
As folhas, ao contrario do bordado em relevo, são feitas em abertos, o que produz a harmonia dos dois bordados.

ALMOFADAS PARA SOPHÁ E PARA CADYIRA

A primeira faz-se em panno castanho escuro, com um desenho muito artistico e original. Convem escolher uns tons muito desvanecidos para bordar as flôres, por exemplo—*orchidée*, *bleu ciel*, ou mes-

mo crème e bordar as hastes que as prendem em *vert Nil*.

A segunda executa-se em panno verde, bordando a amarello torrado as partes claras, e as escuras n'um tom *marron*. Emprega-se para a execução d'estes bordados a filoflosse.



PANNO PARA ALMOFADA



PEQUENA TOALHA PARA CHÁ

PANNO PARA ALMOFADA

Completamente novo e extravagante, n'um linho verde *amande*, e com o bordado n'um tom dourado. As folhas são a ponto real, sendo um dos lados mais alto para formar relevo.

Rodeando a bainha; leva um frizo doirado.

TOALHA ARTISTICA PARA CHÁ

Feita em linho branco, e bordada a cinco tons de *vieux rose* e verdes palidos. As hastes são em ponto *pé de flor*; enquanto ás rosas são feitas em ponto cheio e matizadas com cinco tons.

NOVIDADES EM ROUPA BRANCA

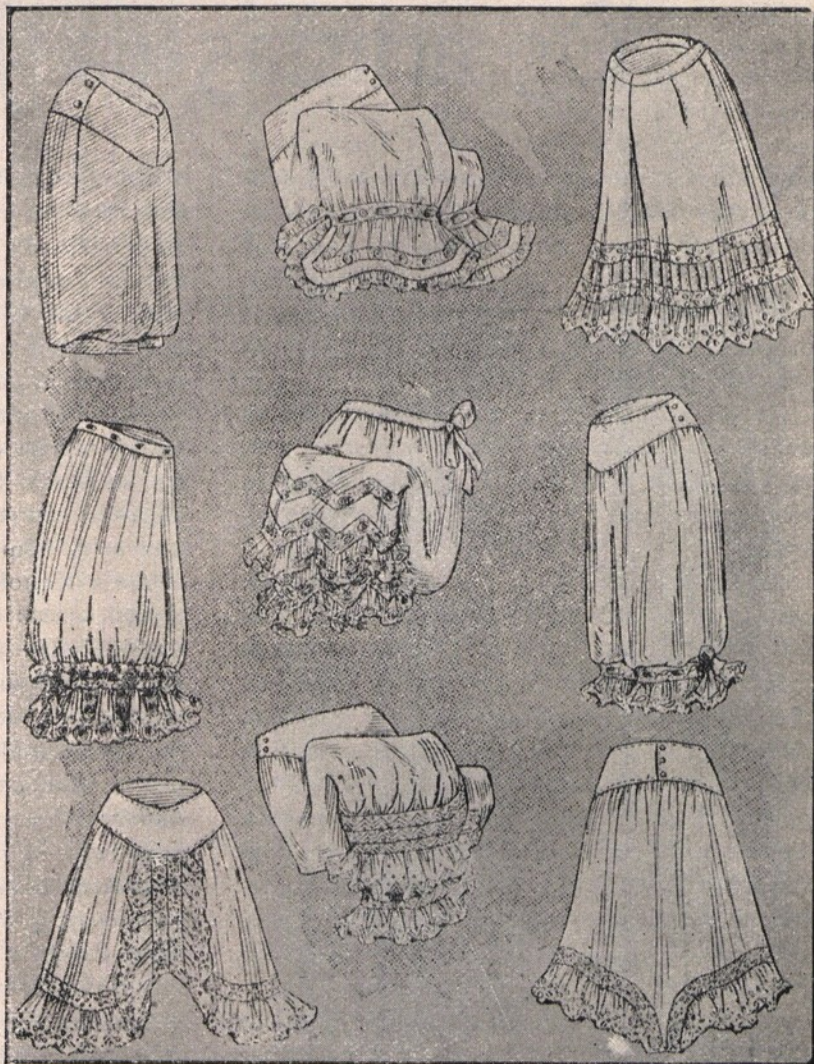
Representa a nossa gravura varios modelos de calças, de completa novidade.

As primeiras devem ser feitas em *zéphyr*, linho fino, ou alpaca, e são apropriadas para *sport*. O segundo modelo faz-se em cambraia, enfeitado a renda e tiras bordadas.

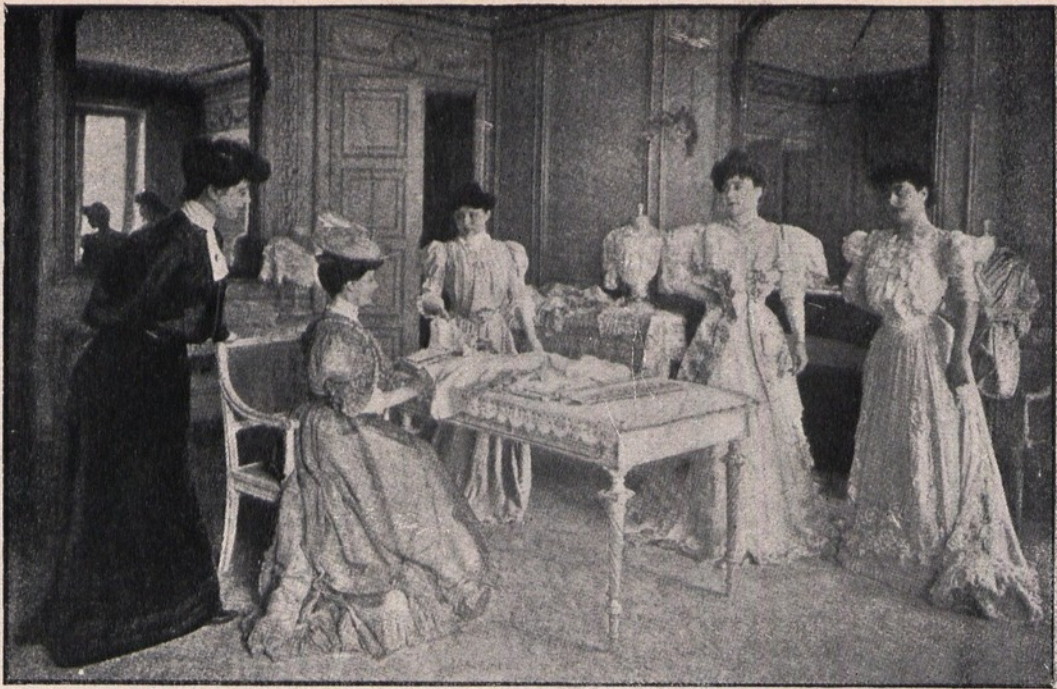
Deve empregar-se seda muito leve para a confecção do terceiro modelo, que é uma especie de saia dividida, d'um feitio muito gracioso. É guarnecida com bordado de seda, sendo as duas tiras bordadas separadas por uma ordem de pregas perpendiculares.

Os tres modelos centraes são feitos em cambraia, e guarnecidos de renda fina e tiras bordadas. A differença d'estes tres pares é no feitio do cós, sendo o do lado direito mais adaptado para pessoas nutridas.

Apresentamos um outro modelo lindissimo, representando a figura da esquerda a parte da frente, enquanto á direita vemos a parte de traz. Este par de calças é feito em cambraia finissima, *batiste* de côr, ou seda transparente, com enfeites de renda e bordados. O outro modelo é mais adaptado por baixo dos fatos de lã; é feito em cambraia de qualquer côr, levando folhos e tiras de *mousseline* branca bordada a côr.



NOVIDADES EM ROUPA BRANCA



A MODA É CAPRICHOSA NA ESCOLHA DA MATERIA PRIMA

Os artistas da Moda

Não existe moda, senão a de Paris. Os adoradores fieis da vaidade concordam todos n'este ponto e voltam-se para a Rue de la Paix com tanta devoção como um Mahometano para Mecca, embora sejam muitos os prophetas da moda, cada um d'elles com os seus sectarios leaes.

Depois das francezas, affirma-se que são as americanas as mulheres que melhor se vestem, mas ha uma certa leviandade lamentavel na maneira por que as americanas encaram a *toilette*.

As francezas tomam muito a serio tudo quanto diga respeito ao seu traje. Basta apenas lermos uma pagina de um dos melhores jornaes francezes da especialidade, para nos compenetrarmos do ponto de vista nacional. Não ha lá uma simples e rapida chronica de modas. As rhapsodias do escriptor deixam a perder de vista todos os lyrismos dos poetas. Tendo que descrever uma criação em taffetà vermelho, o chronista molha a penna no orvalho matutino de maio e invoca as Musas. Remonta-se aos ares nas azas invisiveis da poesia e entoa cânticos apaixonados de panegyrico. Procura allegorias em todas as regiões do Bello, inflammando-se-lhe gloriosamente os adjectivos, cita os classicos, põe a tributo

a historia e a fabula, remata com uma fervida apostrophe á mulher formósa — e não ha uma só das leitoras francezas que sorria. Não tem exageros nem extravagancias n'aquelles periodos. O taffetà vermelho era de Paquin. Em que santuario melhor poderiam assentar aquellas florescentes votivas?

Esta attitude popular com respeito a cousas de *toilette* é que tem feito de Paris o centro da Moda. Em qualquer parte pode surdir engenho na arte do vestuario, mas, por maior que seja, não pode aspirar á consagração e á gloria fóra de Paris. Um temperamento artistico carece de um ambiente sympathico, e só em Paris a arte da modista está catalogada entre as bellas artes. O grande Worth vivia acanhado e desconhecido nos antros impenetraveis de Birmingham; Beer, considerado por muitos como o maior genio creador da *toilette* na actualidade, desperdiçava as suas faculdades na soledade de Berlim; as irmãs Callot, as mais careiras entre as firmas parisienses, são da Provença, e á terra de Tartarin devem a generalidade audaciosa do seu engenho; a Maison Drecol, famosa em Paris e fundadora da moda viennense, foi estabelecida por madame Wagner, de Amsterdam. Uma vez enraizadas em Paris, estas insigni-



OS ARMAZENS DE MR. BEER

ficantes individualidades foram crescendo em fama e grandeza, e a sua historia é a de dois bons terços dos mais conhecidos artistas da Moda em Paris.

Muitos estabelecimentos d'esta ordem existem, e de ha cincoenta annos para cá tem-se assistido ao surgir meteorico, ao meteorico occaso de muitos d'esses astros. De ha poucos annos a esta parte que se tem visto tambem uma transformação sensivel no caracter dos grandes *modistas*, se não na qualidade do seu trabalho. Em tempo, não era descabida a phrase *genio creador* applicada aos chefes dos grandes estabelecimentos francezes de modas. Hoje em dia, esses grandes homens não passam de homens de negocios, mas antigamente os homens da velha escola eram artistas, tinham talento creador, e sabiam cultural o.

Wallis, inglez de nascimento, foi um exemplo extremo d'este modo de encarar a sua arte, embora o seu nome não seja tão conhecido da massa do publico como muitos outros. Era um artista a valer, um genio para as combinações de linhas e de côres. Estudava avidamente os tons, os contornos, os valores, nas galerias e museus de arte; passava dias e dias nas florestas a notar as combinações chromaticas das folhas de outono; inspi-

rava-se na flor, na ave, no insecto, tirando resultados assombrosos; mas tinha o temperamento mal equilibrado do genio, e a sua carreira foi curta.

Madame Rodrigues era portugueza, e desmentia o calumnioso aphorismo, geralmente accete, de que não podia surdir um grande talento na arte de *toilette*, tanto em Portugal, como na Hespanha e na Italia. Era uma artista phenomenal d'este mesmo typo, mas a falta de saude poz embargos á sua gloriosa carreira.

Outros *modistas*, não tão extremes como estes dois, fizeram parte do grupo artistico, mas foi realmente Worth o ultimo dos velhos mestres da *toilette*, comquanto Rouff mantenha muitos dos caracteres da velha escola, de mistura com o mercantilismo de hoje em dia.

Os novos são de diferente estofa. As obras sahidas dos seus *ateliers* não desmerecem das dos seus predecessores, mas são produzidas por methodos differentes. O chefe do estabelecimento é actualmente, antes de tudo, um homem de negocios de extraordinaria habilitade. É tambem um homem de bom gosto phenomenal — não é porém um genio creador. Não tem insomnias a parafusar em ideias embryonarias respeitantes a uma manga, a



DOIS DOS MODELOS DE WORTH NAS CORRIDAS DE CAVALLÓS

uma saia, a uma gola Não vagueia por florestas e campos, á cata de inspiração. Isso sim! Arremata o cerebro da miuçalha, e lança os productos d'esse cerebro para edificação do mundo feminino e para sua propria gloria.

Uma costureira do *atelier* tem um momento de inspiração. Vae ter com o patrão, e expõe-lhe a sua ideia. Se esta lhe agrada, elle compra-a, e a rapariga volta outra vez para o trabalho.

Ou então, é qualquer modista obscura, com mais originalidade que reputação, que vae

a assumir a direcção de um d'esses estabelecimentos, por isso que os graus proeminentes são largamente recrutados na sua classe, mas entrementes, contente-se em achar mercado para as suas ideias.

O genio do grande confeccionador actual consiste na apreciação das probabilidades de exito que offerece uma ideia.

Pode elle não ser capaz de conceber um vestuario original, mas o que elle sabe por instincto é o que é bom, o que nunca o engana são o seu gosto e o seu juizo. De entre



ESTUDANDO O EFEITO DE UMA SAIA N'UM MODELO

mostrar a um homem famoso — Paquin, por exemplo — uns modelos que ella delineou. Se a cousa offerece probabilidades de exito, o negociante compra-a logo, e por bom dinheiro. Homens d'estes pagam de bom grado generosamente as ideias; mas, uma vez compradas, o figurino fica sendo d'elles. O auctor não tem direito a repetil-o, nem a tirar d'elle gloria, por mais dinheiro e mais fama que elle traga ao comprador, entre o mundo *fashionable*.

Injustiça? Não A modista humilde não dispõe de recursos para lançar a sua ideia. Ganha mais em vendel-a a uma casa famosa do que se pretendesse exploral-a por si só. No correr dos tempos, pode ser que ella venha

uma centena de modelos, elle escolhe sem hesitação o que se impõe á voga; e tendo tido o gosto na escolha, tem a habilidade mercantil para a exploração e para a venda.

Foi talvez Paquin o primeiro, como é o maior, da nova escola. Ha uns treze ou quatorze annos era elle um humilde empregado na Bolsa. Madame Paquin — a qual, diga-se de passagem, tem scentelhas da arte divina da *toilette* — era uma modestissima modista absolutamente desconhecida. Casaram-se os dois, e um protector opulento estabeleceu-os n'um bairro *chic*.

Não houve nem clangor de trombetas, nem rufos de tambores, mas o que é certo é que

com a abertura d'aquella lojita da Rue de la Paix, Paris estava a caminho de outra revolução.

Os velhos mestres haviam sido personagens temerosas, cercadas de mysterio, sequestradas da turba profana. Eram raras as freguezas que se abeiravam d'elles. Havia intermediarios que dirigiam as consultas, que attendiam a todos os pormenores. Só para uma cliente mais illustre, ou em attenção a alguma ordem mais instante, é que o grande homem se dignava sahir do seu gabinete e conceder uma

se mostrou tão habil quanto era amavel, as que tinham vindo uma vez voltaram, as outras seguiram-lhes na piugada.

Actualmente, sob o ponto de vista commercial, é o *atelier* de Paquin o mais prospero de Paris, e o seu rendimento calcula-se por alto em 400 contos por anno. Já não é feio!

Não tardaram imitadores a seguir o exemplo de Paquin, e hoje muitas das casas mais famosas teem á sua testa individuos attrahentes.

Um dos mais typicos d'esse grupo é Doeuillet. Estabeleceu-se n'um dos palacios his-



À ENTRADA DE PAQUIN — GRUPOS DE RAPARIGAS, ENTRE AS QUAES SE ESCOLHEM OS MANEQUINS

conferencia pessoal. Em geral, fazia crêr que estava nos transe da creação artistica, e seria uma nefanda offensa ir perturbal-o.

Tudo isto impressionava e aturava-se de boa mente, até que Paquin, arteiro juiz da natureza humana, diplomata de nascença, homem de negocios por excellencia, inaugurou novo regimen. Era elle um homem moço, gentil, circumspecto, mavioso. A mulher era encantadora. Foram ao encontro das clientes com profundo *empressement*, trataram-nas com o maximo acatamento. As senhoras acharam o systema eminentemente agradavel e lisonjeiro para o seu amor proprio. Satisfeitas com aquellas blandicias, desde que a nova firma

toricos da Place Vendôme, onde tem a mais soberba installação de Paris. As obras que de lá saem harmonisam com o estabelecimento. A sua especialidade são confecções aprimoradas, os seus preços são monumentaes, e a sua clientela é constituída pelas damas mais notaveis em riqueza e extravagancia, de preferencia ás que se distinguem pela finura e pelo *chic*.

Mas quando se fala de Doeuillet a uma das suas clientes, não é sobre os figurinos que versa a resposta, mas sobre o aspecto do grande homem.

— Um Adonis, *ma chère!* Que maneiras, que figura, que olhos! — Ah!

Francis é outro d'esses feiticeiros, e como elles reforça a magia com a habilidade. A sua especialidade é o genero *tailleur*.

Armand é o neophyto na profissão, o recruta mais recente da nova escola. Já alguns annos ha que elle surgiu no horizonte mercantil, mas não lhe levou mais de um anno o trepar ao zenith da gloria. Era um negociante sem importancia. Dentro de nove mezes tornou-se proprietario de um famoso estabelecimento de modas, que occupa o antigo palacio Saye, na Place Vendôme, o palacio em que pela vez primeira se encontraram Napoleão III e Eugenia de Montijo. Mais uma combinação triumphal de geito mercantil e *beaux yeux*.

Mas não é indispensavel a formosura para que o talento erga o moderno *modista* ás eminiencias da riqueza e da fama. Ainda pondo de parte os mancebos gentis, a lista é bastante longa para não ter aqui cabimento por inteiro.

Beer, as irmãs Callot, Laferrière, Blanche Lebouvier, Rouff, Madame Havet, Mademoiselle Carné, tudo isto são nomes conspicuos no mundo financeiro. Worth faz um negocio de mão cheia, com a clientela seria. Procuram-no as viuvas da aristocracia ingleza e franceza; e Jean Worth, chefe e gerente actual da casa, goza, mais ou menos, do prestigio de seu illustre avô.

A nobre cliente acha-o um rapaz encantador, e diz-lhe assim:

— M'sieu Jean, quando vivia o seu famoso avô, fez-me uma *toilette* de brocado *bleu ciel* que me ficava a matar. Eu o que queria era uma cousa assim pelo mesmo gosto...

E M'sieu Jean repete para a edade madura o brocado *bleu ciel* da juventude. Cria tambem por sua conta um lindissimo brocado *bleu de ciel*, e leva por elle um preço que deixaria pasmado o seu famoso avô. Pertence á velha escola por hereditariedade, mas tem modernos instinctos commerciaes, o galante rapaz!

Os preços medios da moda franceza teem subido durante o actual regimen, embora sempre se pagassem quantias exorbitantes por creações especialmente originaes. Realmente, não ha hoje limite para as despesas da *toilette*; vestuarios espectaculosos são pagos por preços espectaculosos. Mas o preço da maioria dos vestuarios vendidos pelas casas mais importantes regula entre cem e quinhentos mil réis, sendo as maiores vendas entre cento e setenta e cinco e trezentos mil réis. Casas ha que



MR. DOEUILLET SUPERINTENDENDO PESSOALMENTE OS ULTIMOS TOQUES

se recusam a fazer a *toilette* mais simples por menos de cento e cincoenta mil réis e poucos vestidos fazem por preço inferior a quinhentos mil réis. Não é pois de extranhar que o grande confeccionador de Paris seja uma personagem de importancia, pertencendo aos clubs mais *chics*, em evidencia por toda a parte, excepto na roda exclusiva da alta sociedade, dono de uma magnifica casa de campo na margem do Sena, uma vivenda á beira-mar na Normandia, uma *villa* na Riviera, comprando—como um d'elles fez este anno—quarteirões inteiros no bairro mais dispendioso de Paris, gastando—como fez outro do gremio—vinte contos de réis n'um só dia para obsequiar uns poucos de amigos escolhidos, correndo em automoveis de primeira ordem, guiando e montando bellos cavallos, e mirando de alto a torrente das modas que elle proprio pôz em movimento.

Todavia, as despesas de uma grande casa de modas são consideraveis, assim como os lucros. São raros entre esses autocratas os que praticam directamente o mister. Teem que pagar a technicos capazes de pôr em execução, com primor, as ideias que elles desejam explorar, e são elevados os salarios das pessoas habeis no corte, na prova, nas feituraes de mangas, de saias, etc. N'um estabelecimento d'estes exigem-se fazendas e guarnições especiaes; nada se regateia nem se omitta que contribua para a belleza de uma *toilette* e mantenha a reputação da casa. O que se procura é o exito, não a economia. Um estabele-

cimento d'estes tem sempre um pequeno exercito de empregados, e é uma verdadeira colmeia de industria systematisada; mas os patrões apenas veem o exterior d'estas machinas, sem sequer fazerem ideia das engrenagens que lhe dão movimento.

Nas relações entre as empregadas superiores e a firma commercial, a principal figura é a encarregada das vendas, e a encarregada das vendas de uma boa casa de modas de Paris é por ventura a mais perspicaz de quantas mulheres de negocio existem por esse mundo.

O seu conhecimento de cousas parisienses é só egualado pelo seu conhecimento da natureza humana, o seu modo insinuante emparelha com a sua diplomacia. Ao lado dos seus amavios, o canto das sereias é uma cega-rega insupportavel. É capaz de impingir um casaco de marta-zebelina, do valor de dez contos de réis, a um selvagem dos sertões equatoriales—o caso é pescar ella os dez contos no bolso do selvagem.

E isso é que ella sabe. E o que mais espan-

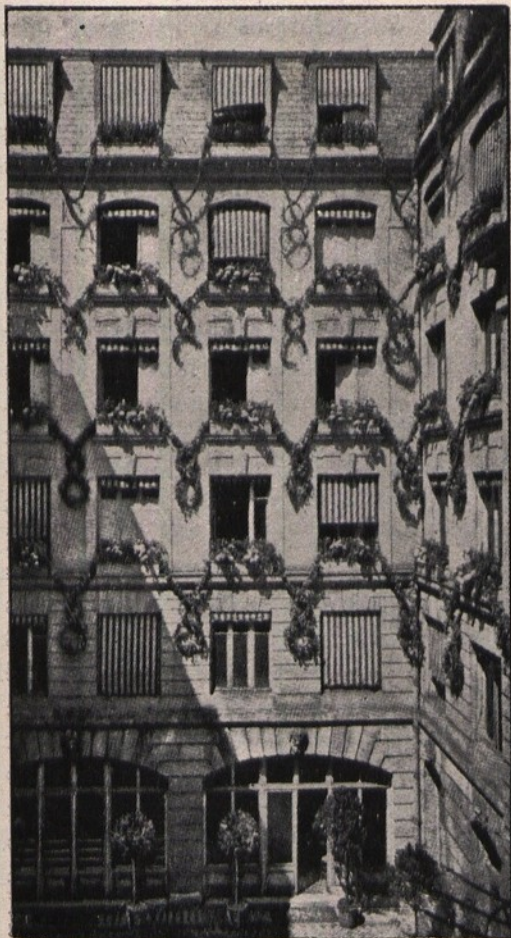
ta, é ella saber sempre tudo; pelo menos, se não sabe, tem artes, insensíveis para o cliente, de apanhar n'um relance todas as informações que lhe aproveitam.

Nunca erra, essa creatura blandiciosa, sorridente, persuasiva, cuidadosamente trajada. e olhem que em Paris não faltam ensejos para errar. Não é só questão de saber a situação financeira do marido de Madame A ou da condessa B. É cousa mais complicada o systema de credits usado por uma casa de modas parisiense. Quando Mademoiselle Blanche, do Scala, ganhando cincoenta francos por semana, pára á porta do estabelecimento n'uma magnifica equipagem, com cocheiro, lacaio, aia, tudo no trinque, rebenta pelas salas dentro e desata a falar em *toilettes* de cinco mil francos, a encarregada das vendas não manifesta surpresa. Parafusa lá com os seus botões e trata de formular habilmente o seu inquerito. O mais provavel é ella pescar immediatamente a explicação da boca da propria Blanche, á força de argucias diplomaticas e de captivantes adulações. Quando isto não pega, sempre ha outros meios de descobrir a meitada, antes de se cortar a fazenda.

E embora toda a gente saiba que o Grão-Duque poz á margem a Mimi des Folies-Bergères, quando a Mimi entra por alli dentro toda sorrisos, a fazer encomendas exorbitantes, nem por isso deve haver precipitações. A um grão-duque pode succeder um banqueiro opulento. E ainda quando a conta não offerece garantia visivel, é preciso ter toda a contemplação com a linda creaturinha. O futuro pode reservar-lhe outros grão-duques.

Não se podem dizer summamente Moraes estes calculos, mas são eminentemente parisienses. E afinal de contas o negocio das modas em Paris tem naturalmente de se adaptar ás condições do meio. Com a fonte d'onde brota o dinheiro não tem nada o dono do estabelecimento commercial, o caso é que o dinheiro vá correndo, e as *demi-mondaines* de Paris são as melhores clientes de artigos de *toilette*—e são alem d'isso as mulheres mais bem vestidas do mundo. Todos os interessados confessam isto com a maxima franqueza, e accrescentam com equal sinceridade que, logo a seguir ás *demi-mondaines* francezas, são as damas americanas as suas freguezas mais importantes.

«Ha francezas de boa roda que se vestem a capricho», disse um dos mais famosos *mo-*



PATEO DE ENTRADA DO ESTABELECIMENTO BEER



COMO SE CRIA UM «COSTUME» ORIGINAL

distas, «o numero porém é insignificante, comparado com o numero de *demi-mondaines* que se vestem com egual primor. Se nós contássemos apenas com a clientela respeitavel, estavamos entalados, a não ser que as americanas nos accudissem. Estas vestem realmente bem, e gastam dinheiro com tanta indifferença como se não pertencessem ao mundo respeitavel. Teem bom gosto, embora a americana mais bem vestida não chegue em elegancia á mais bem vestida franceza. Ha sempre uma differença, que eu não sei bem explicar.

Foi para essa differença, creio eu, que se inventou a palavra *chic*».

A encarregada das vendas é tão habil no tracto com Miss Millions de Chicago como com a tresloucada Mimi. Lisonjeia com tal subtiliza, insinua-se com tanta manha, faz-se de tal maneira indispensavel, agarra a cliente e não a larga, acarreta centenas de contos para a casa, e recebe uma commissão de todas as vendas. Ha uma—das melhores da classe—que chega a fazer 15 contos por anno d'essas commissões, e, embora isto seja excepcional, todas ellas vencem grossos emolumentos.

Os manequins ou modelos são os elementos secundarios de uma casa de modas; teem

comtudo pequena importancia, em comparação com as encarregadas da venda. D'estas não é facil substituir uma em bons termos, ao passo que os manequins, é só pedil-os por boca. São as raparigas que vestem as *toilettes* que a encarregada das vendas deseja pôr em evidencia, e o seu valor mede-se pela elegancia com que ellas ostentam os primores da creação artistica. É disparatadissimo muito do que se conta a respeito dos encantos transcendentales dos manequins parisienses; os romances sensacionaes d'essas humildes bellezas e dos seus casamentos espectaculosos — da mão direita ou da mão esquerda — são, em regra, obras de pura imaginação.

Não é facil encontrar grupo mais vulgar do que o dos manequins, quando chegam de manhã á casa onde são empregadas. Nem sequer merecem segundo olhar de quem por ellas passa.

Mas d'alli a meia hora, quando a Mademoiselle, admiravelmente espartilhada, habilmente concertada na tez, nos olhos, nas sobrancelhas, com um penteado *dernier cri*, as unhas e as mãos primorosamente tratadas, os pés calçados de melindrosos sapatinhos de tacão alto, arrasta a cauda pela sala de provas, trajando com a tradicional graça franceza uma *toilette* de appetite — então é que o manequim de Paris se mostra como quem é. Formosa não é ella, mas ninguem se lembra de lhe pedir formosura; o que ella é, é excessivamente *chic*.

Boa figura e talento para trajar com elegancia são mais importantes para um manequim do que a simples formosura. Mas o que é certo é que por detraz dos balcões de Londres, de Vienna ou de New-York, se encontram facilmente duzias de raparigas que deixam a perder de vista qualquer manequim da Place Vendôme.

Ha umas poucas d'essas raparigas manequins que teem chegado a encarregadas de vendas, algumas que teem casado bem, outras que deram em *dames galantes*, uma d'ellas veiu a ser camareira da Rainha Victoria e foi depois para New York, uma ou duas encontraram situações de somenos importancia na scena franceza; mas na maioria os manequins são raparigas vulgarissimas, cuja historia é apenas a historia trivial de qualquer operaria parisiense.

(Continua)

Consultorio de Luiza

Conversando!

Minha illustre senhora: A carta de V. Ex.^a interessou-me e respondi o que sentia.

Contei-lhe uma historia fundada em um entusiasmo semelhante ao que V. Ex.^a tinha com a Després e lhe provocou tal desgosto por seu marido não ter feito a assignatura.

Como porém o espaço do jornal não permite o inseril-a, irá no proximo numero e a seguir as outras.

LUIZA.

RESPOSTAS

HENRIQUETA — Lisboa. — Por enquanto não.

Não posso dar a minha opinião sobre o sentido porque não gosto do genero *Imperio*.

Acho muito deselegante.

As contas acho engraçadas em senhoras novas e meninas.

Prefiro ainda, apesar de muito vistas, as azues claras.

ANGELA — Ponta Delgada. — Em uma casa bonita e fresca, o cabello branco é mais um attractivo!

Sendo nova, como é, o meu conselho era deixal-o assim! Na minha opinião não ha pintura inoffensiva; todas me parece que fazem a cara envelhecida, antes de tempo! Insistindo, porém, V. Ex.^a, em *esconder* essa graça que talvez lhe dêsse á physionomia, um *charme* picante de originalidade, use V. Ex.^a querendo o cabello preto, a *Nigrigène* e querendo-o louro, a *Blontigène*, que me dizem dar resultado. Creio haver aqui em Lisboa quem o possa arranjar e remetter a V. Ex.^a, mas pode entender-se V. Ex.^a por carta e directamente com a dona da perfumaria, pessoa muito habituada a fornecer todas as elegancias de *toilette*! A direcção é D. Emilia — Rocio, 101 — Perfumaria — Lisboa.

Quanto á caspa, é muito facil de tirar la-

vando V. Ex.^a a cabeça com dois ovos. — E passando, depois de muito bem esfregado o cabello com os ovos, a cabeça toda com agua morna até sahir a agua limpa! — É preciso, porém, ter depois o maior cuidado em não apañhar ar sem ter a cabeça e o cabello perfeitamente enxutos.

E para evitar a queda do cabello (que em geral cahe e torna a nascer a toda a gente e o melhor é não pensar n'isso) para evitar pois a queda do cabello, unte V. Ex.^a a pelle da cabeça com *oleo de ricino* e *oleo da matta*, 15 grammas de cada oleo, n'um frasco, com uns pingos de perfume. Agita-se o frasco antes de usar e verá o bem que faz.

E faça V. Ex.^a a diligencia de *não pensar* no cabello. Não se ha de arrepender.

BIBORA. — O dr. Anselmo da Conceição, um dos nossos mais espirotuosos jornalistas, *lia no futuro* — Luiza trata só do presente e só se interessa pela côr do cabello e rosto das suas consulentes, quando tenha de dar, sobre qualquer *toilette*, a sua opinião.

O perfume que *deve* usar é aquelle de que mais gostar. — O que agrada a umas pessoas desagrada a outras. A *toilette* conforme a occasião a que a destina.

Livros segundo o estado e a edade; já tive, em conversa, occasião de, n'esta mesma secção, o dizer ás minhas consulentes.

MARIA ANTONIETTA. — Pó para as unhas peça V. Ex.^a para a perfumaria que n'este mesmo consultorio recommendo a *Angela*.

Tem tudo o que ha de melhor, de mais fino e *em conta*. O perfume da moda dizem ser a *Azuréa*.

Os laços no cabello ficam sempre bonitos em veludo preto. De côr e em gase, *só no theatro* e em *toilette*. Ou então em *soirée*.

Para a queda do cabello veja V. Ex.^a a receita que dei a *Angela* e é provada. Póde usal-a certa da sua efficacia.

BRUNETTE. — No proximo numero enviarei a resposta.

Acho muito gentil a sua cartinha e franqueza. Não se ha de arrepender. Assim é que eu gosto das pessoas, despidas de vaidades e sendo elegantes dentro da *modestia dos seus meios*. Tudo mais é ridiculo e é feio!

ADELINA. — Para tirar a vermelhidão do rosto:

Mandar ferver, em *banho maria*, 120 grammas de *oignons de lys* em 500 grammas d'agua até ficar reduzida a um copo. Côa-se. Banha-se o rosto e deixa-se seccar sem limpar, tendo

o cuidado de pôr uma toalha fina por deante do rosto, para evitar um golpe d'ar.

ERNESTINA. — O chapéu é da casa Machado e Ferreira — Rua Nova do Almada, 59-61.

Muito estimei que V. Ex.^a gostasse do preço e da escolha.

Luiza deu as indicações e pelo que me diz, satisfizeram plenamente. E já V. Ex.^a pôde, sempre que quizer, dar para lá as suas ordens.

Isto sem querer desobrigar-me de ser agradavel no que poder a V. Ex.^a

D. AMELIA IMAGINARIA. — No mez de janeiro vão os moldes que V. Ex.^a pede e a resposta.

LUIZA.

Notas da dona de casa

REMEDIO PARA AS FRIEIRAS

É costume dizer-se que só o *pó de maio* é que pode cural-as.

Pois ahí vae uma receita, que tem dado excellente resultado a pessoas das nossas relações que a teem applicado. O remedio produz ainda melhor resultado se se empregar como preservativo.

Sabemos de uma senhora que tinha frieiras todos os invernos e que está livre d'ellaç este anno, porque apenas começou o frio tratou logo de usar o medicamento, que é muito empregado em Hespanha.

Tem um inconveniente: é deixar os dedos um pouco encardidos. Mas quem, por mais presumido que seja, não preferirá isto a padecer o terrivel mal das frieiras, que ás vezes produzem até deformações permanentes nas juntas das phalanges?

A receita é a seguinte e deve ser aviada em botica de confiança, para que o remedio fique bem crystallino:

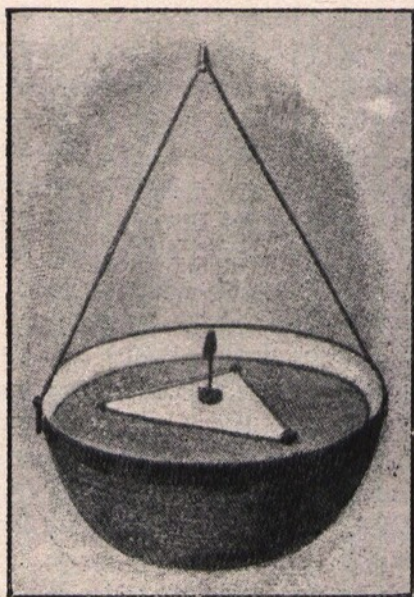
Balsamo do Perú	4 grammas
Alcool	35 »
Acido chlorhydrico	3 »
Tintura de benjoim	4 »

Esfregam-se bem os dedos com este liquido ao deitar e sempre que se lavarem as mãos.

Esperamos receber muitas cartas de agradecimento, especialmente das nossas leitoras da Beira, Traz-os-Montes e Alemtejo.

LUZ PARA QUARTOS DE DOENTES

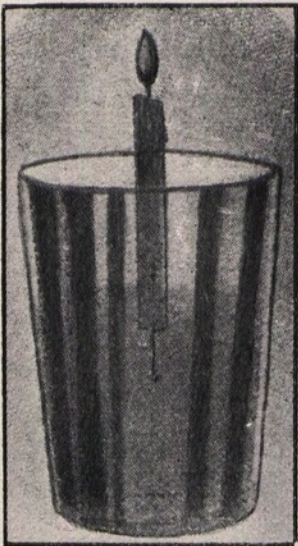
A todas as pessoas que desejam conservar uma luz morticha no quarto de um doente aconselhamos o seguinte:



Faz-se um sacco de crochet no qual se mette uma tigella. Esse sacco, pendura-se por um

cordão ou fita. Arranja-se um pequeno triangulo de estanho e enterra-se uma pequenina rolha a cada canto, para o triangulo se conservar boiando por cima do liquido. Faz-se um furo ao meio do triangulo d'uma largura sufficiente, para que se possa lá metter uma vellinha. Enche-se a tigella meia de agua, com uma mistura de agua de rosas ou essencia de violetas, em seguida enche-se a tigella até acima de azeite, e accende-se o pavio. O resultado é espalhar-se pelo quarto uma luz muito suave, e o ar fica perfumado e agradável para se respirar.

Para o mesmo effeito ha uma outra luz, feita d'outro modo, mas tambem facilima de se arranjar. Pega-se n'um bocado de vella, e



aquece-se um preguinho de arame, o qual depois de quente se enterra pela vella acima. É preciso que entre mesmo pelo centro da vella para a conservar bem direita dentro da agua.

Enche-se o copo meio d'agua, mette se dentro a vella, e accende-se.

Quanto mais a vella arde, mais leve se torna, e vae-se levantando na agua á medida que vae ficando mais curta, até que arde de todo e deixa cair o prego no fundo do copo.

Esta luz, apezar de não ser tão suave como a outra, é no emtanto boa para quartos de doentes.

CUIDADO COM O CALÇADO

Nunca se deve forçar o pé ao uso d'um sapato muito apertado; não ha nada mais afflictivo que ter os pés doridos. Nunca se engraxam os sapatos sem primeiro os ter limpado

com uma flanella, e em seguida com vaselina. Não se devem deixar nunca ao pé do lume.

O melhor meio de os seccar é enche-os de aveia depois de engraxal-os, pol-os n'um sitio quente, e a pouco e pouco seccarão sem mudarem de feitio.

Lavam-se com um panno molhado pelo menos uma vez por semana, e põe-se oleo á noite para os conservar. Com sapatos novos não se devem usar galochas, e em tempo de chuva usam-se sapatos velhos mas fortes, para impedir que lhes entre agua.

A MELHOR ALIMENTAÇÃO

Todos os dias, a mulher precisa comer 75 grammas de alimentos compostos de carne, e 220 grammas dos outros alimentos, enquanto o homem precisa para seu alimento 150 grammas de alimentos compostos de carne e 300 grammas de alimentos diversos.

Eis uma lista dos melhores alimentos: Carne, leite, pão, ervilhas, lentilhas, favas e farinha de aveia. São principalmente os que contem gomma, como o arroz, tapioca, sagú, etc. Os vegetaes não sustentam senão comidos em grandes quantidades.

Entre as fructas, as peras e as maçãs são as que alimentam mais.



BACILLO DO AMOR CONJUGAL
(Ampliado 500 milhões de vezes)

MELÃO RECHEIADO

Eis uma receita que encontramos n'um jornal francez, e que nos faz realmente crescer agua na bocca:

Pegue-se n'um bom melão, e faça-se-lhe uma abertura circular em volta do pé. Tirem-se as pévides, tendo o cuidado de não atacar a polpa. Depois introduzam-se alternadamente no melão duas colheres de assucar e uma camada de morangos, até ficar cheio. Deite-se depois para dentro um pouco de vinho de Bordeus (é de suppôr que o Bucellas, por exemplo, o substitua sem grande desvantagem). Tape-se hermeticamente o melão com a parte que se lhe arrancou, e deixe-se marinar durante vinte e quatro horas n'um sitio bem fresco.

CONTRA O CARUNCHO NOS MOVEIS

N'um litro d'alcool, deita-se um gramma de sublimado corrosivo. Esfregam-se os moveis com um pincel, fazendo penetrar bem o liquido na madeira, tornando a fazer a mesma operação tantas vezes quantas fôr preciso.

CUIDADO COM AS LUVAS

Na compra das luvas, esse accessorio tão importante do vestuario feminino, é preciso ter sempre paciencia para escolher até acertar bem.

É melhor systema dar a mão para medida, e mandar fazer de encomenda.

Quando não se provam as luvas na loja, devem-se abrir em casa, antes de se usarem, com o instrumento proprio, o qual alarga os dedos um por cada vez.

Tendo-se esse cuidado, quando se põem as luvas pela primeira vez, conservar-se-hão mais tempo sem perderem o feitio.

Nunca se devem tirar as luvas, puxando-as pelas pontas dos dedos; a melhor maneira de se tirarem é pelo canhão, voltando-as do avesso. Depois de sacudidas e dobradas, guardam-se n'um papel apropriado, que, pelo menos lá fóra, se vende já para esse fim.

Nunca se devem comprar luvas apertadas; não é bonito vêr a mão atrophiada dentro d'uma luva pequena demais para o tamanho da mão.

